

Universidade de Brasília
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Goiânia Casa Moderna
1950.1960.1970

Eurípedes Afonso da Silva Neto
Dissertação de Mestrado

Brasília, 2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Eurípedes Afonso da Silva Neto

Goiânia Casa Moderna

1950.1960.1970

Dissertação de Mestrado

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sylvania Ficher

Brasília, 2010

Termo de Aprovação

Eurípedes Afonso da Silva Neto
Goiânia Casa Moderna: 1950.1960.1970

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo

Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Linha de Pesquisa: Teoria, História e Crítica da Arquitetura e do Urbanismo

Dissertação defendida em 22 de Novembro de 2010 perante a banca examinadora composta pelos professores:

Prof.^a Dr.^a Sylvia Ficher: Orientadora

Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo

Prof. Dr. José Galbinski

Centro Universitário de Brasília, Faculdade de Arquitetura, Departamento de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo

Prof. Dr. Andrey Rosenthal Schlee

Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo

Prof. Dr. Eduardo Pierrotti Rossetti (Suplente)

Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo

a E.A.Silva

Agradecimentos

Sylvia Ficher
Monise Campos
CNPq

Resumo

A casa é um elemento existente em todas as culturas, cenário de uma vida onde várias funções se sobrepõem. Agente modificador da paisagem urbana, que interage através de sua implantação, volumes, materiais, desenho ou mesmo pela forma de apropriação dos proprietários. Esse intrínseco viés sociológico variável é uma das características que torna a tipologia tão rica.

A relevância que a moradia desempenha no cotidiano, na formação do espaço, no marco de uma época e cultura nos leva a elegê-la como foco de aprofundamentos. Na dissertação serão investigadas obras projetadas por arquitetos, inseridas em um momento de expansão de Goiânia, coincidente com a difusão dos conceitos do Movimento Moderno.

Palavras-chave

Casa, Movimento Moderno, Goiânia.

Sumário

Introdução	7
1. Brasil	9
2. Goiânia	11
3. A casa e o Moderno em Goiânia	13
4. Metodologia	16
5. Arquitetos	19
Eurico Godoy	23
David Libeskind	26
Luís Osório Leão	28
Raul Naves Filó	30
Silas Rodrigues Varizo	31
Antônio Lúcio	33
Paulo de Barros Mendonça	37
6. Casas	39
Residência Dourival de Souza Bacellar . 1952.1953	40
Residência José Félix Louza . 1952.1953	50
Residência Haji Ascar . 1955.1957	60
Residência José Ribeiro Parrode . 1960.1962	71
Residência Benedito Umbelino de Souza . 1961.1962	80
Residência Eurípedes Ferreira . 1961.1962	89
Residência Carlos Cunha Filho . 1963.1964	100
Residência Abdala Abrão . 1966.1967	110
Residência Leo de Queiroz Barreto . 1972.1974	122
Residência Ruffo de Freitas . 1972.1974	133
Residência Georhton Philocreon . 1974.1975	144
Residência Antônio Lúcio . 1974.1975	155
7. Conclusão	167
8. Créditos	174
9. Bibliografia	178

Introdução

Esse trabalho tem como foco sistematizar informações a respeito das residências projetadas por arquitetos nas décadas de 1950, 1960 e 1970, que se evidenciem como exemplos do Movimento Moderno em Goiânia. Estão aqui reunidos dados que permitem a compreensão de cada projeto como um todo; documentos necessários a leitura da edificação acerca dos processos construtivos, dimensionamentos, relação com a cidade e intenções presentes.

Além de questões técnicas, inserem-se dados biográficos dos profissionais envolvidos, informações referentes a clientela, viabilização das obras, soluções construtivas e outros. A introdução desses itens na descrição dos objetos oferece maiores subsídios a investigação e compreensão de cada edifício, agregando valores sócio-culturais que possibilitem conexões ao seu contexto original.

As residências principais foram selecionadas por meio de entrevistas, análises do espaço edificado, leitura de outros trabalhos realizados, publicações e documentos cadastrais. Não existiu aqui a pretensão de abordar toda a produção residencial do período, mas sim o bastante para oferecer meios de compreender como essas obras foram espelho de um ideal arquitetônico que permeou a produção local.

A organização visa esclarecer e elucidar a situação da arquitetura realizada nessas três décadas. Trata-se de produção pouco estudada e sem o aprofundamento necessário. Cabe evidenciar a procedência dessas obras, deixando claro que não estavam dissociadas do contexto brasileiro, mostrando a formação dos agentes dessa arquitetura goiana, que tiveram contato e sofreram influência de nomes como: Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Vilanova Artigas, Sergio Rodrigues e Carlos Millan (METRAN, 1996:171-176).

Foi montado um quadro do Modernismo em Goiânia, sobrepondo os fatos regionais aos nacionais, possibilitando assim situar essas manifestações em um espaço/tempo definido. Identificando como se deu o início e o desenvolvimento do novo pensamento, a relevância das nascentes universidades, construtoras e, principalmente, arquitetos. Explicitando a trajetória desses profissionais, evidenciando métodos de

trabalho, formação acadêmica, influências projetuais e a função que desempenharam meio ao contexto local.

Ao organizar os acontecimentos, informações foram colhidas junto a acadêmicos, arquitetos e engenheiros que presenciaram esses momentos. Também com os próprios autores dos projetos em questão, proprietários das obras ou publicações locais. Dessa forma, apanhando recortes e integrando-os de forma ordenada, buscou-se situar as transformações e o surgimento das novas edificações de forma cronológica e inteligível.

Vale ressaltar que a intenção do trabalho não é repassar mais uma vez todo o percurso do Movimento Moderno e sua difusão no mundo, em especial no Brasil, mas sim verificar como isso se deu em uma cidade, Goiânia, e em um programa específico, a moradia unifamiliar.

1. Brasil

No Brasil, o início do século XX é marcado por um processo de modernização econômica e política, paralelo à industrialização de suas grandes cidades. Dentre os fatores geográficos, sociais e políticos, temos o crescimento urbano como um dos principais impulsos à economia. O êxodo do campo para cidade estimula o crescimento do mercado imobiliário, e arquitetos encontram-se frente à extensa área de atuação que abrange fábricas, edifícios públicos, comerciais e residenciais.

Em paralelo à modernização experimentamos a difusão do Modernismo europeu em terras brasileiras. Proveniente de um movimento inovador, suas idéias vinham refletindo-se inicialmente em São Paulo, estendendo-se ao Rio de Janeiro e posteriormente permeando outras regiões. A nascente expressão evidencia modificações mais profundas, não mais exclusivamente ligadas ao caráter estético. A agora moderna edificação traz consigo o ideal político, cultural e tecnológico.

Neste contexto, pode-se inserir a construção e o rápido crescimento de Goiânia, cujo espaço edificado é inicialmente definido por edificações nos estilos *art déco* (fig.1) e neocolonial (fig.2). Posteriormente, os recém inaugurados exemplares do Modernismo constituem exemplos de uma nova linguagem, destacando-se na paisagem (GONÇALVES, 2002:127) em meio à produção local. Embora pontuando a cidade de forma rarefeita, esses exemplares provocam rupturas na ordem arquitetônica estabelecida e de algum modo estimulam outros olhares, críticos, discordantes ou pactuantes.

Assim, ao longo das décadas de 50, 60 e 70 a cidade passa a ter um acervo Modernista significativo, não exclusivamente residencial. A produção foi fruto do trabalho de profissionais lá estabelecidos ou provenientes de outras regiões, principalmente do sudeste. Dada a inexistência de formação em arquitetura no Estado até 1968, ano de fundação da Faculdade de Arquitetura da Universidade Católica de Goiás, é comum a todos a graduação em outros centros: Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte.

Meio aqueles de atuação pontual encontram-se arquitetos renomados como Sérgio Bernardes, David Libeskind e Paulo Mendes da Rocha. Dos profissionais locais, que estabeleceram atividade profissional



Fig.1 . Cine Teatro Goiânia. Autor: Sílvio Berto.
In: BORGES, 2007. p.33.



Fig.2 . Sobrado Neocolonial. Autor: Ciro Augusto de O. e Silva.
In: FILHO, 2007. p.114.

em Goiânia, podemos citar Antônio Lúcio, Luis Osório, Raul Filó, Ariel Costa Campos, Elder Rocha Lima, Silas Varizo e Eurico Godoy (VAZ, 2004: 1955). Neste último caso os autores e suas obras são menos conhecidos e, portanto, menos pesquisados.

O recorte temporal adotado trata de um segundo momento do Modernismo brasileiro – precedido pelos pioneiros Warchavchik e Lúcio Costa – em que essa nova produção iniciava sua difusão e acontecia não mais apenas em obras de exceção.

Nesse período a arquitetura no Brasil se mostra em franca ascensão; o crescimento de Belo Horizonte, a criação de Goiânia e o planejamento de Brasília abre espaço para uma renovação na técnica construtiva (GONÇALVES, 2003:21). O fomento da construção civil acarreta em diverso número de obras, permitindo a experimentação de formas e a adoção dos preceitos modernistas. Em um momento ainda de consolidação e avaliação de novas idéias, a casa torna-se “muitas vezes a única, a melhor ocasião para o arquiteto experimentar” (ACAYABA, 1984:15).

Para melhor compreender esse processo, a investigação da arquitetura residencial se mostra adequada, pois na composição da malha urbana desempenha papel fundamental. A identidade de bairros e mesmo a memória individual é constituída em grande parte por residências.

Esta relevância que a moradia desempenha no cotidiano, na formação do espaço, no marco de uma época e cultura (LEMOS, 1996:7) nos leva a elegê-la como foco de aprofundamentos. Na dissertação foram investigadas obras projetadas por arquitetos, inseridas em um momento de expansão de Goiânia, coincidente com a difusão dos conceitos do Movimento Moderno.

2. Goiânia

Goiânia nasce primordialmente de necessidades geográficas. A antiga Vila Boa (DAHER, 2003: 25) (fig.3), designada capital em 1737, encontrava-se implantada em região montanhosa, acarretando uma série de inconvenientes logísticos. As idéias de deslocar a sede do governo são recorrentes desde o período colonial, porém, foi com Pedro Ludovico, apoiado por Getúlio Vargas (MANSO, 2001:30), sob a tutela do movimento de Marcha para o Oeste (IBGE, 1942:1), que a transferência tornou-se realidade.

Legalmente por decreto e simbolicamente pela primeira missa, a nova capital é fundada em 1933 (MONTEIRO, 1938:67) (fig.4), sendo que a mudança definitiva ocorre em 1937 (SABINO, 1960: 47) e seu batismo cultural, evento que reuniu atividades culturais, econômicas e políticas, tido como a apresentação da nova capital ao Brasil, acontece apenas em 1942 (NETTO, 1993:15). A partir daquele momento temos o início de uma maior atualização tecnológica na construção civil. O aprimoramento no uso de concreto armado, acesso facilitado ao vidro, ferro e mão de obra qualificada proporcionam a elaboração de edifícios mais altos e com maiores vãos.

Com o término da II Grande Guerra e com o início da recuperação econômica nacional, após 1950 a cidade estaria materialmente preparada para aceitar as nascentes diretrizes da arquitetura moderna. Com o aumento da população cresce também a procura por mais serviços e produtos. Profissionais liberais como médicos, engenheiros, administradores, arquitetos e artistas, passam a compor o cenário econômico local e quase sempre serão os clientes que anseiam por uma nova maneira de morar.

A capital torna-se o ponto central do Modernismo no Estado. Fatores como a ferrovia construída em 1951, as políticas desenvolvimentistas de Getúlio Vargas e Pedro Ludovico, a pavimentação de rodovias e a aberturas de novas ligações viárias e o fornecimento contínuo de energia acabam por prepará-la materialmente para receber o movimento moderno. No plano cultural a década de 1950 testemunhou a criação de universidades, a fundação da Escola Goiana de Belas Artes, 1952, as realizações do I Congresso Nacional de Intelectuais, 1954, entre outros fatores (MORAES, 1991:37-38), preparam-na também intelectualmente. Acontecimentos que espelham um nascente anseio de integração as tendências



Fig.3 . Traçado urbano de Vila Boa. Autor: 17º Sub-Regional do IPHAN.
In: COELHO, 1998. p.33.

artísticas mais avançadas presentes nas principais cidades do país, em especial Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte.

E ao observar Goiânia, percebe-se uma cidade jovem em que seu plano diretor difere de grande parte daquelas cidades edificadas anteriormente, fundada em 13 de maio de 1933, trinta e seis anos após Belo Horizonte e vinte e sete anos anterior a Brasília. Atilio Corrêa Lima leva em consideração fatores locais e da vida moderna, pensando em disciplina de trânsito eficiente e zoneamento rigoroso (BRUAND, 2003: 351). O intuito modernizador de concepção do desenho urbano passa a influenciar também as edificações e, em particular, as residências. Mais um agente do processo de adequação da cidade para receber o ideal da modernização.

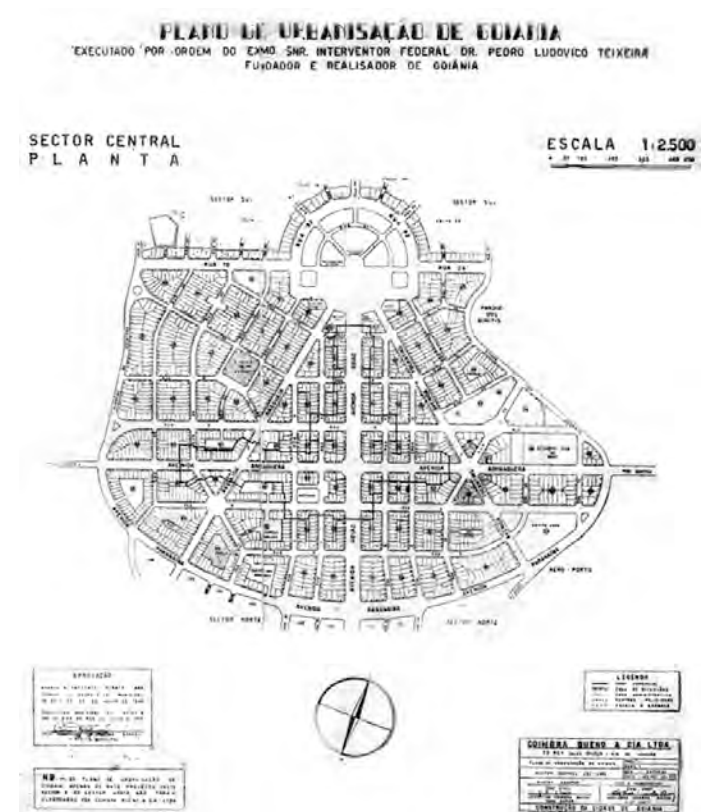


Fig.4 . Plano de urbanização de Goiânia. Autor: Coimbra Bueno & Cia Ltda.
In: DAHER, 2003. p.204.

3. A Casa e o Moderno em Goiânia

A moradia é um elemento existente em todas as culturas, cenário de uma vida onde várias atividades se sobrepõem. Agente modificador da paisagem urbana, que interage através de sua implantação, volumes, materiais, desenho ou mesmo pela forma de apropriação dos proprietários. Esse intrínseco viés sociológico variável é uma das características que torna a tipologia tão rica.

O pensamento arquitetônico no Movimento Moderno também se distingue pelo raciocínio destoante das conceituações tradicionais de arquitetura, do conceito de residência principalmente. Ao tratá-la com uma máquina de morar, Le Corbusier cria um novo padrão para a habitação, de ordem prática e construtiva (CORBUSIER, 2004: 97). Essa ruptura entre o tradicional e o novo é um dos pontos de maior valor do Modernismo. Segundo Mircea Eliade (ELIADE, 1992:48) ao tratar a moradia desse modo, em que se troca de casa como quem troca de roupa, Corbusier desfaz os laços com a tradição e o sagrado, transformando-a em um espaço funcional e secular.

A casa torna-se elemento de experimentação conceitual e prática do Modernismo nacional, e em Goiânia é representante de um momento significativo de modernização, ligando-se a outros acontecimentos como o desenvolvimento do Centro-Oeste (SABINO, 1980:272-273). São pequenos elementos que sintetizam um momento de novas experimentações e movimentação social e cultural.

Essas novas residências modernas mostraram-se como rompimentos em uma cidade na qual vinham sendo construídas obras nos mais diversos estilos, apresentando linguagem mais decorada, com ornamentação classicizante e planta ainda muito compartimentada (Figs. 5 e 6). A ruptura se mostra mais perceptível devido ao fato de grande parte da população ainda estar vinculada à tradição agrária mais conservadora (DAHER, 2003: 28). Tratava-se de cidade com marcante característica provinciana (OLIVEIRA, 2002:23).



Fig.5 . Residência de Pedro Ludovico (fachada). Autor: Denise Jácomo.
In: MANSO, 2004. Vol.II, p.25.

E apesar da importância tanto do período de produção intelectual como do objeto, a residência em si, as manifestações arquitetônicas de caráter moderno no Estado vem sendo pouco abordadas do ponto de vista de produção bibliográfica e acadêmica. É possível perceber que raras são as publicações que tratam do tema.

Em Goiás, a historiografia da arquitetura e urbanismo aborda, até o momento, majoritariamente três temas: arquitetura colonial; traçado urbano e origem da atual capital; e arquitetura *art déco*. Trabalhos dos professores Gustavo Neiva e Milena D'Ayala lançam luz à produção colonial tanto do ponto de vista arquitetônico (COELHO, 2001) como urbanístico (COELHO, 1998), abordando também aspectos da preservação do patrimônio edificado. Maria Diva Vaz e Maria Heloisa Zárte (VAZ, 2003) exploram com objetividade a questão da casa tradicional goiana, analisando suas técnicas construtivas, materiais e padrões estéticos.

A documentação do *art déco* é fotograficamente realizada nas contribuições de Wolney Unes (UNES, 2001), Marilda Blumenschein (BLUMENSCHHEIN, 2004) e Amanda Barreto (BARRETO, 2007), e se aprofunda mais em análises realizadas por Gustavo Neiva (COELHO, 1997) e Celina Manso (MANSO, 2004), que desenvolvem cuidadoso trabalho de identificação e levantamento das edificações.

O mesmo acontece com as publicações referentes à criação de Goiânia, exaustivamente documentada em obras de Ofélia Monteiro (MONTEIRO, 1938), do próprio IBGE (IBGE, 1942) ou Oscar Sabino (SABINO, 1980), relatando dados estatísticos e depoimentos de um primeiro momento da capital. E segue sendo revista de modo mais crítico nas realizações de Luiz Fernando Teixeira (TEIXEIRA, 1975), Celina Manso (MANSO, 2001), Tarcisio Rodrigues (BOTELHO, 2002), Tânia Daher (DAHER, 2003), Alexandre Gonçalves (GONÇALVES, 2003) e Aristides Moysés (MOYSÉS, 2004),

Existem trabalhos que tratam do Modernismo local, mas não como tema central ou de caráter documental rigoroso. Márcia Mertran (MERTRAN, 1996) aborda os dois fluxos desenvolvimentistas que acontecem na cidade, dentre eles o Movimento Moderno. Alexandre Gonçalves em sua obra, cita as divisões de escola

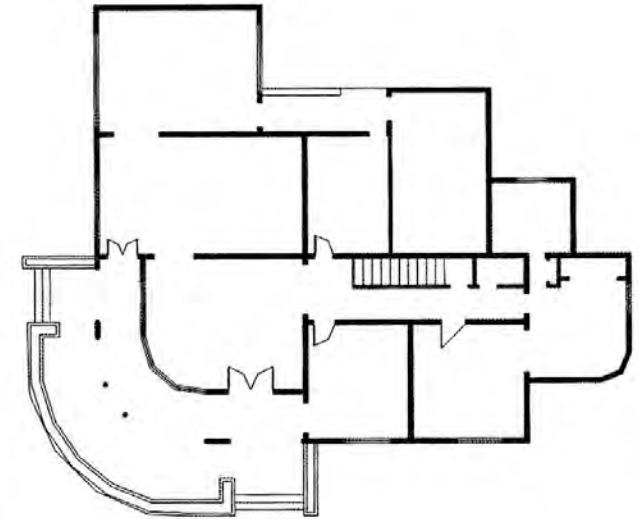


Fig.6 . Residência de Pedro Ludovico (planta).
Autor: 14ª Superintendência Regional do IPHAN.
In: MANSO, 2004. Vol.III, p.35.

paulista e carioca que ocorrem (GONÇALVES, 2003:19), e Maria Diva e Maria Heloisa (VAZ, 2005) apresentaram algumas casas relevantes em seminário nacional.

A própria universidade não coloca a questão como pauta relevante. Em pesquisa ao arquivo da escola mais antiga do estado, a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Goiás, em um total de mais de 3000 trabalhos arquivados, não foi possível encontrar 40 que tratassem de algum modo do movimento moderno, conforme demonstra o levantamento realizado pelo autor no Núcleo de Documentação da Faculdade de Arquitetura de Universidade Católica de Goiás no período de Agosto de 2008 a Maio de 2009.

Os títulos citados são importantes, despertam olhares. Mas ainda não existe um estudo que trate os objetos arquitetônicos, e aqueles profissionais que os conceberam, de forma sistemática e exclusiva. O intuito é preencher, atuar nessa lacuna, contribuir com o aprofundando na abordagem das residências modernas em Goiânia, revisando a trajetória dos responsáveis por um importante período ainda relegado a segundo plano. Essas casas não só foram projetadas por grandes arquitetos brasileiros com produção extensa e de qualidade, mas também por profissionais de importante atuação regional, que supriram as necessidades de uma demanda em crescimento. A importância de Goiânia na modernização do Centro-Oeste se reflete em sua arquitetura e o pouco conhecimento sobre o tema, de tão importante presença na feição da cidade como componente desse processo de desenvolvimento, por si só solicita maior número de trabalhos.

4. Método

Em um primeiro momento diversas residências foram mapeadas. Foi feita então uma leitura primária de caráter quantitativo, selecionando o maior número possível de habitações unifamiliares que poderiam ser inseridas nas características modernas. Trata-se de levantamento prévio, realizado por meio de fotografias e registro da localização dos edifícios na malha urbana. Os seguintes critérios foram adotados para separar esses primeiros exemplares:

Acadêmicos e arquitetos regionais

A triagem inicial foi realizada pela seleção de profissionais mais maduros, tanto da área do projeto, quanto teoria. Nessas entrevistas foram elencados nomes proeminentes do cenário local, principais obras e residências mais relevantes. Por se tratar de cidadãos atentos às repercussões da arquitetura, também foi possível conhecer as obras mais polêmicas ou que suscitaram maiores discussões na época da sua construção.

Publicações

Foi feita pesquisa em livros e periódicos, regionais e nacionais, de textos, reportagens, fotografias e desenhos referentes a arquitetos ou obras ligados a produção em Goiânia. A publicação dessas informações já suscita algum valor, claro que com ressalvas, pois nem sempre o publicado espelha o real valor. Cabe documentar e citar o dado tornado público desde que sua relevância seja comprovada ao sobrepor outras leituras.

Autores

Em entrevista com os autores das obras foi possível criar uma lista de obras referenciais, uma vez que normalmente os arquitetos citam os projetos a que mais se dedicaram, tornando possível gerar confiável catálogo da produção de cada autor.

Levantamento Fotográfico

Realizado ao percorrer os bairros nos quais houve aumento de construção residencial no período delimitado pelo trabalho. Ao transitar por esses setores, as residências foram separadas por meio de observação das características construtivas, comparando com a estética defendida pelos regentes do Modernismo.

Em um segundo momento, as edificações anteriormente escolhidas foram selecionadas de modo qualitativo. O qualitativo aqui empregado entende-se por obras ícones dos arquitetos que tiveram importante papel na cidade, empregando novas tecnologias, representando novos experimentos ou repercutindo em veículos da mídia, que sintetizam o espírito da época, representando a aspiração de seus autores ou marcando a sociedade em que estavam inseridas de alguma maneira.

Um aspecto essencial para essa segunda triagem foi a adequação das obras aos preceitos modernistas, aqui usando com mais afinco alguns conceitos colocados por Helio Piñon (PIÑÓN, 2006) como o entendimento e leis prescritivas, equivalências e igualdades, equilíbrio e simetria, classificações e hierarquias. Dessa forma, podemos analisar com mais clareza as características do modernismo presente nas edificações julgadas em campo.

Outro critério utilizado, que parece ser uma das características marcantes das obras modernistas é o de integração espacial. Verificar como esses espaços internos se comunicavam com os externos, qual era a configuração em desenho dessas relações. Colocar aqui uma integração que apesar de suas mazelas mostra-se como feição fundamental do movimento.

Os doze exemplares escolhidos foram documentados por meio de três elementos básicos: texto, desenhos e fotografias. São os três módulos da ficha que reúne os dados referentes a cada obra. O interesse principal foi representar a edificação da maneira que mais se aproxime da situação encontrada na época em que a mesma foi edificada, próxima a concepção original.

Texto

Dividido em duas partes, a primeira é um memorial, descrevendo o partido adotado, elementos formais, técnicas construtivas, curiosidades, informações sobre o cliente, reações ao prédio quando da sua execução e etc. É uma visão da obra como um todo sob aspectos sociais e construtivos, uma promenade pela edificação.

O segundo momento de texto consiste em estrutura que dá cabo de dados mais estatísticos e numéricos, em forma de ficha técnica. Nessa, etapa as informações foram alocadas em quatro tabelas distintas: Viabilização, Áreas, Programa e Materiais.

Desenhos

Todos os projetos foram redesenhados na escala 1:250 com base em documentos, publicações e levantamentos. Os desenhos foram elaborados levando em consideração uma ordem de acesso aos dados primários. Dessa forma, temos graus de aproximação à idéia original, sendo o projeto executivo considerado como o mais próximo da concepção inicial do autor e o levantamento planimétrico atual o que mais se distancia.

Cortes e elevações, quando não encontrados, foram formulados cruzando dados obtidos em documentos e junto ao objeto edificado, levantando plantas cadastrais, arquivos pessoais dos arquitetos, croquis, fotos, entre outros elementos.

Buscou-se a representação mais próxima da obra edificada inicialmente. Para melhor compreensão do projeto foram obrigatoriamente apresentados os seguintes desenhos: Situação; Implantação; Plantas; Elevação principal; Corte Longitudinal; Corte Transversal.

Fotografias

Imagens antigas, á época da edificação da residência e também fotos atuais, priorizando o aspecto geral da edificação, elementos construtivos, materiais e usos do espaço.

5. Arquitetos

Antes de adentrar no mérito dos arquitetos ligados ao Modernismo que atuaram em Goiânia, vale lembrar que paralelo as atividades desses profissionais tínhamos desenhistas, projetistas e engenheiros que também se valiam desse repertório para projetar suas obras. São agentes que acabam por contribuir para a disseminação do Movimento Moderno, tornando mais acessível uma arquitetura ainda exclusiva e intelectualizada.

“Nessas duas décadas também atuam em Goiânia engenheiros e projetistas (não graduados) que trabalham na concepção e/ou construção de residências com características da arquitetura moderna. Entre os engenheiros, encontram-se referências sobre: Carlos Alberto Leão, Renan de Barros, Clay Mendes, Osvaldo Santos Cruz Nery, Tristão de Fonseca Neto, Jair Lage de Siqueira, José Urbano Portugal Filho, João Pessoa Tavares, e muitos outros sobre os quais as informações são ainda muito restritas. Um dos projetistas, mais conhecido, com um elevadíssimo número de projetos residenciais para a classe média e média alta é Américo Vespúcio Pontes.

Outros desenhistas projetistas também puderam ser identificados, como Bernardo Krupok, Alexander Achuf, Ewald Janssen, dentre outros alemães que chegaram a Goiânia nos anos 1950 e trabalharam como topógrafos, desenhistas e projetistas de edifícios e loteamentos. São mencionados como desenhistas Robledo Ribeiro Reis, José Alberto Guimarães, Gildo Botosso, Pedro Osório, Freimundo Brox e outros.

Na construção civil, algumas empresas são referências na memória dos profissionais: Local Engenharia (Osório e Carlos Alberto Leão), Dália Construtora (Otto Nascimento), Constec (Geraldo Fonseca e Marcelo Cunha Moraes), Goianenge (José Alair), Sobrasil (Theldo Emrick), Eica (Walter Bittar).” (VAZ, 2006)

É possível ainda hoje fazer a leitura de diversas manifestações populares do Modernismo, em obras de autores desconhecidos, construídas a partir de um conhecimento empírico e plasticamente influenciadas por ícones nacionais, como o exemplo da reprodução da coluna do Palácio da Alvorada (fig.7) ou a



Fig.7 . Residência Rua 84, nº 715, St. Sul. Autor: Ana Amélia de Paula Moura.
In: MOURA, 2009. p.5.



Fig.8 . Residência Rua 84, nº 715, St. Sul. Autor: Não Informado.
In: SILVA, 1992 p.26.

utilização da famosa cobertura em V (fig.8). Manifestações também importantes, mesmo que tardias, mas que refletem a popularização e a permeabilidade dessa linguagem tão característica.

A partir das necessidades materiais a serem supridas diversas empresas foram criadas para que as obras desse novo estilo pudessem ser materializadas de acordo com os ideais dos seus autores. A exemplo da Construtora Local Engenharia, que se equipou para desenvolver escolas pré-moldadas no interior goiano. Lojas de interiores, como a Taba Móveis e Decorações, que graças a Violeta Carrara (FROTA, 2009) e seus sócios, não só atendiam as necessidades locais, mas torna-se ponto de encontro dos arquitetos e formadores de opinião do mercado. Há ainda fábrica de pastilhas e azulejos, galerias de arte e uma série de nascentes negócios que visavam atender este público crescente, desempenhando importante papel junto à sociedade na valorização da nova arquitetura.

Podemos afirmar que a chegada, em Goiânia, desses arquitetos influenciados pelo Modernismo aconteceu em três momentos distintos e provenientes de quatro cidades diferentes. O primeiro grupo, liderado por Eurico Godoy e Elder Rocha Lima, vindos do Rio de Janeiro, chega à capital no início dos anos cinqüenta. No segundo momento, década de sessenta, profissionais influenciados pela Escola Paulista instalam-se em Goiânia vindos de São Paulo e Minas Gerais. Ariel Costa Campos, Raul Filó Luis Osório são formados em São Paulo e Antônio Lucio, Eduardo Simões Barbosa e Fernando Rabello são os nomes mais proeminentes da geração que graduou-se em Belo Horizontes. Por fim, Walmir Santos Aguiar, Fernando Cruvinel e Paulo Mendonça são provenientes da Universidade de Brasília nos idos de 1970. Apesar de heterogênea em suas origens a produção advinda desses profissionais é claramente distinguível entre influências das escolas carioca e paulista.

No desenvolvimento da cidade e do Estado, tanto os arquitetos locais quanto os de outras localidades que atuaram pontualmente produziram obras ícones, de referencia não só arquitetônica, mas também social, devido ao órgão ou organização que abrigavam. Este é o caso da primeira casa Modernista já demolida (1952), Sede do Banco do Estado de Goiás (1961) e da Assembléia Legislativa do Estado (1963), de autoria de Elder Rocha e Eurico Godoy. O próprio Estado possibilitou a experimentação dos pré-moldados não só com Luis Osório (1962), hoje exemplar demolido, mas também com João Filgueiras

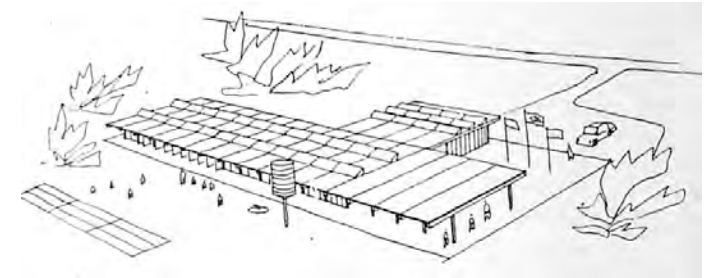


Fig.9 . Escola Transitória Rural (croqui). Abadiânia-GO.
Arquiteto: João Filgueiras. Autor: João Filgueiras Lima "Lelé".
In: OLIVEIRA, 1985. p.12.



Fig.10 . Escola Transitória Rural (foto). Abadiânia-GO
Arquiteto: João Filgueiras. Autor: Maria das Mercedes Oliveira
In: OLIVEIRA, 1985. p.44.

Lima (1985) (figs.9 e 10), atuando em cidades do interior. Outras atuações externas permitiram a edificação de exemplares como a Sede Social do Jôquei Clube (1962) (fig.11), o Clube de Regatas Jaó (1962) (fig.12), a Igreja dos padres Agostinianos (1970) (fig.13), o Estádio Serra Dourada (1973) (fig.14) e a Agencia do Banco Banespa (1977) (fig15).

Na época a cidade possuía poucos habitantes¹, os responsáveis pela viabilização desses projetos eram conhecidos entre si e pertenciam a uma classe social onde todos sabiam quem era quem. No meio profissional, os arquitetos se conheciam bem e partilhavam sociedades e parcerias em construtoras, lojas, escritórios ou mesmo colaborando na elaboração de textos que divulgavam suas idéias. Muitos dividiam a atividade autônoma com empregos administrativos e acadêmicos e em diversas ocasiões associavam-se a outros profissionais na busca de maiores mercados, mas sempre ligados de algum modo a arquitetura.

Era um meio restrito. O fato de serem formados em universidades de ponta, terem estudado com os grandes mestres nacionais, ou dividirem funções nos empregos do Estado ou da universidade possibilitava a afinidade intelectual entre os profissionais. Tanto arquitetos como pintores, escultores e designers integravam-se, indicavam clientes, financiavam iniciativas, promoviam encontros e discussões em torno de assuntos artísticos, políticos ou do ofício de projetar (CUNHA, 2009).

Aqui não trataremos da biografia de grande parte desses artífices, apenas dos autores das residências selecionadas, bem como não iremos versar com maiores detalhes a respeito das construtoras, desenhistas e engenheiros da região. Porém, vale a informação de que havia um meio unido, em algumas situações por meio do IAB (BARBOSA, 2010), em outras pelo Clube de Engenharia, ou mesmo por instituições como a Igreja ou a Maçonaria (FERRARI, 2008). Uniam-se, promoviam concursos, atraíam arquitetos de fora. Eram os fomentadores dessa arquitetura e queriam compartilhá-la com os demais.

¹ 1950, 53.389 habitantes. 1960, 151.031 habitantes. 1970, 380.773 habitantes. Fonte: IBGE, 2010.



Fig.11 . Sede Social do Jôquei Clube de Goiás. Av. Anhangüera, nº 3653, St. Central. Arquiteto: Paulo Mendes da Rocha
Autor: Arquivo Paulo Mendes da Rocha. In: ARTIGAS, 2002. p.125.

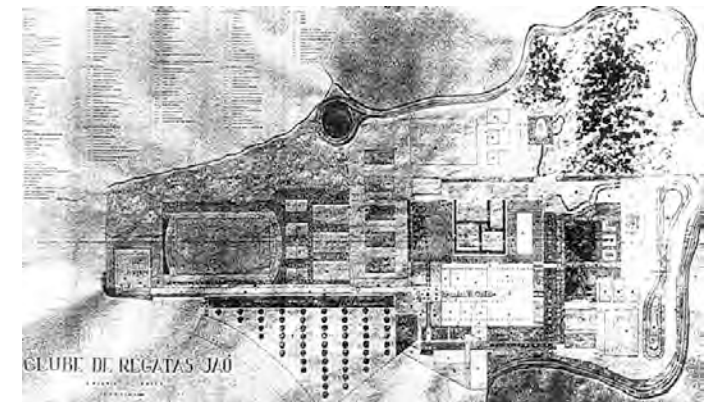


Fig.12 . Clube de Regatas Jaó. Av. Quitandinha, nº 600, St. Jaó.
Arquiteto: Sérgio Bernardes. Autor: Arquivo Sérgio Bernardes.
In: MERTRAN, 1996. p.197.



Fig.13 . Igreja Nossa Senhora de Fátima. Av. K, nº108, Pça. do Avião, St. Aeroporto.
Arquiteto: Siegbert Zanettini. Autor: Deusa Maria Rodrigues Boaventura.
In: BOAVENTURA, 1978. p.2.



Fig. 14 . Estádio Serra Dourada. Av. B, s/nº, Jd. Goiás.
Arquiteto: Paulo Mendes da Rocha. Autor: Arquivo Paulo Mendes da Rocha.
In: ARTIGAS, 2002. p.150.



Fig.15 . Agência Banespa. Rua 03, nº 997, St. Central. Arquiteto: Ruy Otthake.
Autor: Calazans. In: OHTAKE, 1994. p.106

Eurico Godoy

Autor da primeira obra modernista de Goiânia, o arquiteto Eurico Calixto de Godoy, nascido em 1925 no município de Anápolis, chega à capital no final de 1933 (PREFEITURA MUNICIPAL, 1985). Na cidade, conclui sua formação básica; ainda pequeno é marcado pelo contato com as obras dos recentes edifícios institucionais do estado e pelo encontro com Atílio Corrêa Lima. Ao término do curso médio busca o Rio de Janeiro.

A formação acadêmica é assinalada por estágio com Lúcio Costa e Oscar Niemeyer (VAZ, 2006). O ensino na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, induzido por nomes como, Atílio Correa Lima e Affonso Eduardo Reidy, influenciados que eram por Le Corbusier, determina o vínculo de Eurico com a escola carioca de arquitetura. Uma formação direta e primariamente influenciada pelos pioneiros do Movimento Moderno no mundo e no Brasil.

A época universitária visita os edifícios que o acompanham como inspiração durante a vida profissional. Exalta o Ministério da Educação e Saúde e a integração das artes, a correta implantação e o emprego das diferentes texturas na arquitetura, a pureza e delicadeza da Estação de Hidroaviões, o Conjunto Pedregulho devidamente adequado a topografia e o Parque Guinle, sua composição plástica das fachadas e o respeito ao terreno (OLIVEIRA, 1990).

Ao final de 1951 recebe o título de Arquiteto. O retorno a Goiânia acontece em 1952. Deparando-se com um cenário permeado pela arquitetura *art déco* e neo colonial, o arquiteto projeta e constrói a residência de Dourival de Souza Bacellar e Therezinha Moraes de Souza Bacellar. Um nítido contraste espacial e plástico, mostrando de maneira clara o rompimento da nova arquitetura com as preexistências da cidade.

Aliado a Elder Rocha Lima, arquiteto goiano formado pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, em 1956, parceiro com quem dividiu projetos e amigos, é pioneiro do Modernismo no Estado. Inicia sua atuação com algumas atitudes polêmicas (PREFEITURA MUNICIPAL, 1985:229), como a valorização da flora local, especificada para ser utilizada no paisagismo urbano e de suas residências. Projeta a primeira residência moderna e outras como as de José Ribeiro Parrode (ver

capítulo 7. Residências) e de Eurípedes Ferreira (ver capítulo 7. Residências), marcando e definindo novos rumos da arquitetura local.

A formação com grandes nomes da arquitetura nacional é influência direta, e facilmente perceptível nas decisões formais tomadas. A cobertura em V na residência dos Bacellar evoca Reidy na casa de Carmen Portinho. Em importantes obras institucionais, como o Banco do Estado de Goiás (fig.16), fica clara a inspiração no Ministério da Educação e Saúde na concepção das fachadas e volumes recuados em relação aos pilares. No edifício da Assembléia Legislativa (fig.17), é notável a referência a Villa Savoye de Corbusier.

O valor de Eurico como arquiteto não se deve apenas ao fato de ser o pioneiro do modernismo na cidade, sua qualidade profissional é perceptível na maturidade com que trabalha o jogo de claro e escuro, assim como a habilidade em mesclar diferentes materiais e texturas. Sua presença no cenário cultural e social da cidade foi de extrema importância para as novas gerações.

O arquiteto não se contentava em apenas projetar, mantendo a frente de expansão do Movimento Moderno promovia um processo de esclarecimento a respeito das novas idéias. O modernismo era uma causa, e a luta ia além da argumentação direta com os clientes; os jornais e revistas locais eram os meios de maior circulação desses artigos que buscavam informar a população (METRAN, 2006).

Paralelo ao escritório particular, Eurico era funcionário público; em um primeiro momento foi diretor do Departamento de Viação e Obras Públicas do Estado (DVOP), órgão estadual que centralizava todas as decisões referentes a cidade, que naquele momento ainda era regida pelo Estado.

“Era o órgão mais importante do Estado, pois abrangia os serviços de água e esgoto, telefone, cemitério, arborização, limpeza pública, aprovação dos prédios e loteamentos, construção e reformas de prédios públicos, asfaltamento, etc. Era uma Super-Prefeitura.” (PREFEITURA MUNICIPAL, 1985:230)



Fig.16 . Banco do Estado de Goiás. Av. Goiás c/ Av. Anhanguera, Praça do Bandeirante. St. Central. Autor: Arquivo de Eurico Godoy.
In: OLIVEIRA, 1990. p.100.



Fig.17 . Assembléia Legislativa. Alameda dos Buritis, nº 231, St. Oeste.
Autor: Monise Campos.

Na direção do DVOP devido à competência e ao contato direto com os governadores, Eurico coloca em ação projetos de grande repercussão, sempre engajados no raciocínio modernista. Em uma das principais vias da cidade, a Avenida Goiás, introduz em toda extensão do canteiro o plantio da palmeira nativa guariroba. Na Praça Universitária, principal espaço aberto do Campus universitário urbano, o desenho funcional permitiu que o tráfego se fizesse de forma simples, mesmo nos horários críticos, usando rótulas e eliminando o uso da sinalização. Para a Avenida Anhanguera baixou portarias que anteciparam soluções de problemas futuros, permitindo a atual expansão da via para viabilizar melhorias no transporte público.

Manteve as atividades do escritório particular alternando o exercício no setor público. Algumas de suas ocupações se deram como Secretário de viação e Obras, Chefe da Assessoria Técnica da Prefeitura e Presidente da Companhia de Desenvolvimento do Estado de Goiás (CODEG). Após essa fase permaneceu ligado à universidade atuando como Presidente da Comissão de Vestibular e Professor da Escola de Engenharia da Universidade Federal de Goiás (UFG) sempre ativo como autônomo, hoje já falecido.

David Libeskind

Paranaense, David Libeskind nasceu em 1928 e ainda nos primeiros anos de vida se mudou para Belo Horizonte. Nesta cidade consolida as bases de sua formação artística mantendo contatos com artistas e arquitetos como Alberto Guignard, Sylvio de Vasconcellos e Mendes Guimarães Júnior (STINCO, 2005).

Na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) cursa arquitetura no período compreendido entre os anos de 1948 e 1952. Ainda antes de se graduar, junto com o amigo Décio Correa Machado, mantém escritório em Belo Horizonte de 1951 a 1952 concebendo uma série de projetos. Alguns são edificados, como é o caso de duas residências, José Maria Rabello e Ângelo Aurélio Rezende Lobo, ambas em Belo Horizonte e da casa de José Felix Louza, em Goiânia.

O exercício do arquiteto em Goiânia se deu em 3 residências, projetadas em 1952, 1955 e 1966 (BRASIL, 2007). A primeira, encomendada por José Felix Louza (ver capítulo 7. Residências), a segunda pelo empresário Haji Ascar (ver capítulo 7. Residências) e a terceira por Abdala Abrão (ver capítulo 7. Residências).

Já em São Paulo, em 1953, Libeskind entra em contato com vários personagens da arquitetura paulistana como Luis Saia, Vilanova Artigas e Rino Levi. No IAB-SP é intensa a convivência com grandes nomes do cenário cultural brasileiro. Na capital, a influencia do arquiteto por parte de outras experiências nacionais e internacionais é nítida. Obras de Richard Neutra merecem edição brasileira em 1950 (WILHEIM, 1950), as Case Study Houses estavam em franca produção, Rino Levi (ANELLI, 2001) e Oswaldo Bratke (SEGAWA, 1997) já possuíam acervo de obras consolidadas no cenário do período.

Em 1955, aos 26 anos, seu projeto é escolhido para a edificação do Conjunto Nacional (fig.18), situado na Avenida Paulista, esquina com Augusta (PINI, 2000). O mesmo terreno fora ocupado pela Vila Horácio Sabino, mansão *art nouveau* considerada uma das obras mais importantes de Victor Dubugras (HOMEM, 1996), sendo demolida para dar lugar ao novo empreendimento. Hoje o edifício, que agrega diversos usos, é um marco na cidade, considerado um ícone na produção do arquiteto.



Fig.18 . Conjunto Nacional. Autor: Arquivo de David Libeskind.
In: L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI. n.73, p.71.

A inserção do edifício na cidade, sua relação direta com a rua, a preocupação com a relação público/privado são presenças na obra de Libeskind que permanecem em grande parte dos seus projetos, inclusive nas residências unifamiliares (VIÉGAS, 2003). Mesmo o programa de necessidades das casas sendo estritamente privado, a implantação, a ausência de muros, o decoro dos materiais em contato direto com o espaço público fazem com que não se torne um objeto isolado do tecido urbano.

Ainda em 1955, Libeskind é convidado para ocupar o cargo de diretor do Departamento Artístico do IAB-SP, tendo como principal realização a primeira exposição individual do artista fluminense radicado em Minas, Veiga Guignard. O arquiteto também desenvolvia trabalhos de ilustração, sendo responsável pelo desenho de várias capas de revistas como *Arquitetura e Engenharia*, *Visão*, *AD*, *Revista de Engenharia Mackenzie*. Seu lado artístico se desenvolvia desde a formação em Belo Horizonte. Na metrópole São Paulo ele retoma as artes plásticas, recebendo alguns prêmios, sua produção prossegue em meio as artes e arquitetura.

Luís Osório Leão

Natural de Rio Verde/GO, Luis Osório Leão nasceu em 1931 e é filho Pedro Quitiliano Leão, político e fazendeiro, o primeiro prefeito eleito pelo voto direto e secreto em Bonfim-Silvânia/GO, em 1935 (OLIVEIRA, 2009). Até 1944 vive em Rio Verde, de onde é transferido para o Colégio Arquidiocesano Anchieta, em Bonfim. Para lá segue contrariado, desde cedo manifesta atração pela arquitetura e por maiores aglomerações urbanas, o desejo era ir para Uberaba/MG. Afirma que desde pequeno atentava para questões construtivas e volumétricas das edificações; nunca houve dúvida na escolha da profissão.

Ao final do curso básico segue para Uberlândia/MG. Naquela cidade inicia e termina o curso ginásial, mais uma vez em colégio interno. Buscando uma nova etapa, segue para São Paulo, almejando o curso de arquitetura. Chega à cidade em 1950 para as provas do vestibular. Encanta-se com a riqueza e diversidade urbana e, apesar da falta de formação profissional, é empregado como desenhista de estrutura na empresa responsável pela construção do Parque Ibirapuera. Lá tem como encargo principal o desenho do projeto estrutural do Planetário do Parque.

Após cinco anos na empresa, lembra-se da razão de ter ido a São Paulo e presta o vestibular para arquitetura. No início de 1955 é admitido na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, a famosa FAU Maranhão. No período universitário estagia com Jon Maitrejean e tem contato direto com Anhaia Mello, Vilanova Artigas e Carlos Millan (LUSCHER, 1999). Os vê como mestres, e na vida profissional, apesar das dificuldades materiais, sempre seguiu os conceitos disseminados pelos preceptores. Trabalha também no escritório de David Libeskind, como coordenador dos desenhistas no desenvolvimento do projeto do Conjunto Nacional. Simultaneamente ao curso universitário, investe seu tempo em cursos paralelos de desenho, pintura, gravura, sistema estrutural, entre outros (LONGHI, 1999). Ainda em São Paulo, conhece a esposa e muda-se para Goiânia.

No final de 1959, gradua-se como arquiteto e junto com o irmão Carlos Leão funda a construtora Local Engenharia e Arquitetura Ltda. A empresa mantém-se até 1965, com Luís Osório tocando os negócios de Goiânia e o irmão administrando as construções de Brasília e entorno. Ao mesmo tempo em que administra a construtora, associa-se a profissionais locais, como Elder Rocha Lima e Luis Curado, e funda



Fig.19 . Biblioteca Central UFGO. Campus II da Universidade Federal de Goiás, Conj. Itatiaia. Autor: Não Informado. In: UFG, 2008.



Fig.20 . Faculdade de Direito da UFGO. Pça. Universitária, s/ nº, St. Universitário. Autor: Fabiana Longhi. In: LONGHI, 1999. p.6.

a empresa Terracota em 1963 (MERTRAN, 1996:175). Buscando preencher uma lacuna na construção civil de Goiás e Distrito Federal, a empresa tem foco na produção de azulejos e cerâmicas esmaltadas de alta qualidade. A empreitada não durou muito tempo, depois de três anos foi fechada. O arquiteto aventura-se com sucesso nas construções pré-moldadas conforme relata Márcia Metran:

“Em 1962, o governador do Estado de Goiás, Mauro Borges, publicou um plano de governo que previa a construção de 5.000 salas de aula em todo o Estado. Luis Osório propôs a construção dessas escolas por um sistema de pré-moldados de concreto, baseado em um estudo que desenvolvera na FAU-USP. Por esse sistema, o arquiteto aliava economia, rapidez de construção e facilidade de transporte.

Para efeitos demonstrativos, foi construída uma escola protótipo, com duas salas, no bairro de Campinas em Goiânia. Após a aprovação do protótipo, foram feitas, por todo o Estado, escolas em sistema de pré-moldados, fabricadas pela Local, Arquitetura e Engenharia Ltda. Foi a primeira vez que esse método construtivo foi usado em Goiânia e no Estado de Goiás.” (MERTRAN, 1996)

Durante o período em que permaneceu em Goiânia, Luis Osório projetou e construiu edifícios de relevância para a cidade; são de sua autoria a Biblioteca Central (1964) (fig.19) e a Faculdade de Direito (1964) (fig.20), ambas pertencentes a Universidade Federal de Goiás, bem como as residências de Otécio Betenair (1962) (fig.21) e de Benedito Umbelino (ver capítulo 7. Residências). Em Goiânia, esses foram os primeiros edifícios que experimentam em seus volumes e detalhes o uso do concreto em seu estado bruto, aparente. Atualmente o arquiteto reside em Brasília, mas não atuante na profissão,



Fig.21 . Res. Otécio Betenair. Rua 84 c/ Rua 94. Autor: Fabiana Longhi.
In: LONGHI, 1999. p.8.

Raul Naves Filó

Natural de Corumbáiba, Raul Naves, originalmente Filho (BARRETO, 2009), mas devido ao erro do escrivão o registro de nascimento ficou gravado como Filó, vai a São Paulo almejando o curso superior. Em 1960, gradua-se pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie. Na graduação é colega de Paulo Mendes da Rocha e recebe aulas do professor que muito o influencia, Carlos Millan (MERTRAN, 1996). Chega a Goiânia no mesmo ano, e aqui estabelece sua base projetual em sociedade com o colega de universidade e amigo Ariel Costa Campos, arquiteto goiano também formado pela Mackenzie em 1959.

No escritório, Raul Filó voltava suas energias à prancheta, enquanto Ariel Campos, por ser bem relacionado, mais aberto, tinha como principal encargo a captação das obras, mas também exercendo as atividades ligadas a produção arquitetônica. Aliado a Violetta Carrara e Leo Barreto funda a Taba Móveis e Decorações Ltda. em 1961, loja que trabalhava com mobiliário assinado, representando marcas como Forma, L'Atelier, Dominici e outros. As novidades em mobília, luminárias e objetos decorativos estavam presentes simultaneamente em São Paulo e Goiânia. Um conceito à frente do mercado local, a loja não durou muito tempo.

Naves Filó era visto como arquiteto de extremo talento pelos colegas (CARVALHO, 2008), porém desprovido de disciplina e desapegado de maiores repercussões que suas criações pudessem ter. Seus projetos, como documento, eram simples e resumiam-se a planta, dois cortes e cobertura, todos os detalhes eram discutidos no canteiro. Organizou o concurso para a Sede Social do Jôquei Clube de Goiás (MAHLER, 1988), que acabou por inserir Paulo Mendes da Rocha no cenário local. Trabalhou na Universidade Federal de Goiás, na equipe de Irineu Borges do Nascimento, Fundador da Escola de Eng. da Universidade Federal de Goiás e primeiro Secretário de Planejamento do Brasil (COSTA, 2006), desenvolvendo projetos para o Campus da Universidade. Projetou diversas obras em Goiânia, desde edifícios comerciais a residências. Algumas de suas casas sofreram maior repercussão, como a Residência de Ermanno Capelli (1964) (fig.22) e a de Leo Barreto (ver capítulo 7. Residências).

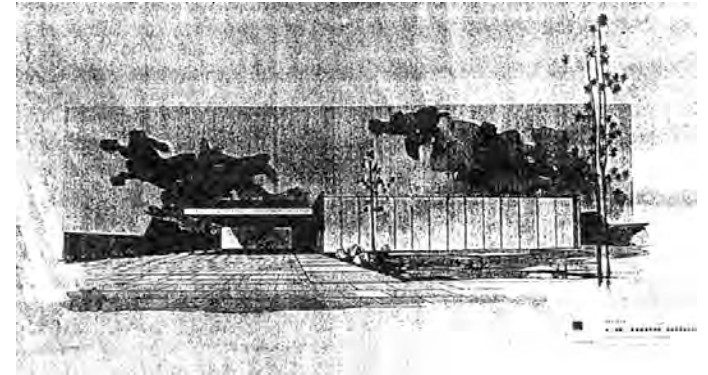


Fig.22 . Res. Ermanno Capelli. Rua 94 c/ Rua 10, St. Sul.
Autor: Arquivo de Raul Filó. In: MERTRAN, 1996. p.200.

Silas Rodrigues Varizo

Filho de Antonio Augusto Varizo Junior e Ruth Rodrigues Varizo, Silas Varizo é natural do Rio de Janeiro/RJ, 1935, e mudou-se para Goiânia em 1948, à época com 50.000 habitantes. Concluído os primeiros estudos no Rio de Janeiro e em Goiânia, partiu para Anápolis/GO, estudando em colégio interno de onde foi para Castro, no Paraná. Lá fica durante três anos e vai a Juiz de Fora finalizar o curso ginásial. Volta para o Rio de Janeiro, não especificamente para fazer arquitetura, mas era uma das opções que tinha em mente.

À época do colégio interno era obrigado a trabalhar durante duas horas por dia, em diversos cursos como marcenaria, mecânica, pintura e outros. Por meio desses pequenos programas aprendeu sua única qualificação profissional até o momento, datilografia. Isso permitiu o início de vida no Rio de Janeiro como office boy de uma empresa americana. Alternando o trabalho com os estudos, fazia também o curso preparatório para o vestibular de arquitetura. Muito voltado para o desenho de observação, o cursinho não o agrada, e engenharia civil passa a ser a opção mais indicada. Nesse meio tempo, divide pensão com colega que estava próximo de graduar-se como arquiteto e o influencia a voltar para a arquitetura. Retorna ao preparatório e, apesar da falta de afinidade com o desenho, entra para a Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil em 1957.

Com Flávio Almada, arquiteto com importantes obras em Minas Gerais, divide o quarto durante os estudos na universitários e encontra um companheiro para discussões arquitetônicas mais minuciosas. Lembra de Sérgio Bernardes como uma grande influência; trabalharam juntos por curto período de tempo, mas as crenças e métodos ficaram marcados em sua formação de maneira muito presente. Com Marcos Konder, autor do Monumento aos Mortos da II Guerra Mundial (fig.23), participou de diversos concursos de arquitetura. Também trabalha com Luiz Carlos Doria durante três anos e faz visitas esporádicas ao escritório MM Roberto.

“A turma do Rio era diferente. São Paulo era mais objetivo, nós éramos mais humanos, mais filósofos.” (VARIZO, 2009)



Fig.23 . Memorial aos Mortos da II Guerra. Autor: Não Informado.
In: AUXILIADORA, 2010.



Fig.24 . Autódromo Internacional de Goiânia. GO 020, Km 4.
Autor: Google Earth ©2009
In: Google, ©2009 MapLink/TeleAtlas, coordenadas: 16°42'59.14"S
49°11'33.93"O, acessado 04/07/2010.

Em 1961 gradua-se e se transfere para Goiânia, formando sociedade com o arquiteto Armando Norman, também formado no Rio de Janeiro. Juntos projetam a residência de Carlos Cunha (ver capítulo 7. Residências). Posteriormente será responsável pela concepção de obras importantes como o Autódromo Internacional de Goiânia (1974) (fig.24) e a Agência da Caixa Econômica Federal (1982) (fig.25). Trabalha em paralelo como professor de geometria descritiva, em 1963, no curso de Matemática da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Goiás e, de 1964 a 1965, é professor regente da cadeira de Arquitetura e Urbanismo do curso de engenharia da Universidade Federal de Goiás.

Amigo de Ariel Costa Campos, consegue uma vaga como arquiteto da Superintendência de Obras do Plano do Desenvolvimento, Suplan. Ficou durante seis anos no órgão, período em que aproveita para fazer cursos de pós graduação em arquitetura de unidades médico hospitalares, pela Escola Nacional de Saúde Pública da Universidade do Brasil, e Planejamento Hospitalar na Faculdade Nacional de Arquitetura, ambos os cursos no Rio de Janeiro (TOLEDO, 1991). Na Suplan fez amizade com grande parte dos arquitetos locais, Antonio Lucio, Ariel Costa Campos, Raul Filó, Eurico Godoy e outros.

O volume de projetos pessoais começa a tomar maiores proporções, então resolve se dedicar unicamente as atividades autônomas de arquitetura. Sua estrutura empresarial agora conta com a presença de arquitetos, maquetistas, desenhistas e estagiários. Vincula-se à Caixa Econômica Federal e começa a desenvolver projetos em Anápolis, Goiânia e Recife. O cliente pagava o preço de tabela, era o carro chefe de seu escritório, mas ainda desenvolvia solicitações de pequeno porte. Infelizmente houve recessão e o governo paralisa projetos e rescinde contratos. Como sua principal fonte de renda era a Caixa Econômica, e agora não mais presente, desmonta toda estrutura. Segue atuando de forma autônoma e associa-se a Milton Ramos em Brasília e Armando Scartezini em Goiânia.



Fig.25 . Agência Caixa Econômica Federal. Av. 24 de Outubro c/ Rua Rio Verde, St. Campinas. Autor: Maria Vanilda Rodrigues de Moraes.
In: MORAES, 1984. p.1.

Antônio Lúcio

“Minha filosofia de trabalho foi determinada na preocupação de libertar ao máximo os espaços criados. Adaptações são necessárias à evolução racional da vida.” (FERRARI, 1984 A)

O arquiteto nasce em 1939, em Ponte Nova, cidade situada na zona da mata mineira, com pouco mais de 70.000 habitantes atualmente (PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTE NOVA, 2006). Lá conclui o ensino fundamental e o ginásio. Nesse período, seu objetivo é o de se dedicar a pintura, já desenhava e fazia pequenas maquetes, tinha grande afeição pela precisão das montagens em miniatura.

A família de origem italiana, ligada a valores sociais tradicionais, era contra a carreira artística. Tal resistência acaba levando-o a escolha da arquitetura. Ao lhe apresentar a grade curricular do curso de arquitetura de Belo Horizonte, seu tio médico o introduz à profissão. Buscando a formação acadêmica e tentando conciliar arte e técnica, muda-se para a capital mineira em 1959.

Na faculdade, dominada pelo pensamento da escola paulista, o arquiteto se diz influenciado por Vilanova Artigas, que visitou a escola algumas vezes, Paulo Mendes da Rocha, Carlos Milan e Rino Levi são citados como alguns dos arquitetos nacionais também admirados no curso de Minas Gerais. Particularmente nutria forte respeito por Richard Neutra. Na sua visão, a limpeza formal e a maneira como Neutra detalhava o programa de necessidades junto aos clientes era algo essencial para a arquitetura de qualidade.

Na universidade, ressalta o valor de professores como Sylvio de Vasconcellos, porém cita que a atividade cultural e a busca por novas idéias surgiam com mais ênfase por parte dos alunos. Compartilhou com colegas como William Abdalla, José Carlos Laender Castro, Marcio Pinto de Barros, Marcos Meyer, dentre outros, a constante busca por conhecimento e o envolvimento com o movimento cultural da época. Relata que no período de graduação chegou a participar de diversas greves de cunho cultural (FERRARI, 2008).

Ainda no período universitário, o convênio da instituição educacional com o escritório de Oscar Niemeyer possibilita estágio de 15 dias nas obras de Brasília. Acompanhados pelo próprio Niemeyer, os alunos

visitam diversas construções em andamento pela cidade e se detém com mais atenção no Teatro Nacional, analisando aspectos construtivos, desenhos e detalhes da concepção de acordo com as ponderações do próprio Oscar.

Gradua-se arquiteto em 1963. Como ele mesmo afirma, sai da faculdade em dezembro e em janeiro já está na prancheta a trabalhar, local em que permanece até os dias atuais. Após o término do curso, volta para Ponte Nova, abrindo escritório próprio e desenvolvendo alguns projetos. Assim permanece até o início de 1965. Muda-se para Cuiabá, onde trabalha de 1965 a 1967, desenvolvendo serviços técnicos junto a uma equipe de planejamento que dava subsídios ao governador do Mato Grosso. Após convite do amigo Armando Scartezzini, chega a Goiânia no final de 1967.

A proposta seria para trabalhar no organismo central criado para coordenar a execução das obras do Governo de Goiás, a Suplan. Em paralelo com o novo emprego, Antônio Lúcio se dedica à formação da faculdade de arquitetura da Universidade Católica. O mercado da construção civil em ascensão também permite que desenvolva seus projetos pessoais, atividade que, junto à academia, dedica-se até os dias atuais.

Na carreira acadêmica foi um dos fundadores do primeiro curso de arquitetura no Estado, em parceria com Elder Rocha Lima. No quadro inicial de professores eram os únicos arquitetos, muitos profissionais desacreditavam a empreitada da nascente escola. A faculdade tinha raízes no curso das belas artes (METRAN, 1996) e alguns dos seus professores acabaram formatando o novo curso de arquitetura.

D. J. Oliveira, Frei Confaloni e Ana Maria Pacheco, que muito contribuíram com o pensamento moderno das artes plásticas no Estado (FIGUEIREDO, 1979), ajudaram a formar a nova geração de arquitetos goianos. No decorrer do tempo novos professores com formação em arquitetura, como Eduardo Simões, Fernando Rabelo e outros, provenientes de diferentes regiões, foram agregando-se ao corpo docente da instituição.

Como profissional de prancheta, Antônio Lúcio desenvolveu duas atividades em paralelo: o emprego em grandes empresas e a atividade autônoma. Na Suplan exerce a atividade de 1967 a 1974, mudando-se para a Provalle após essa data e lá permanecendo até 1979. Em seguida, passa a exercer somente atividades como autônomo.

No Estado, foi precursor dos conceitos da escola paulista de arquitetura, sendo um dos mais radicais defensores do brutalismo, que não apenas dava atenção ao concreto aparente, mas também a técnica construtiva, ao significado do desenho no canteiro de obras, a importância da estrutura e mesmo o espaço livre, que permitia a ocupação dinâmica do ambiente.

Pelo grande volume de obras em concreto, o arquiteto termina por se familiarizar com o material e a técnica construtiva. Junto a conceituados engenheiros da época, como Mário Metran e Geraldo Félix que subsidiam o trabalho, vai aprimorando seus projetos. Ressalta a importância dos outros projetistas e mesmo do engenheiro da construção, já que a obra não depende apenas da arquitetura e essencialmente deve ser bem construída para que represente os ideais do autor.

Antônio Lúcio discorre sobre o concreto, afirmando que trata-se de tecnologia presente em praticamente todas as obras, não existindo nada mais correto que o concreto em uma região em desenvolvimento. Hoje é a mão de obra mais barata e abundante no país. Complementarmente, a estrutura seria o item mais importante da construção (FERRARI, 1986), pois ali se concentra grande parte do orçamento, a sustentação do edifício e sua racionalização implica em diversas vantagens para a obra.

Na cidade, edifica uma série de obras que fazem uso ostensivo do material. A residência de Walter Hugo Frota (1973) (fig.26), o Palácio Maçônico (1975) (fig.28), a Igreja São José (1976) (fig.27), e o edifício de apartamentos (1977) (fig.29) são exemplos de edifícios ícones do arquiteto.

A estrutura, permitindo a planta livre, faria do arquiteto apenas um agente técnico da edificação do espaço. E dá as premissas básicas espaciais, deixando ao usuário a escolha pela forma mais adequada de ocupação. Um pensamento ainda um tanto distante da realidade da região, tal qual a visão da arquitetura



Fig.26 . Res. Walter Hugo Frota. Rua 94-C, Lote 5, St. Sul .
Autor: Monise Campos.



Fig.27 . Palácio Maçônico. Rua 1, s/nº, Vila Fama.
Autor: Antônio Lúcio Ferrari. In: FERRARI, 1984 C.

como uma forma de arte que não deveria se limitar apenas à resolução racional de uma planta. Para ele a arte é a raiz da arquitetura.

Como método de trabalho, tem a maquete e o desenho a mão livre como princípios fundamentais. A mão proporciona a agilidade necessária ao desenho e a maquete obriga a resolução do projeto como um todo, onde a má concepção da implantação, elevação, cobertura ou estrutura são evidenciados de modo mais claro, obrigando melhores soluções. Pelo seu escritório passaram vários futuros profissionais, influenciados por uma nova metodologia de trabalho e postura diante do impasse projetual. É um importante artífice na formação acadêmica e profissional na cidade, que influenciou e continua a influenciar novas gerações.



Fig.28 . Igreja São José. Pça. do Cruzeiro, St. Sul. Autor: João Antônio Pereira.
In: PEREIRA, 1992. p.101.



Fig.29 . Edifício de Apartamentos. Av. República do Líbano, entre Rua Ismerino
Carvalho e Rua 4, St. Aeroporto.
Autor: Antônio Lúcio Ferrari. In: FERRARI, 1984 B.

Paulo de Barros Mendonça

Natural de Tupaciguara/MG, 1952, Paulo Mendonça já se interessava por arquitetura e design desde criança, os familiares relatam o gosto prematuro por brincadeiras de construção e criação (MENDONÇA, 2009). Logo após seu nascimento, os pais resolvem mudar para Goiânia por se tratar de cidade mais desenvolvida. Na capital, ele finaliza o curso primário no Instituto Araguaia e o ginásial no Liceu de Goiânia.

Já no início da década de 1970 vai a Brasília fazer Engenharia Civil na Universidade de Brasília, UNB. Após assistir a uma palestra de Oscar Niemeyer, chega a conclusão que estava no caminho errado e em 1971 encontra-se cursando arquitetura na mesma instituição. Lá aproveita a efervescência cultural e faz diversos cursos complementares: economia, sociologia, fotografia, teatro e outros; divide espaços com Tizuka Yamasaki e Cassia Eler.

Na universidade ainda era forte a influência de Oscar Niemeyer e Lelé no ensino de arquitetura. Nesse período recebe um prêmio e tem a oportunidade de passar alguns meses como estagiário no escritório de Burle Marx.

Em 1975 retorna a Goiânia com o título de arquiteto, estrutura o escritório e parte para as atividades autônomas. Sua primeira obra é projetada ainda na universidade, a residência de Georhon Philocreon (ver capítulo 7. Residências). Projetou pouco, fez mais algumas reformas, mas essa foi sua principal obra. O design foi o próximo passo em sua carreira, sentia-se frustrado com as limitações impostas pelos clientes de arquitetura, não se apegava à parte comercial, era profundamente ligado a criação e conceituação do objeto arquitetônico, o design de mobiliário oferecia mais liberdade, lá ele controlava todas as etapas da produção.

“Assumi um pouco da rebeldia e inconformismo dos anos 70 e profissionalmente não fazia concessões. Isso tornava muito difícil minha relação com os clientes no momento de definir as formas arquitetônicas de uma casa, por exemplo. Fechava a questão radicalmente e na maioria das

vezes não mudava nada no projeto. Percebi então que o meu caminho era um trabalho mais intimista, voltado para a criação” (ROCHA, 1991)

Na Universidade Católica de Goiás lecionou no período de 1977 a 1979. Em 1980, junto com Luís Antonio Ludovico de Almeida e Paulo Humberto Ludovico de Almeida, abre a Arvoredo, fábrica e loja de móveis e objetos decorativos. A empreitada sustenta-se por seis anos e já em 1984 o arquiteto muda-se para o Rio de Janeiro e trabalha na loja On-Line, em Ipanema. Em 1987, aliado ao designer Carlos Alcantarino, monta a loja e fábrica A.M. Brasil, especializada na fabricação de sofás e poltronas. Faleceu precocemente.

6. Casas



Elevação Rua 10

Fig.1. Autor: Sulamita Borges
In: BORGES, 1990. p.44.

Ao deparar-se com o lote de esquina, com dois metros de declive, a primeira decisão do arquiteto foi elevar toda a casa em uma única plataforma. Por meio dessa atitude torna-se possível resolver de forma mais simples o pequeno programa de necessidades sem implantar os diferentes setores em níveis variados. Assim, o embasamento de pedra assume uma responsabilidade não só funcional, mas acima de tudo plástica, ao erguer todo o volume principal a base escura contrasta com o volume branco, liberando todo o conjunto do chão.

O acesso é feito por meio da rampa que leva ao vestíbulo, ou varanda coberta, uma zona de proteção que antecede o setor social, protegido pelo painel de vidro de piso a teto, emoldurado pelo volume branco. A setorização é claramente definida em três blocos separados: social, íntimo e serviços. Toda a área social concentra-se na parte posterior da casa. Vale notar que esses ambientes de estar são atendidos pelo pátio interno, que resolve questões de ventilação cruzada e propicia umidade, viabilizada pelo jardim de palmeiras ali implantado.

A área íntima é resolvida com dois quartos e um banheiro, ambientes que podem ser percorridos sem que os fluxos social/íntimo se encontrem. O setor de serviços é acessado lateralmente, pela garagem, passando pela área de serviços e chegando a cozinha. A partir da garagem é possível direcionar os fluxos tanto social quanto íntimo. Uma preocupação primordial em um projeto pequeno, que propicia o encontro.

O partido volumétrico é definido por um maciço trapezoidal, formatado pela cobertura em V, uma clara influência de Niemeyer e Reidy. A elevação frontal, marcada pela pele de vidro recuada, propicia zona de sombra, trabalhando com o contraste claro/escuro ao mesmo tempo em protege a sala do sol direto. Na elevação lateral, os dois trapézios são emoldurados em suas bordas, convergindo ao centro assinalado pela abertura do pátio interno.

Toda a estrutura foi executada em concreto armado e as vedações em tijolo maciço. Esquadrias foram produzidas em barra chata de ferro, com detalhamento do próprio arquiteto. No interior encontramos o piso de tacos de madeira nos quartos e salas. Cozinha, banheiros e área de serviço são todos em ladrilho

hidráulico hexagonal. A casa é materialmente simples, mas apresenta características espaciais que ainda não haviam sido utilizadas nas edificações da cidade até o momento. Foi demolida.

Obra Residência Dourival de Souza Bacellar
Arquiteto Eurico Calixto de Godoy
Local Rua 10 c/ Rua 91, 444, Setor Sul
Ano do Projeto 1952
Proprietário Dourival de Souza Bacellar e Therezinha Moraes de Souza Bacellar
Profissão Bancário
Contato Soube da chegada do novo Arquiteto a cidade
Composição Familiar 1 Casal
Estrutura Eurico Calixto de Godoy
Instalações Eurico Calixto de Godoy
Construção Eurico Calixto de Godoy
Período Construção 1952-1953

Área Terreno 456,87m²
Área Ocupada 176,45m²
% Ocupação 38,62
Área Construída 189,17m²



SATÉLITE

1.2500

Programa	Componentes	Área	% área construída
Social	Vestibulo		
	Estar		
	Jantar		
	Lavabo	65,82m ²	34,79
Serviço	Cozinha		
	Área de Serviço		
	Depósito	28,97m ²	15,31
Íntimo	2 Quartos		
	Banho	63,35m ²	33,49
Externo	Garagem		
	Pátio Interno	31,03m ²	16,41
Orientação			
Quartos	Sudeste		
Sala	Noroeste		



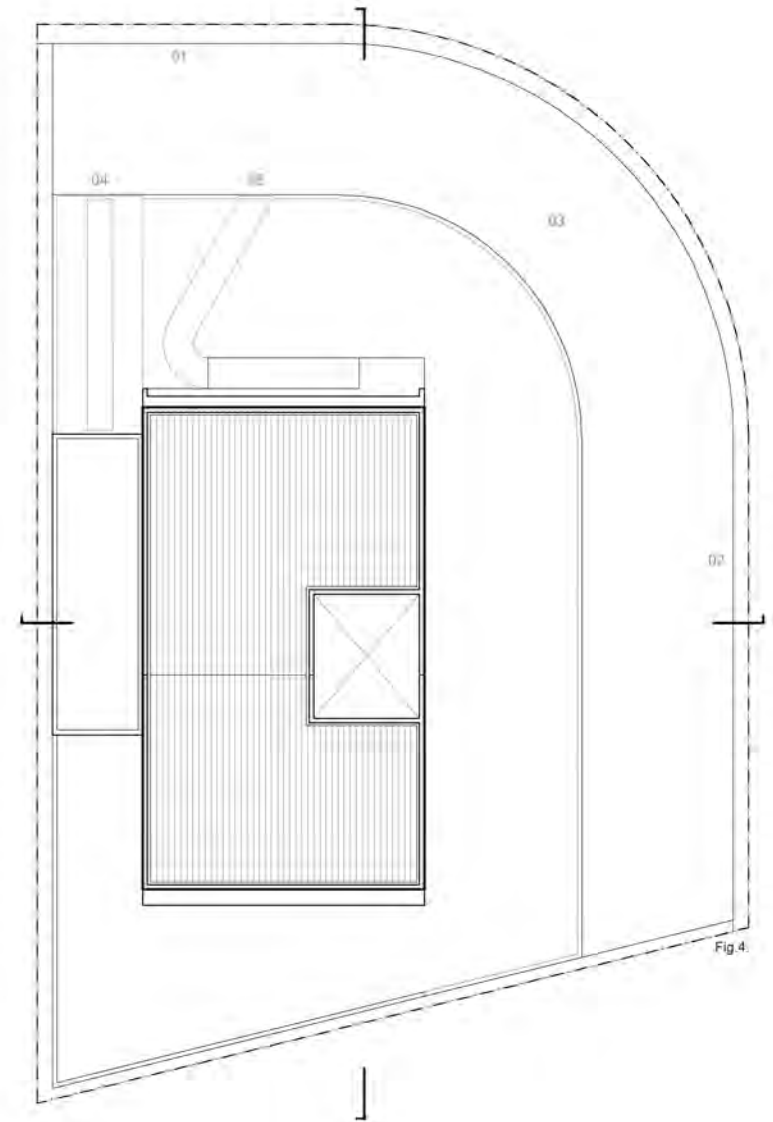
SITUAÇÃO

1:2500

Fig. 3.

- 01. rua 10
- 02. rua 91
- 03. passeio público
- 04. acesso veículos
- 05. acesso pedestres

IMPLANTAÇÃO
1:250



- 01. vestibulo
- 02. estar/jantar
- 03. garagem
- 04. área de serviço
- 05. cozinha
- 06. quarto
- 07. pátio interno

PAV. TÉRREO

1/250

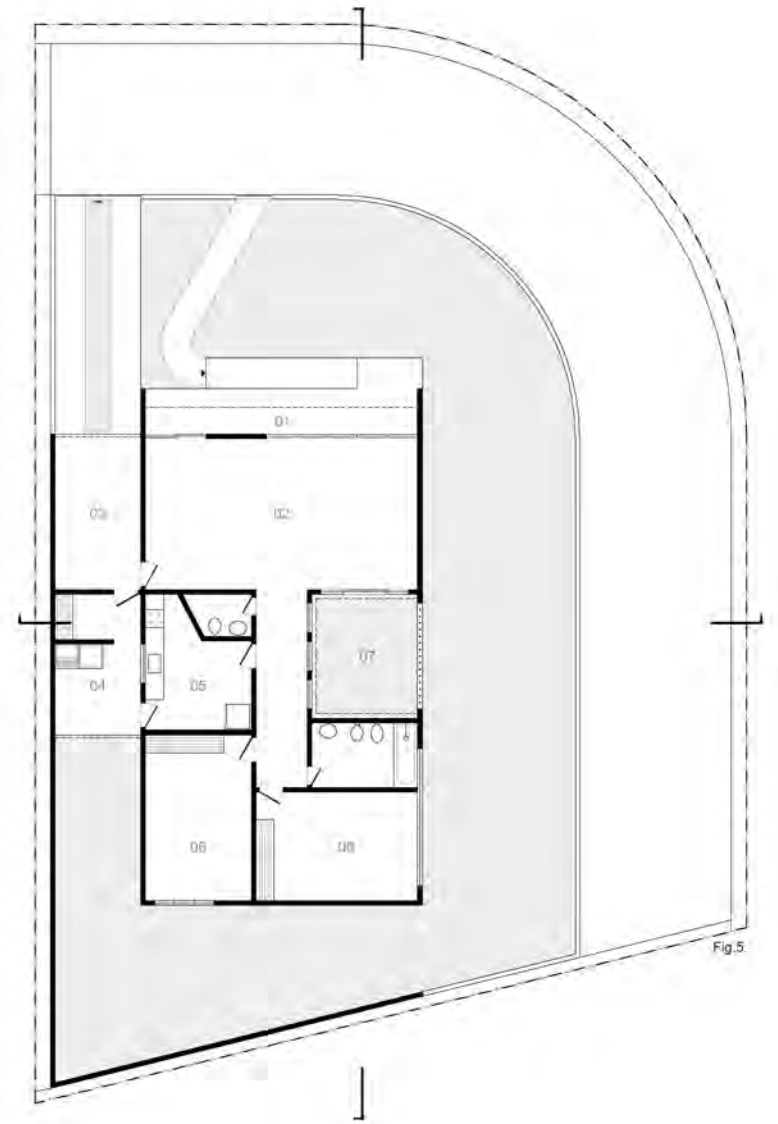
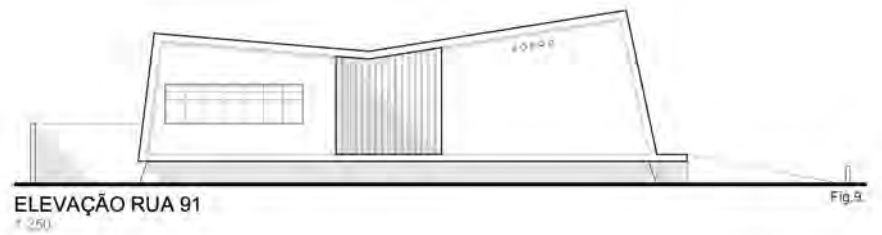
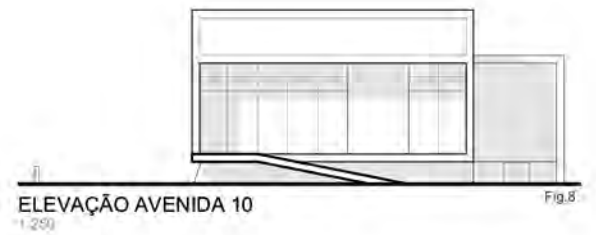
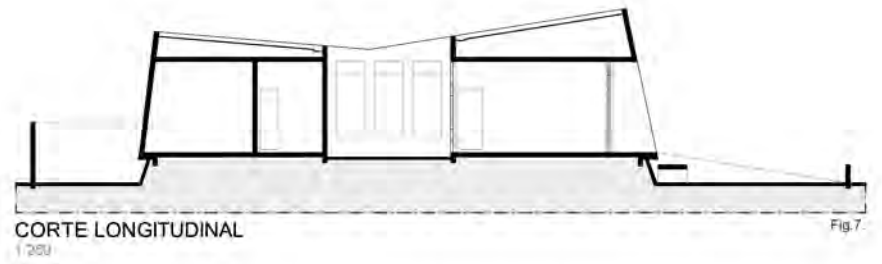
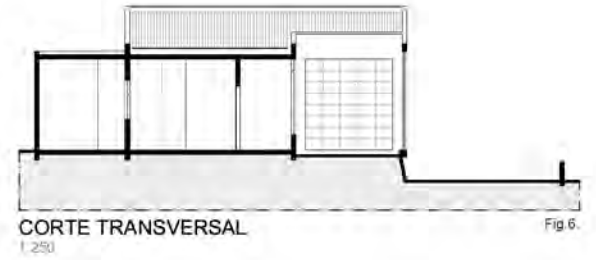


Fig. 5





Elevação esquina

Fig.10. Autor: Fabio C. Fonseca.
In: FONSECA, 1992, p.1-10.



Elevação Rua 91

Fig.11. Autor: Fabio C. Fonseca.
In: FONSECA, 1992, p.1-10.



Pátio interno

Fig.12. Autor: Fabio C. Fonseca.
In: FONSECA, 1992, p.1-10.



Elevação Rua 10

Fig.13. Autor: Sulamita Borges
In: BORGES, 1990. p.44.



Elevação Rua 10

Fig.14. Autor: Fabio C. Fonseca.
In: FONSECA, 1992. p.1-10.



Elevação Avenida Paranaíba

Fig.15. Autor: Monise Campos
In: Arquivo pessoal do autor.

A residência encomendada, de aproximadamente 350,00m² foi implantada em terreno de esquina, junto a uma das principais avenidas da cidade, espaço turbulento, atingido pelo movimento local. Circundada por edifícios de grande porte, feira de ambulantes e postos de serviços, apesar da ausência de muros a privacidade permanece intacta. Notadamente introspectiva, obedece apenas aos afastamentos frontais e limita-se aos muros vizinhos.

A volumetria é dominada pela horizontalidade. Ao tratar o volume com formas puras, o autor retira da qualidade material dos elementos, como o cobogó e revestimentos, a riqueza da composição. O volume não se destaca na paisagem pelo seu porte, espraia-se pelo terreno, os atrativos externos ficam a cargo da riqueza dos materiais, da composição de cheios e vazios, positivos e negativos presentes nas elevações. É notável a preocupação do autor com as questões climáticas e de disponibilidade de materiais e mão de obra na região. Nas faces que recebem o sol, os planos verticais são mais espessos e revestidos com material cerâmico, aumentando a inércia térmica. Os planos de cobogó são protegidos por área sombreada.

Ao fazer uso dos painéis cerâmicos e elementos vazados, o decoro arquitetônico se volta ao domínio público, evidenciando a preocupação com a inserção da edificação no contexto urbano. Externamente, os planos verticais vazados ou maciços fazem a transição de exterior/interior. Libeskind usa recursos miesianos ao esconder a porta de acesso por meio do prolongamento dos planos.

A casa é organizada a partir de 3 pátios. O primeiro faz a transição entre a área social e a íntima, o seguinte garante ventilação e iluminação natural nos quartos. Por fim há um pátio, que permite a articulação dos serviços nos quartos e cozinha completamente independente das áreas sociais. São tais pátios que permitem que a casa se feche para o interior. Dentro e fora passam a ser integrados, todos os ambientes se comunicam de alguma maneira com áreas verdes.

Em uma obra concebida fora dos padrões usuais da região, pensando-se em espaços conectados e iluminados, diferenciando-se das residências até então edificadas, é notável que ainda se conserve

praticamente em seu estado original. Os mesmos revestimentos e usos, o volume sem adendos, a estrutura original da planta, nos evidencia a força criativa do arquiteto que ainda resiste após mais de 55 anos desde o risco original.

Obra	Residência José Félix Louza
Arquiteto	David Libeskind
Local	Avenida Paranaíba c/ Rua 9, 1203, Setor Central
Ano do Projeto	1952
Proprietário	José e Irene Félix Louza
Profissão	Fazendeiro
Contato	Viram outras obras residenciais do arquiteto em Belo Horizonte
Construção	José Quintiliano
Período Construção	1952-1953

Área Terreno	661,19m ²
Área Ocupada	346,04m ²
% Ocupação	52,33
Área Construída	351,88m ²



SATÉLITE

1,2500

Fig.16. Autor: Google Earth ©2009.
In: Google, ©2009 MapLink/TeleAtlas, coordenadas: 16°40'18.50"S 49°15'39.75"O, acessado 04/04/2009.

Programa	Componentes	Área	% área construída
Social	Vestibulo		
	Estar		
	Jantar	123,07m ²	34,98
Serviço	Cozinha		
	Quarto Serviço		
	Banho Serviço		
	Área de Serviço	67,15m ²	19,09
Íntimo	3 Quartos		
	2 Banhos	110,37m ²	31,36
Externo	Garagem		
	Pátio Interno	51,29m ²	14,57

Orientação

Quartos	Nordeste
Sala	Sudoeste



SITUAÇÃO

1:2500

Fig.17.

- 01. av. Paranaíba
- 02. rua 09
- 03. passeio público
- 04. acesso veículos
- 05. acesso pedestres

IMPLANTAÇÃO

1:250

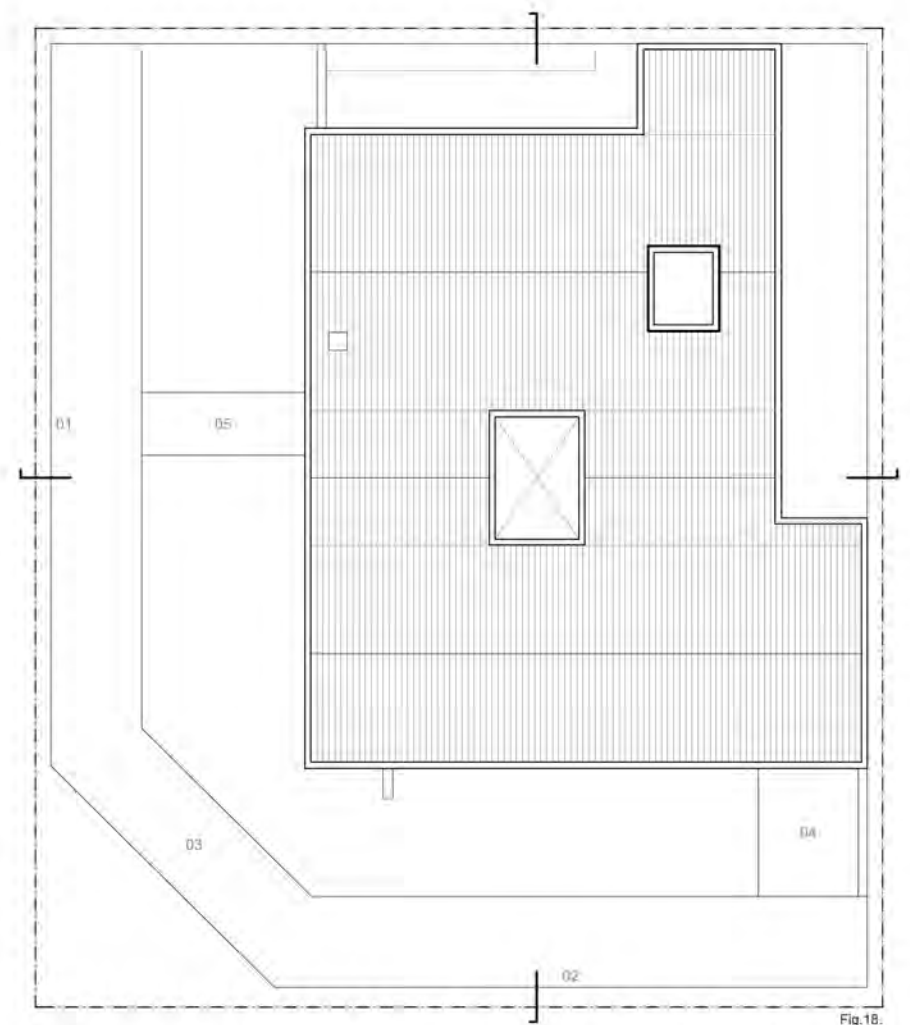


Fig.18.

- 01. vestíbulo
- 02. estar
- 03. jantar
- 04. garagem
- 05. cozinha
- 06. pátio interno
- 07. quarto
- 08. quarto serviço

PAV. TÉRREO

1:250

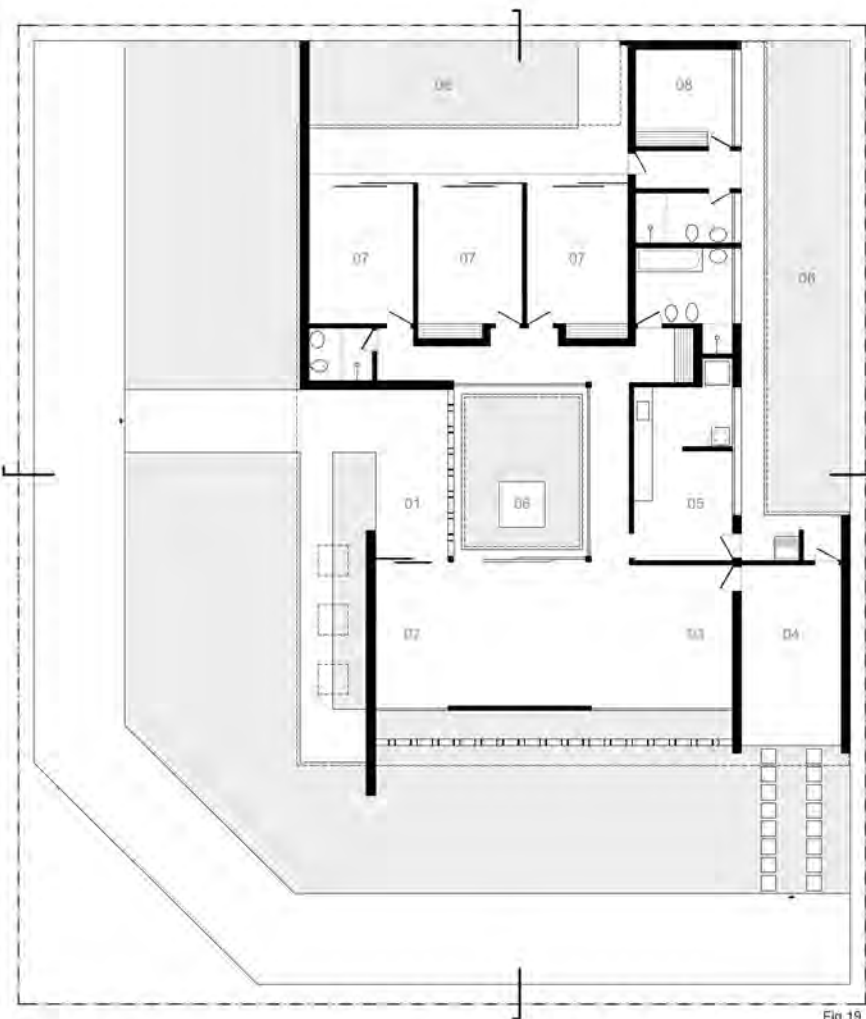
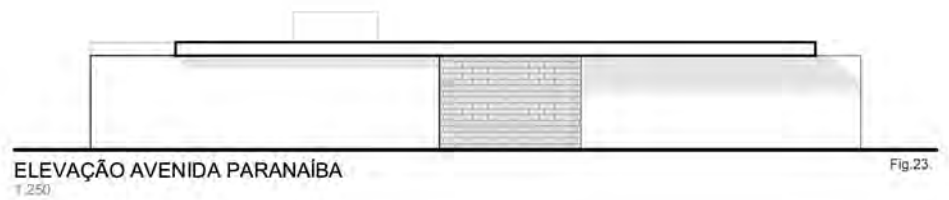
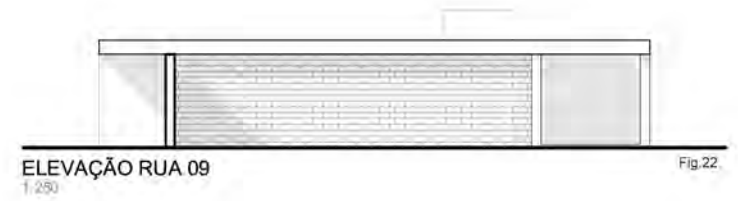
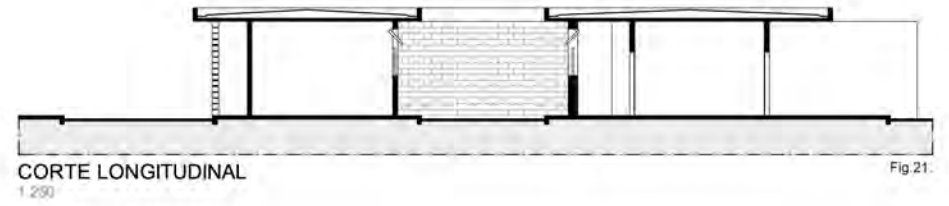
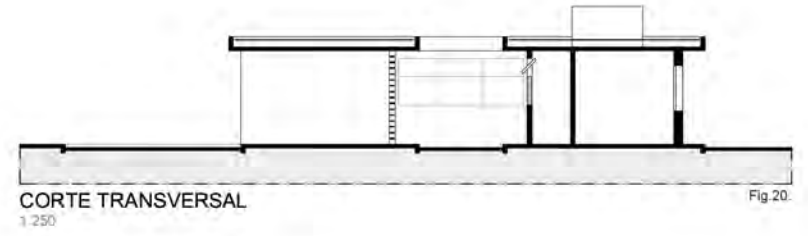


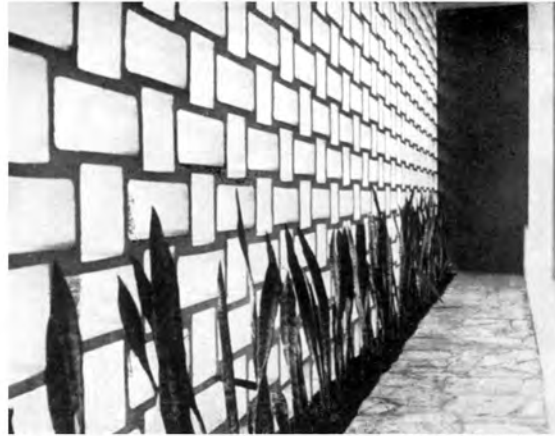
Fig.19.





Pátio Interno

Fig.24. Autor: David Libeskind.
In: L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI, n.73, p.71.



Pátio Interno

Fig.25. Autor: David Libeskind.
In: L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI, n.73, p.71.



Elevação Rua 9

Fig.26. Autor: David Libeskind.
In: L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI, n.73, p.71.



Elevação Avenida Paranaíba

Fig.27. Autor: David Libeskind.
In: L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI, n.73, p.71.



Detalhe painel

Fig.28. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Detalhe painel

Fig.29. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Elevação Rua 84

Fig.30. Autor: David Libeskind.
In: Arquivo pessoal de Luciana Tombi Brasil, gentilmente cedido ao Autor.

A segunda obra de David Libeskind em Goiânia apresenta mais uma série de soluções inéditas na cidade. Novamente a volumetria é marcada pela horizontalidade, dessa vez em dois volumes distintos no qual o superior é um prisma horizontal fechado nas laterais e aberto tanto posterior quanto anteriormente. Apesar das grandes dimensões desse volume superior seu impacto urbano é minimizado pelos generosos afastamentos e pelo muro, que faz a transição de escalas.

Na parte inferior a setorização é rigorosa. O social desenvolve-se em fração posterior e aos fundos as áreas de serviços. Todo o social de piscinas e varandas são atendidos pelos ambientes de serviços que se mantém discretos devido ao muro que os divide. A área social coberta se vê envolta por vidros, que são protegidos pelo volume superior, permitindo que o exuberante paisagismo participe do cenário interno. Um espaço livre, ponteadado pelos pilotis, permitindo a livre adaptação do programa de acordo com as necessidades dos usuários.

Na porção superior desenvolve-se todo o programa íntimo, apresentando quartos ligados aos banhos por meio de closets, uma novidade local. Esses espaços conectam-se ao andar inferior por meio de escada interna e outra externa, destacando-se na volumetria, e que, conforme relatos de frequentadores da residência a época, surge da solicitação do cliente que, ao promover jogos de carta, propiciaria aos convidados o acesso e saída da residência sem cruzar os espaços internos.

Em um gesto de gentileza urbana, Libeskind apresenta no anteprojeto o muro que permeia o perímetro do terreno alternando curvas e retas, oferecendo parcelas internas do terreno ao passeio público. Assim criavam-se espaços arborizados, largos na calçada que disponibilizavam a cidade um espaço valioso. Infelizmente a proposta não foi aceita, porém mesmo assim a idéia resiste e uma pequena faixa verde é oferecida, o muro tratado com painéis artísticos, transformando-se em grande painel emoldurado pelo verde.

Ainda no período de construção houve a transferência de proprietários. Haji Ascar a vende para Ignacy Godfeld, empresário, que finaliza a empreitada. A casa hoje encontra-se totalmente descaracterizada,

transformou-se em espaço de eventos, o jardim foi coberto por tendas, os muros emmassados e o verde externo eliminado. É impossível a associação da atual situação com as fotos aqui apresentadas. A planta livre foi aprovada no teste utilitário.

Obra Residência Haji Ascar
Arquiteto David Libeskind
Local Rua 84, 61, Setor Sul
Ano do Projeto 1955
Proprietário Haji e Salma Ascar
Profissão Empresário do ramo imobiliário
Contato Gostou da residência de José Félix
Composição Familiar 1 casal, 3 filhos
Período Construção 1955-1957

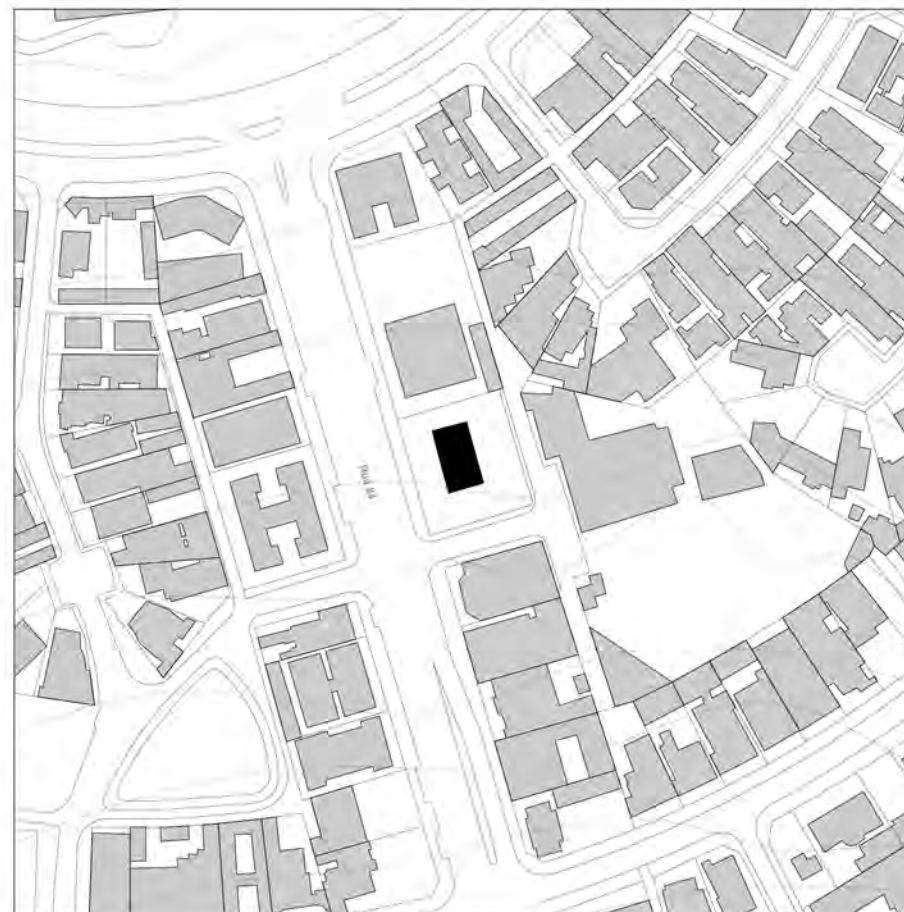
Área Terreno 1446,56m²
Área Ocupada 600,84m²
% Ocupação 41,53
Área Construída 1139,28m²



SATÉLITE

1.2500

Programa	Componentes	Área	% área construída
Social	Vestíbulo Música Estar Jantar Lavabo Escritório	198,37m ²	17,41
Serviço	Cozinha Área de Serviço Adega 2 Quartos Serviço Quarto Costura Lavanderia Máquinas Reservatório	196,15m ²	17,21
Íntimo	2 Escadas 5 Quartos 4 Banhos Estar	400,58m ²	35,17
Externo	Garagem 2 Piscinas Terraços	344,18m ²	30,21
Orientação			
Quartos	Nordeste		
Sala	Nordeste		



SITUAÇÃO
1:2500

Fig.32

- 01. rua 84
- 02. rua de serviços
- 03. passeio público
- 04. acesso veículos
- 05. acesso pedestres

IMPLANTAÇÃO

1/250

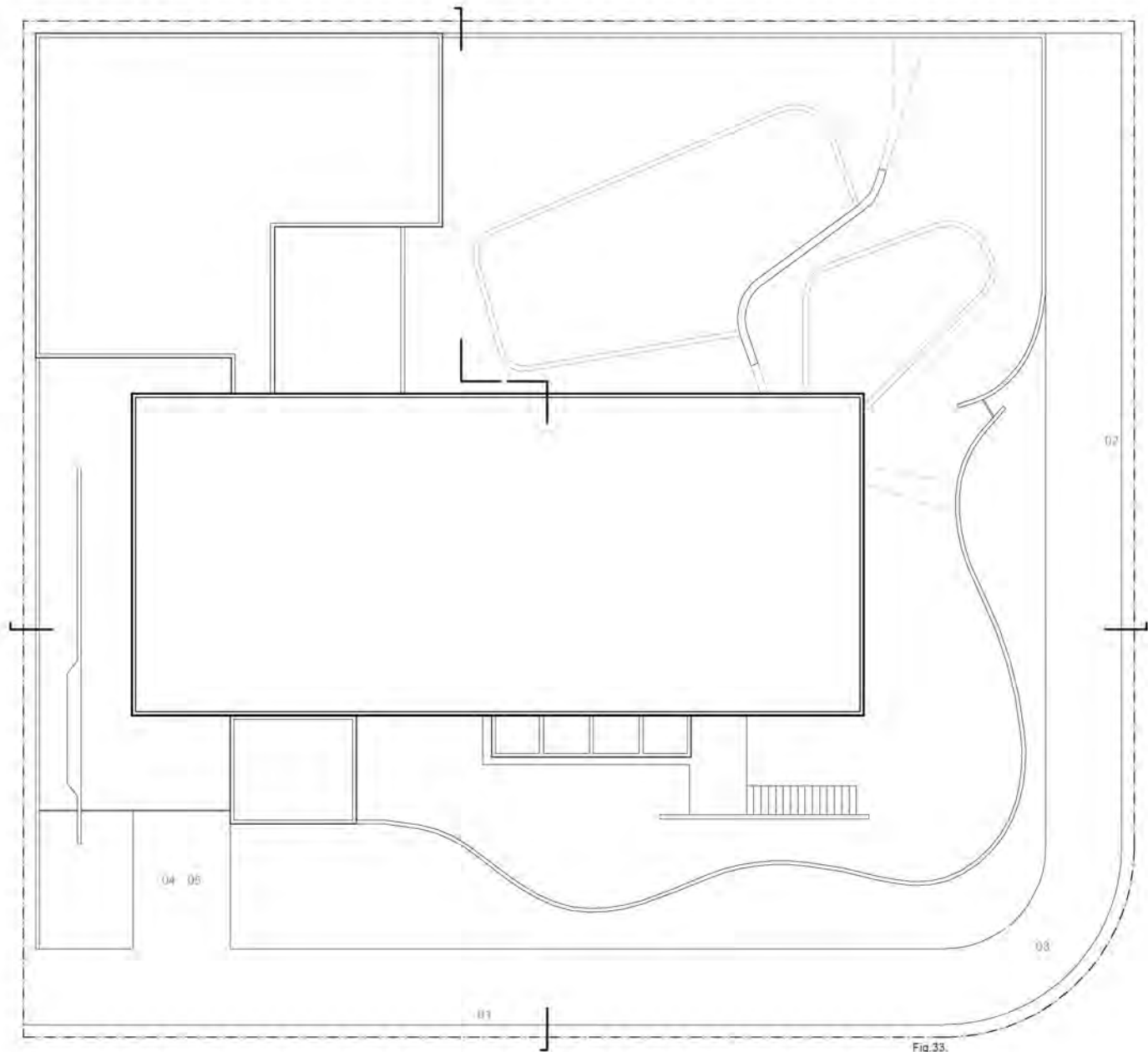


Fig.33.

- 01. vestíbulo
- 02. música
- 03. estar
- 04. jantar
- 05. cozinha
- 06. garagem
- 07. área de serviço
- 08. adega
- 09. quarto serviço
- 10. quarto costura
- 11. lavanderia
- 12. máquinas
- 13. reservatório
- 14. escritório

PAV. TÉRREO

1/250

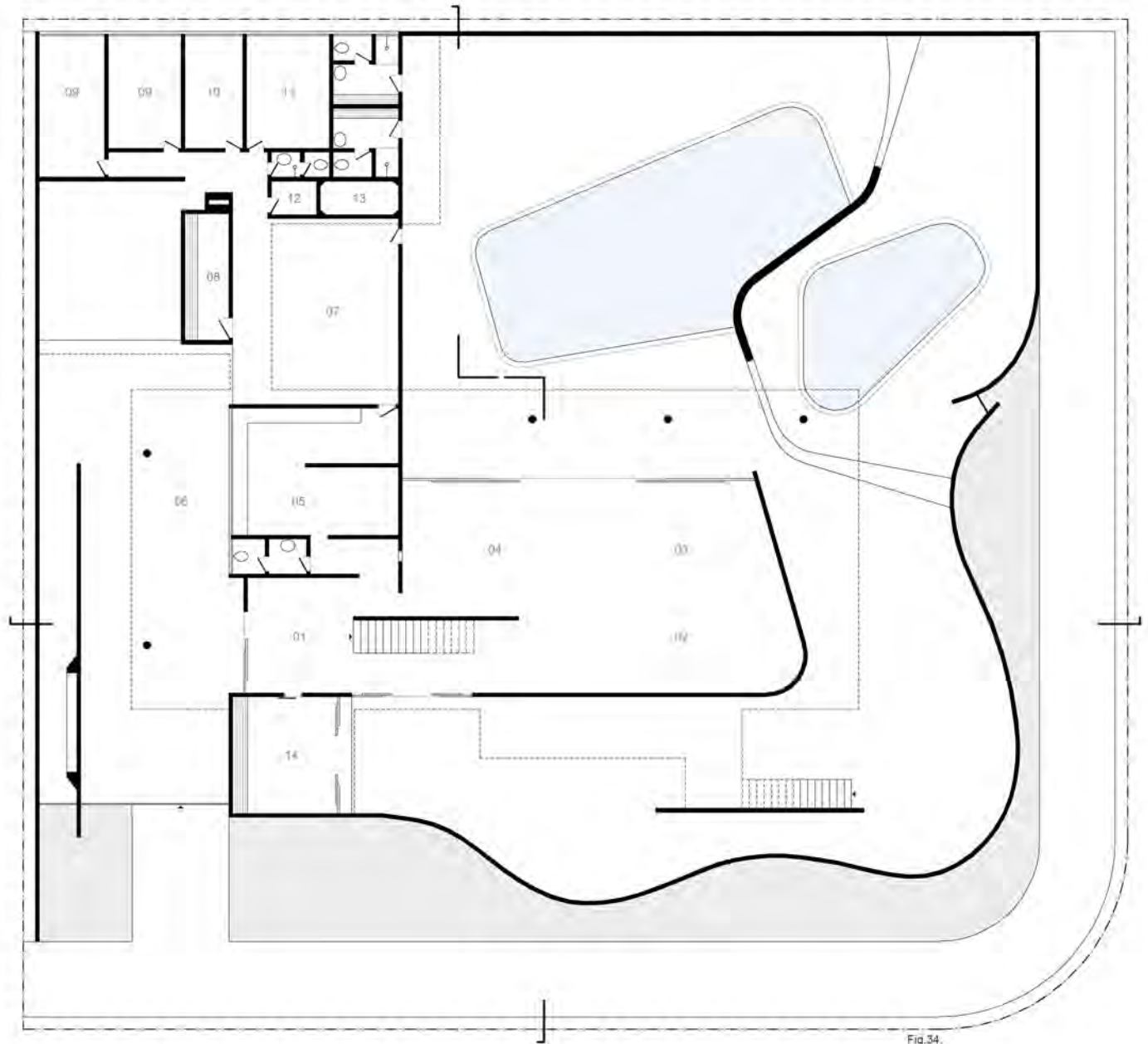
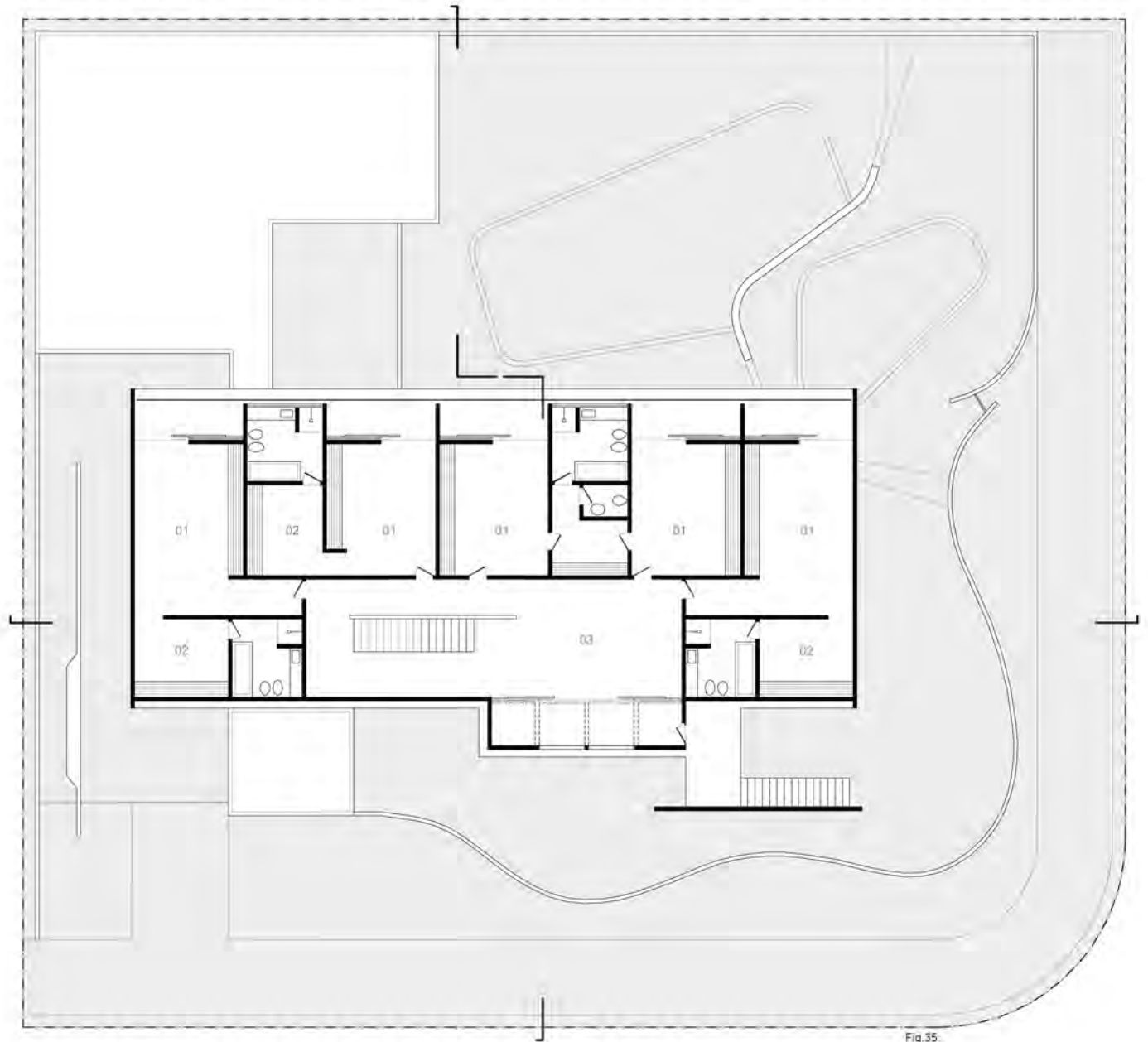


Fig.34.



- 01. quarto
- 02. closet
- 03. estar

PAV. SUPERIOR

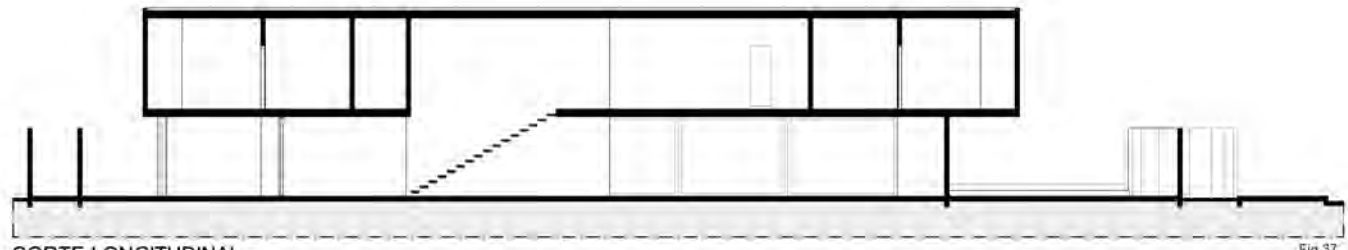
1:250

Fig. 35



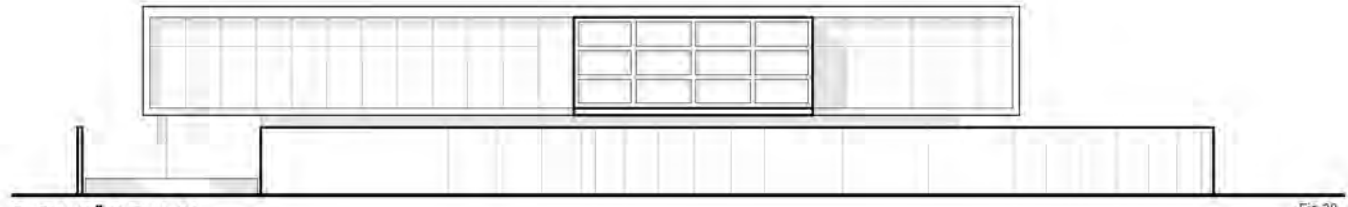
CORTE TRANSVERSAL
1:300

Fig.36



CORTE LONGITUDINAL
1:250

Fig.37



ELEVAÇÃO RUA 84
1:250

Fig.38



Terraço

Fig.39. Autor: David Libeskind.
In: Arquivo pessoal de Luciana Tombi Brasil, gentilmente cedido ao Autor.



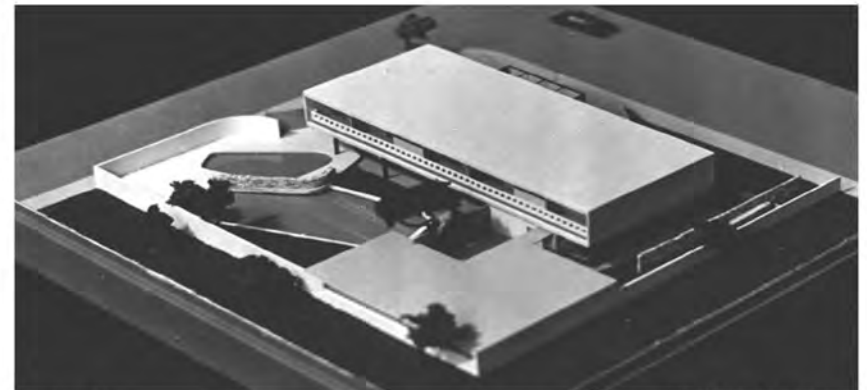
Elevação Rua 84

Fig.40. Autor: David Libeskind.
In: Arquivo pessoal de Luciana Tombi Brasil, gentilmente cedido ao Autor.



Maquete

Fig.41. Autor: David Libeskind.
In: Arquivo pessoal de Luciana Tombi Brasil, gentilmente cedido ao Autor.



Maquete

Fig.42. Autor: David Libeskind.
In: Arquivo pessoal de Luciana Tombi Brasil, gentilmente cedido ao Autor.



Estar

Fig.43. Autor: David Libeskind.
In: Arquivo pessoal de Luciana Tombi Brasil, gentilmente cedido ao Autor.



Vestíbulo

Fig.44. Autor: David Libeskind.
In: Arquivo pessoal de Luciana Tombi Brasil, gentilmente cedido ao Autor.



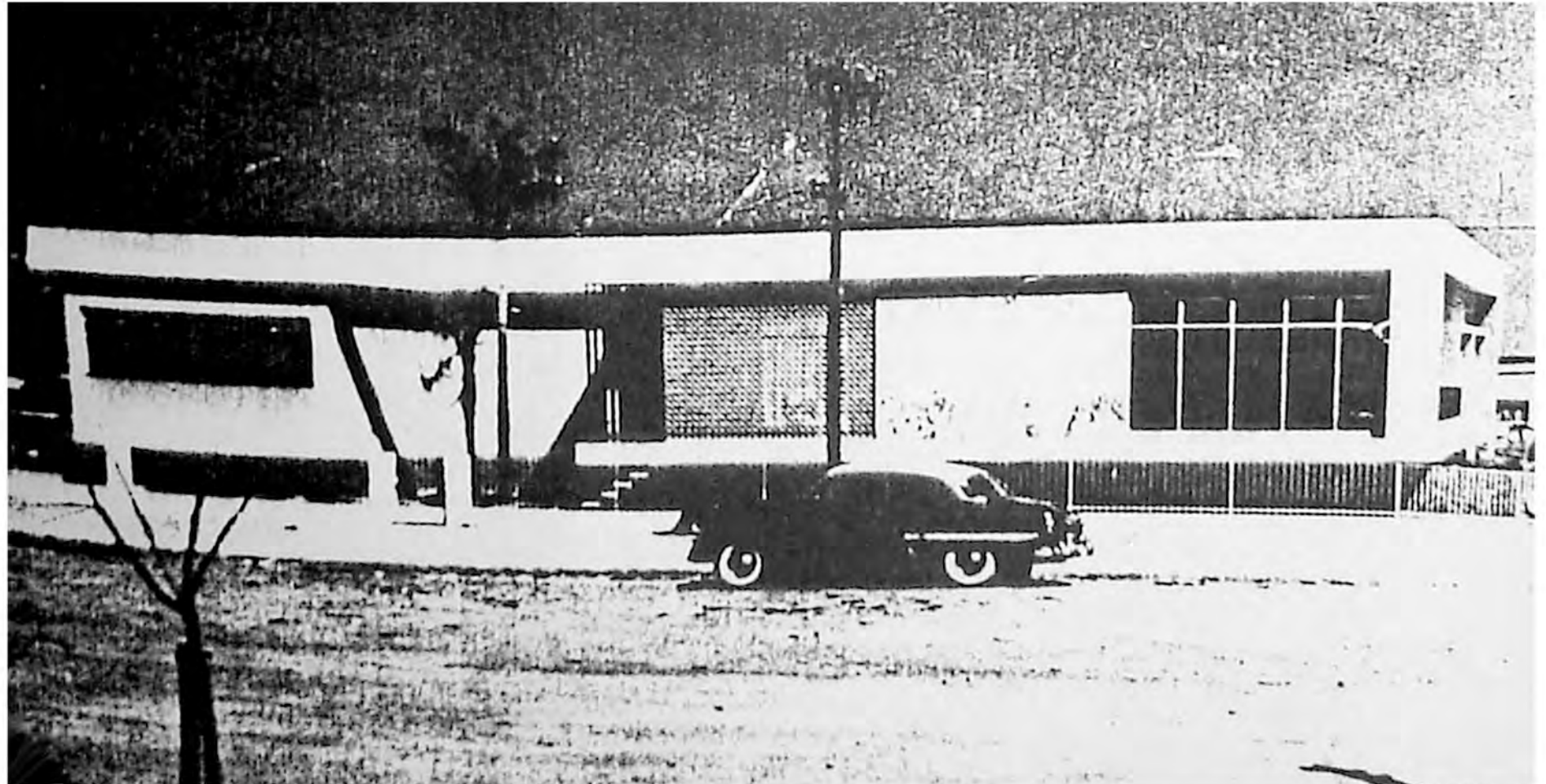
Estar

Fig.45. Autor: David Libeskind.
In: Arquivo pessoal de Luciana Tombi Brasil, gentilmente cedido ao Autor.



Música

Fig.46. Autor: David Libeskind.
In: Arquivo pessoal de Luciana Tombi Brasil, gentilmente cedido ao Autor.



Elevação Avenida República do Líbano

Fig.47. Autor: Não informado.
In: BORGES, 1990, p.51.

A organização dessa casa é feita em dois blocos unidos por uma circulação: o social/serviços em uma extremidade, e o íntimo, que encontra-se sobre a garagem. O acesso social acontece por meio da escada que se conecta a circulação central e o de serviços pela passagem junto a lateral do terreno. No pequeno vestíbulo conformado pela escada de acesso temos também o jardim que ambienta e anima os espaços voltados para ele por meio de painéis de vidro.

Aqui Eurico Godoy repete a solução de elevar o volume do solo por meio do embasamento de pedra, permitindo o destaque visual da porção superior. Ao suspender o nível do pavimento torna-se possível resolver a garagem na área mais baixa do terreno; assim as duas vagas não roubam área de partes mais nobres do programa. Nessa configuração de implantação, a volumetria conforma um pátio em U tendo ao centro a área de lazer e piscina. Apesar de não possuir muros a casa não se volta completamente para o interior, quartos e salas comunicam-se com a rua por meio de generosas aberturas.

Todo o volume é emoldurado por uma linha que percorre a fachada em sua extensão, revestida de mármore branco a moldura protege as superfícies de intempéries. O plano emoldurado é também revestido em mármore, porém paginado de forma mais trabalhada, ressaltando claros e escuros. A pedra de Pirinópolis é empregada como revestimento, mas em sua forma bruta.

Apesar da setorização muito definida e espaços amplos, a mobilidade da planta é mais restrita, já que a estrutura não independe da organização interna. Em concreto armado, a estrutura encontra-se completamente escondida no interior das paredes. A cobertura delgada foi resolvida em vários telhados de pequena inclinação, possibilitando menor altura das cumeeiras.

Em reportagem da época, esse exemplar foi eleito como uma das 10 melhores residências de Goiânia. Atualmente a casa não se encontra em posse dos proprietários originais, já passou por alguns outros usos, como comitê político, e foi murada em toda sua extensão. Pela volumetria prismática bem definida ainda mantém sua imagem forte, porém os acabamentos e a riqueza material da fachada estão degradados.

Obra Residência José Ribeiro Parrode
Arquiteto Eurico Calixto de Godoy
Local Avenida B c/ Avenida República do Líbano, 1510, Setor Oeste
Ano do Projeto 1960
Proprietário José Ribeiro Parrode e Brasilice Caiado Parrode
Profissão Empresário
Contato Mesmo meio social
Composição Familiar 1 casal e 2 filhos
Período Construção 1961-1962

Área Terreno 779,25m²
Área Ocupada 351,75m²
% Ocupação 45,13
Área Construída 394,74m²



SATÉLITE

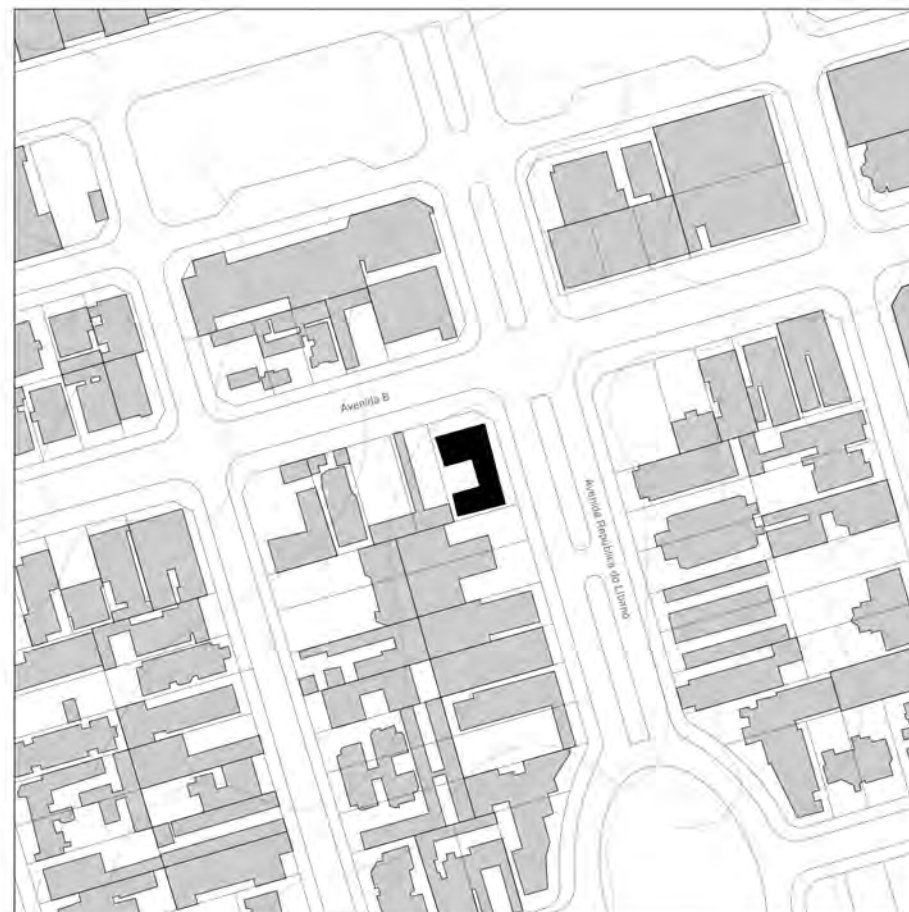
1,2500

Fig.48. Autor: Google Earth ©2009.
In: Google, ©2009 MapLink/TeleAtlas, coordenadas: 16°40'44.09"S 49°16'03.07"O, acessado 04/05/2010.

Programa	Componentes	Área	% área construída
Social	Vestíbulo		
	Estar		
	Jantar	134,86m ²	34,16
Serviço	Cozinha		
	Área de Serviço		
	Depósito		
	Banho Serviço	48,16m ²	12,20
Íntimo	4 Quartos		
	4 Banhos	113,02m ²	28,63
Externo	Garagem		
	Piscina		
	Terraço	98,70m ²	25,01

Orientação

Quartos	Sul
Sala	Norte



SITUAÇÃO

1:2500

Fig.49.

- 01. av. B
- 02. av. República do Líbano
- 03. passeio público
- 04. acesso veículos
- 05. acesso pedestres

IMPLANTAÇÃO

1:250

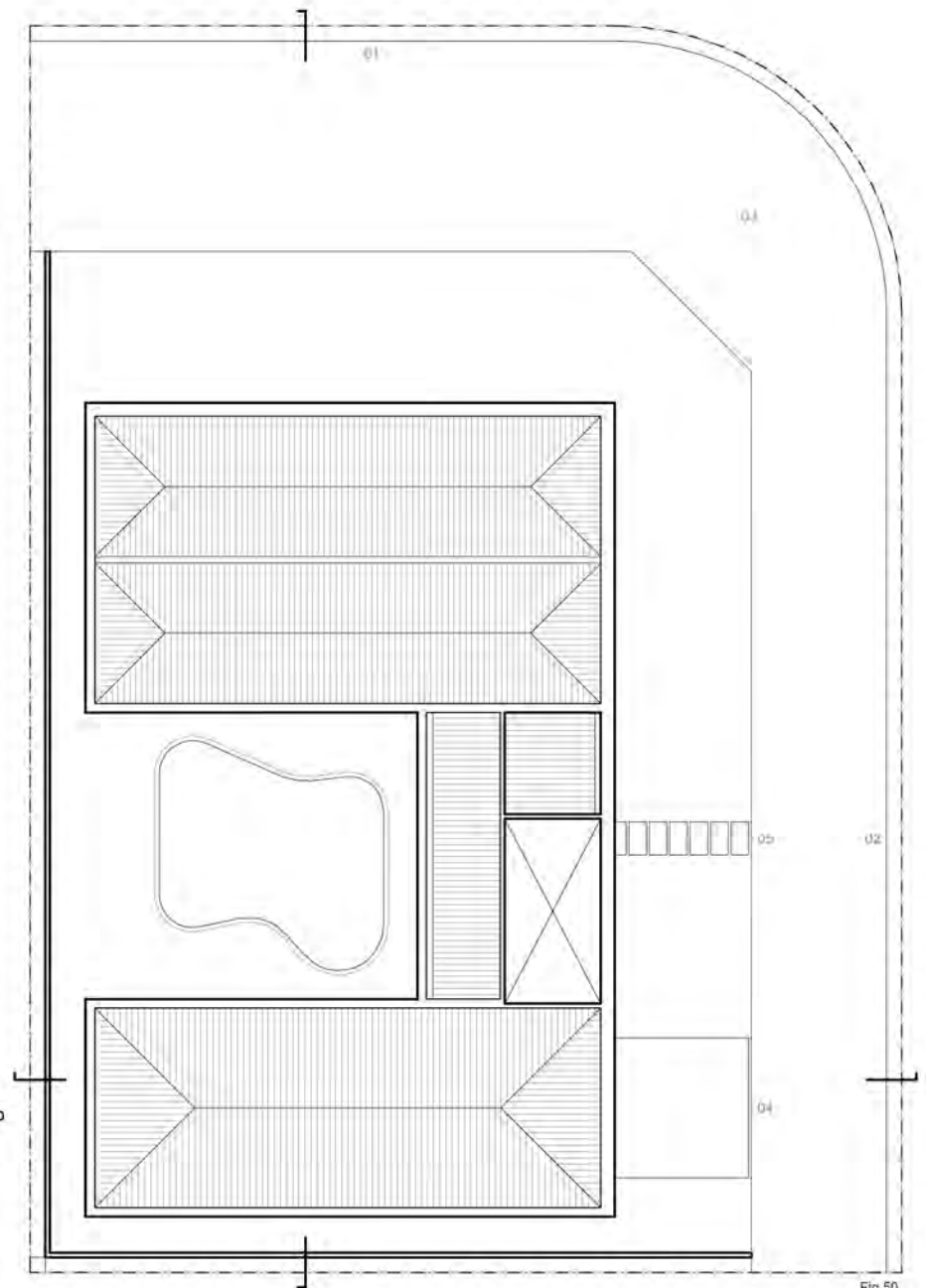
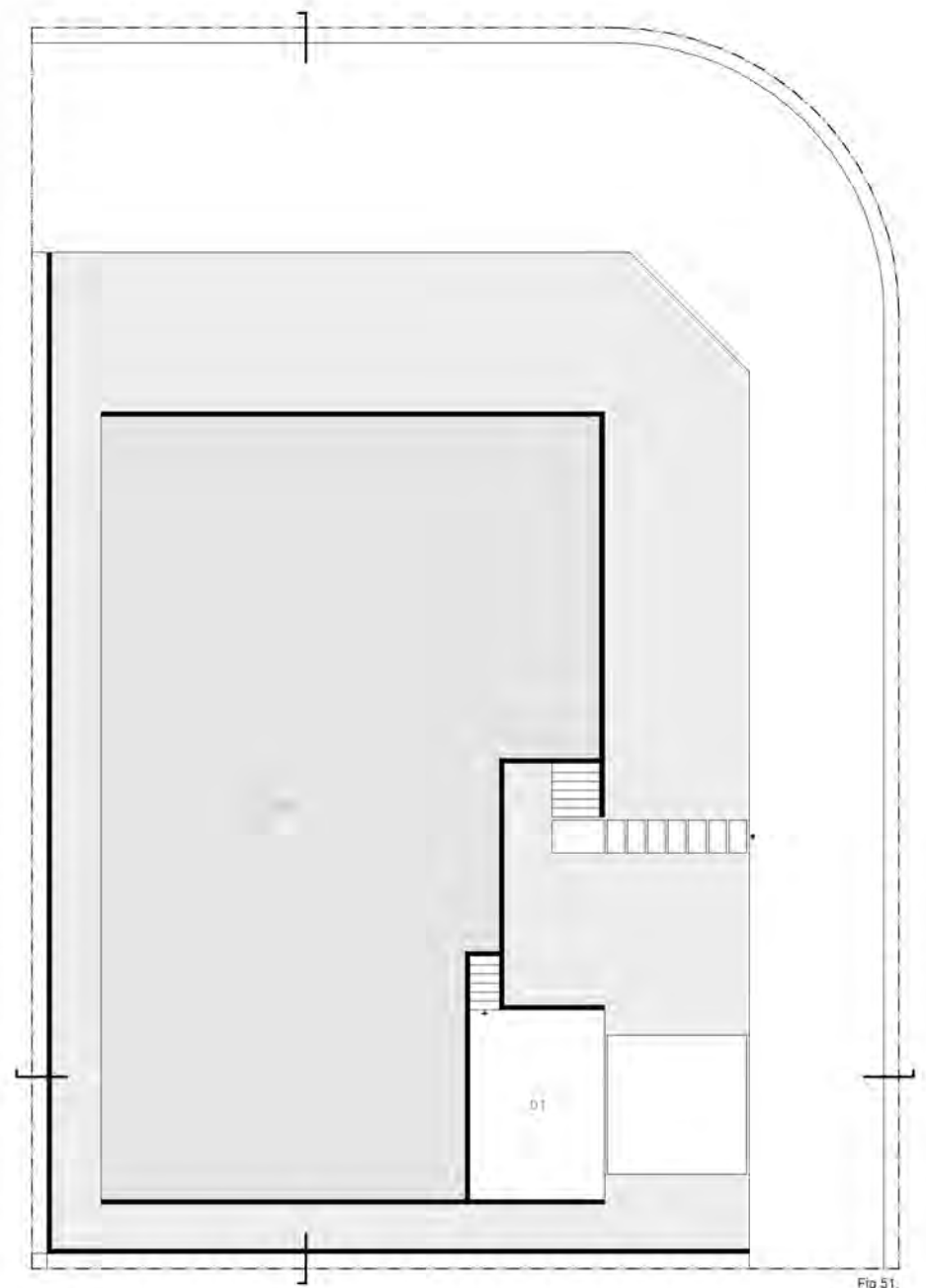


Fig. 50.



01. garagem
02. aterro

PAV. TÉRREO

1:200

Fig. 51.

- 01. vestíbulo
- 02. estar
- 03. jantar
- 04. cozinha
- 05. área de serviço
- 06. depósito
- 07. quarto

PAV. SUPERIOR

1:250

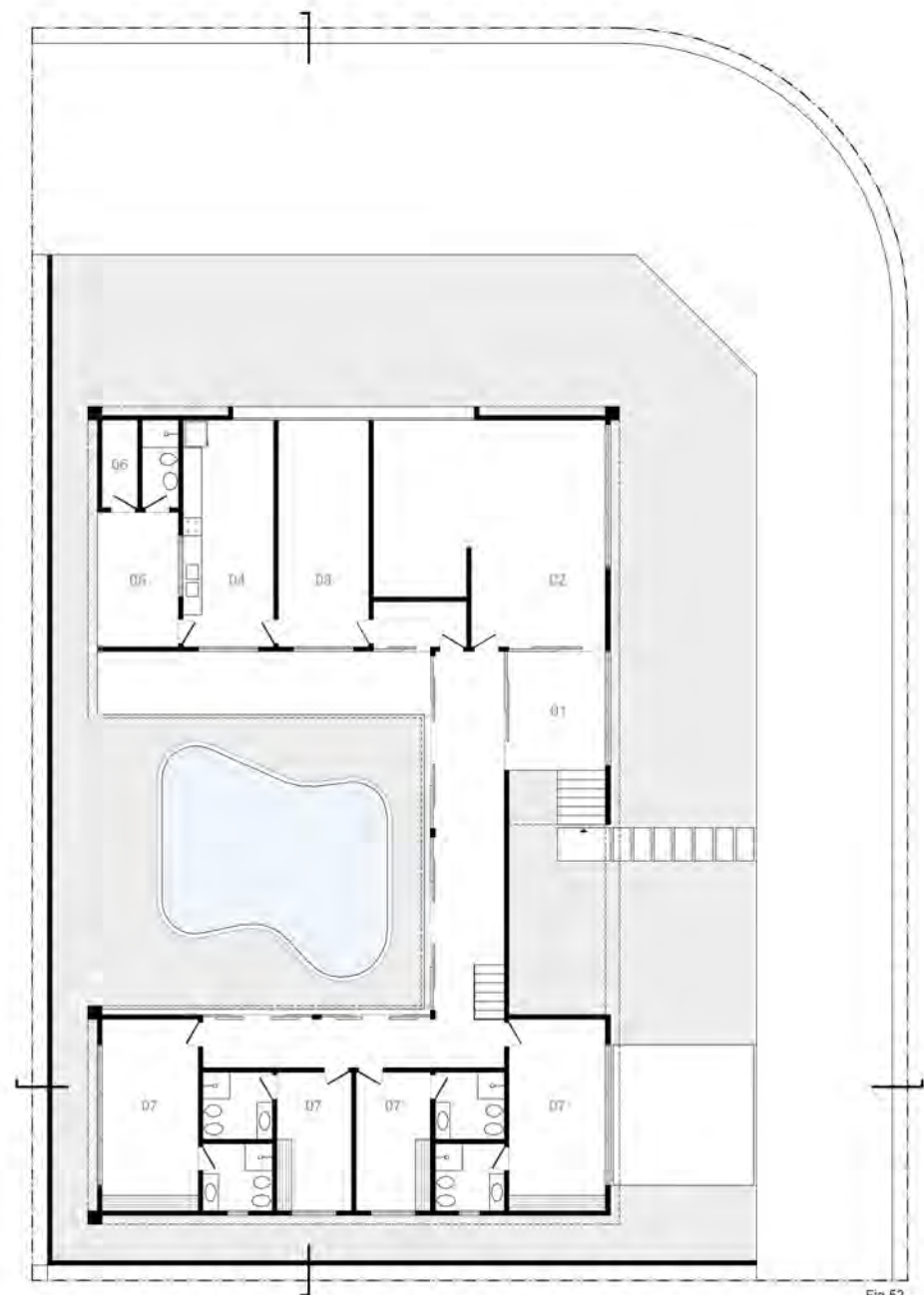
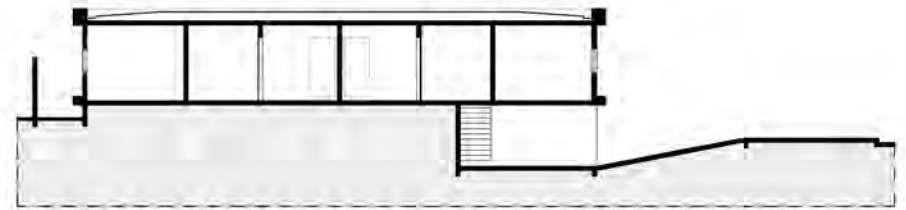
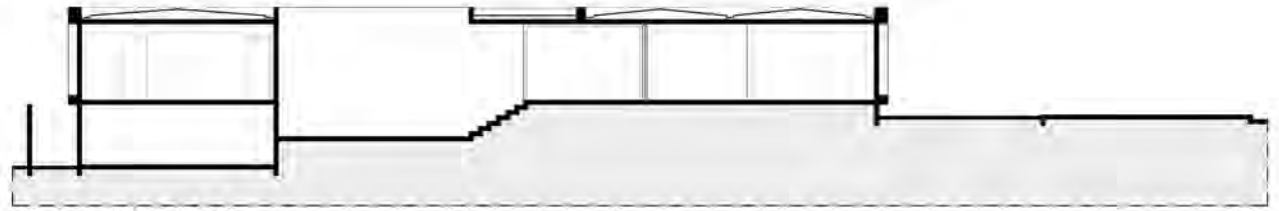


Fig. 52.



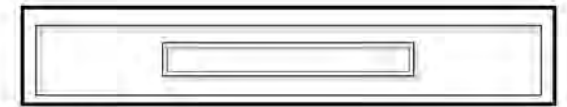
CORTE TRANSVERSAL

Fig. 53



CORTE LONGITUDINAL

Fig. 54



ELEVAÇÃO AVENIDA B

Fig. 55



ELEVAÇÃO AVENIDA REPÚBLICA DO LÍBANO

Fig. 56



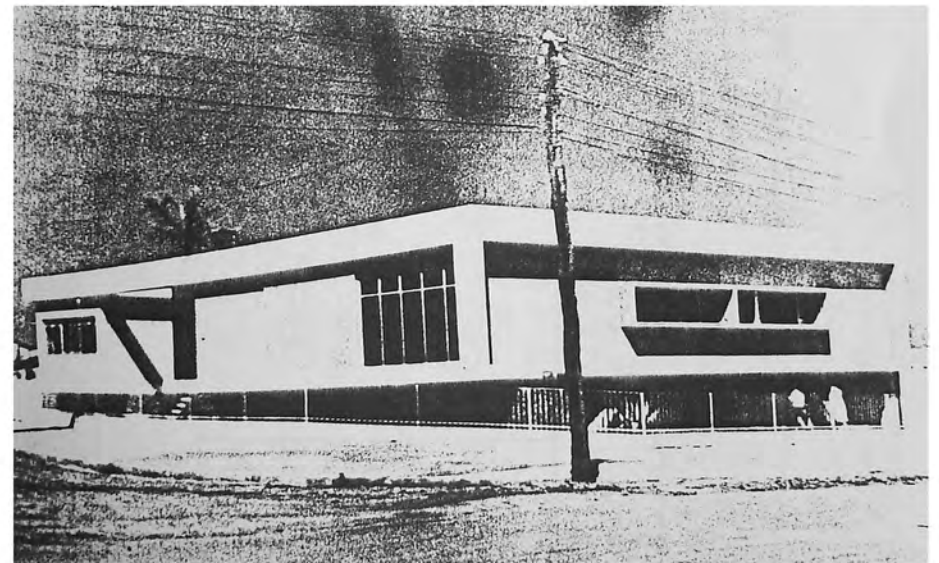
Elevação Avenida República do Líbano

Fig.57. Autor: Não Informado.
In: OLIVEIRA, 1990. p.46 e 98.



Elevação Avenida República do Líbano

Fig.58. Autor: Não Informado.
In: OLIVEIRA, 1990. p.46 e 98.



Elevação Avenida B

Fig.59. Autor: Não Informado.
In: BORGES, 1990. p.51.



Elevação Alameda Botafogo

Fig.60. Autor: Fabiana Longhi.
In: LONGHI, 1990, p.11-13.

Em terreno de acentuada declividade, a casa é dividida em três blocos completamente distintos, tanto formal quanto funcionalmente. O primeiro bloco, inferior, é destinado ao uso social, o bloco intermediário guarda as atividades de serviço, e por fim temos no bloco superior o setor íntimo. Dessa forma o arquiteto resolve o programa de forma bastante distinta, na qual cada função encontra-se em um nível específico.

A rampa é o elemento central da planta e dos níveis; por meio dela o passeio torna-se suave por todo o percurso. O arquiteto justifica a rampa como uma solicitação específica do cliente, porém é fácil perceber a influência do mestre declarado, Artigas. Sendo solicitada ou não, o elemento é um típico exemplar da arquitetura paulista e seus grandes vãos vencidos por passarelas e rampas. Cabe ressaltar que ela não está lá gratuitamente, trata-se do articulador dos espaços internos, fazendo a transição entre níveis e setores de forma harmônica.

É possível perceber-se um volume principal, elevado, que avança em balanço, formando a cobertura da garagem e, lateralmente, protegendo as portas de vidro dos salões sociais inferiores. A barra de serviços na parte posterior ocupa toda a largura do lote; nos afastamentos há uma edícula. Materialmente, a residência é rica em revestimentos. A fachada principal é revestida de azulejos azuis e a rampa segue percorrendo o painel de madeira que resiste até os dias atuais. Há ainda painéis cerâmicos decorativos, que recobrem a parede da garagem, e vitrais coloridos que permitem mudanças de cenário durante as várias horas do dia.

Os móveis, luminárias e acabamentos mais trabalhados foram todos escolhidos pelo arquiteto e trazidos de São Paulo, porém os proprietários não se adaptaram aos espaços. Pouco tempo após a montagem da casa, o arquiteto visita a obra e depara-se com um novo uso: depósito de sacos de arroz. Todas as luminárias e móveis continuam guardadas, intactos, porém sem uso. Uma demonstração de que apesar da qualidade da arquitetura e do espaço, ela não consegue atender as necessidades dos clientes, talvez por erro de compreensão ou excesso de imposição por parte dos profissionais.

Obra	Residência Benedito Umbelino de Souza
Arquiteto	Luis Osório Leão
Local	Alameda Botafogo, 211, Setor Central
Ano do Projeto	1961
Proprietário	Benedito e Francisca Umbelino de Souza
Profissão	Fazendeiro
Contato	Tio da esposa de Luis Osório
Composição Familiar	1 casal e 2 filhos
Estrutura	Luis Osório Leão
Instalações	Luis Osório Leão
Construção	Luis Osório Leão
Período Construção	1961-1962

Área Terreno	560,00m ²
Área Ocupada	304,15m ²
% Ocupação	54,31
Área Construída	507,80m ²



SATÉLITE

1.2500

Programa	Componentes	Área	% área construída
Social	Vestíbulo Escritório Estar Copa Lavabo	192,68m ²	37,94
Serviço	Cozinha Depósito 2 Quartos Serviço Banho Serviço Área de Serviço Lavanderia	79,83m ²	15,72
Íntimo	5 Quartos 4 Banhos Vestíbulo Íntimo	202,32m ²	39,94
Externo	Garagem	32,97m ²	6,40
Orientação			
Quartos	Sul		
Sala	Sul		



SITUAÇÃO

1:2500

Fig. 62.

- 01. al. Botafogo
- 02. passeio público
- 03. acesso veículos
- 04. acesso pedestres

IMPLANTAÇÃO

1:250

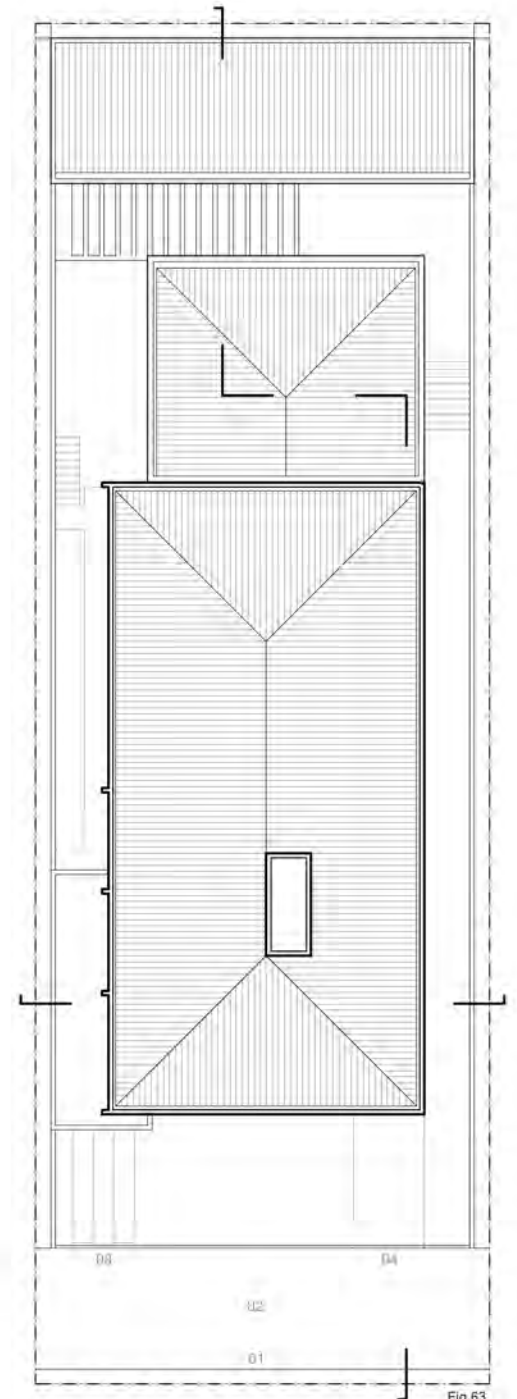


Fig. 63.

- 01. vestíbulo
- 02. escritório
- 03. garagem
- 04. estar
- 05. jantar
- 06. copa
- 07. cozinha
- 08. depósito
- 09. quarto serviço
- 10. lavanderia
- 11. área de serviço

PAV. TÉRREO

1:250

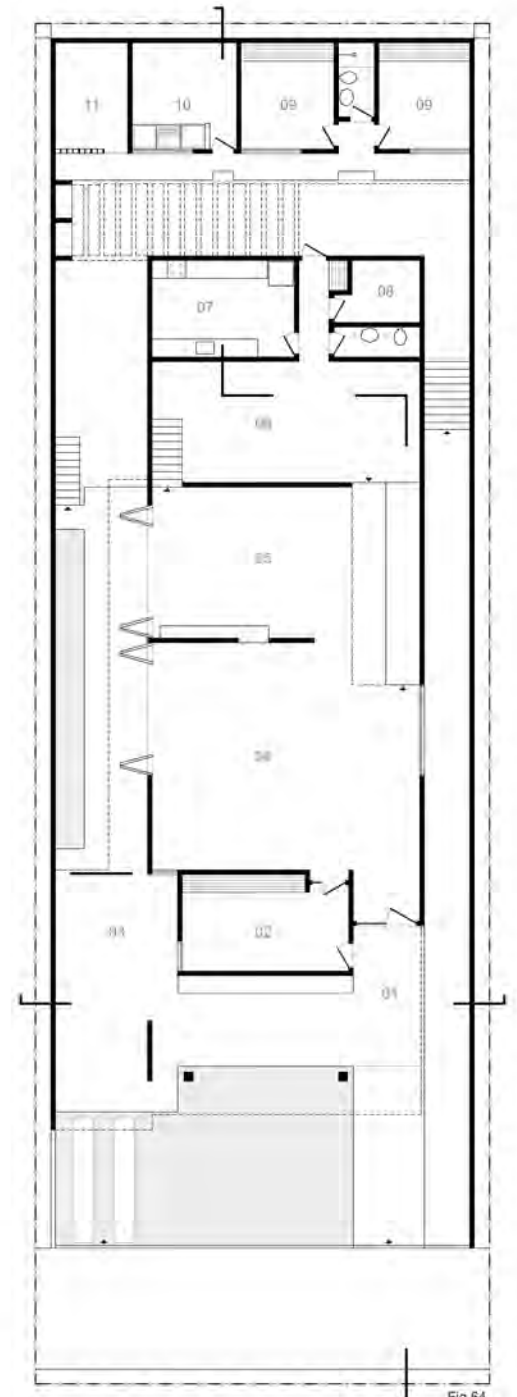
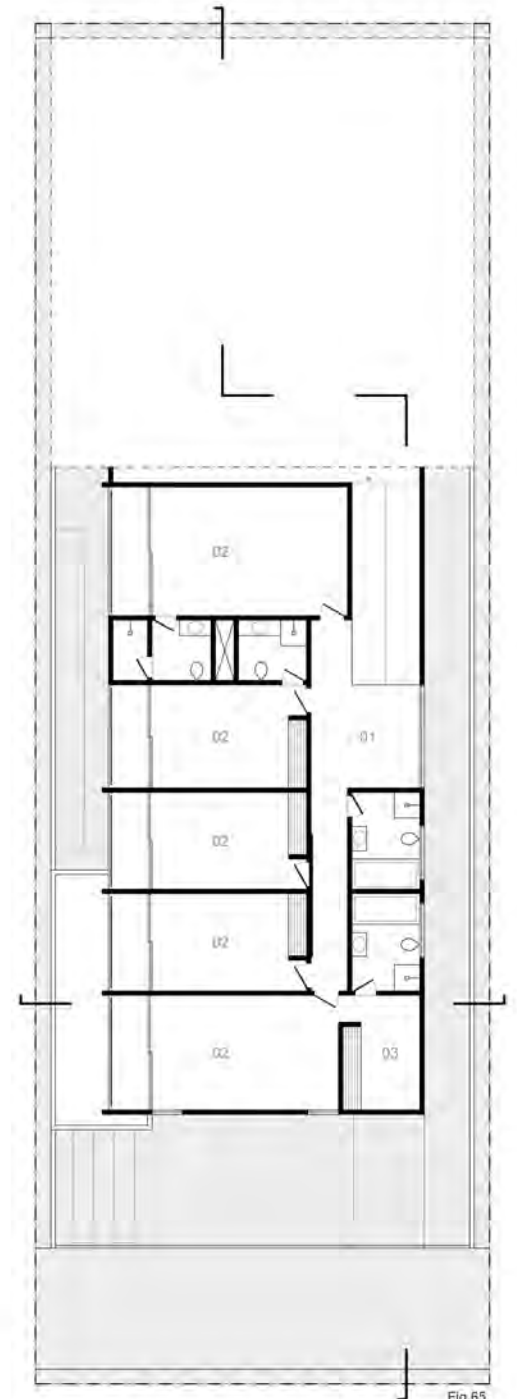


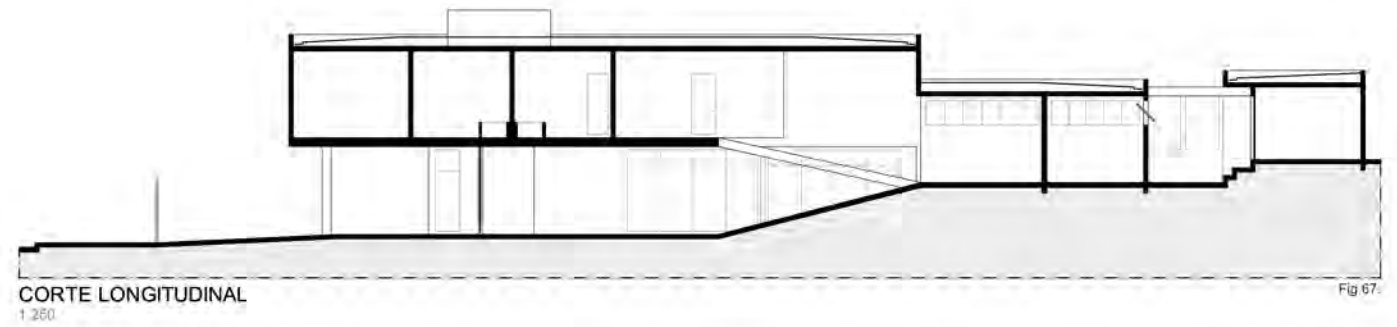
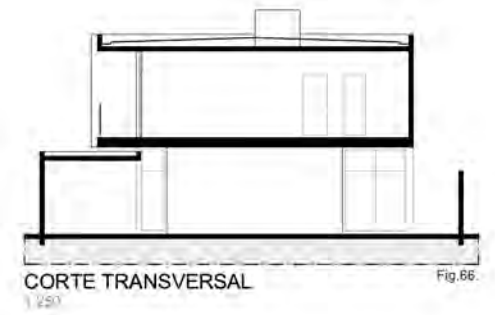
Fig 64.



- 01. vestibulo
- 02. quarto
- 03. closet

PAV. SUPERIOR
1:250

Fig. 65.





Elevação Quadra 77

Fig.70. Autor: Fabiana Longhi.
In: LONGHI, 1990, p.11-13.



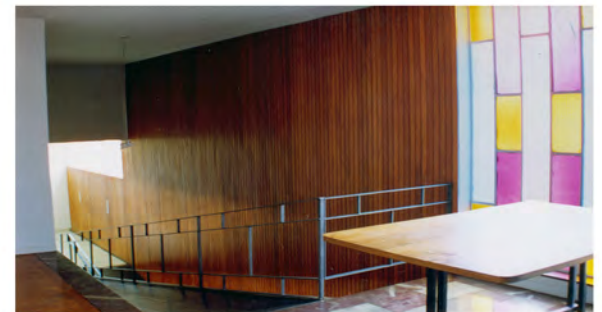
Detalhe sacada

Fig.71. Autor: Fabiana Longhi.
In: LONGHI, 1990, p.11-13.



Rampa

Fig.72. Autor: Fabiana Longhi.
In: LONGHI, 1990, p.11-13.



Estar íntimo

Fig.73. Autor: Fabiana Longhi.
In: LONGHI, 1990, p.11-13.



Elevação Rua 82

Fig.74. Autor: Não Informado.
In: OLIVEIRA, 1990, p.53.

O pátio é recorrente na obra de Eurico Godoy. Nesse exemplar situado junto a principal praça da cidade, que concentra diversos edifícios administrativos governamentais da capital e do Estado, a casa em L se fecha para o jardim interno. Uma atitude que visa, acima de tudo, resguardar os moradores da agitação exterior. A volumetria é marcada pela horizontalidade, prisma retangular em balanço sobre embasamento revestido por painel cerâmico.

Originalmente, na parte inferior seriam executados apenas a garagem e os ambientes relacionados a área de lazer, porém o proprietário decidiu ocupar toda a área criando generosa varanda que em muito desagradou o arquiteto. A atitude ocasionou o rompimento de relações entre os dois. Na parte superior, primeira perna do L, acontece o programa principal da casa: social, serviços e íntimo. Os ambientes de estar e jantar são paralelos a rua e acessados diretamente pela escada que conecta a entrada inferior ao vestibulo superior.

A cozinha e uma pequena área de serviços estão adjacentes as salas, acontecendo no mesmo volume, porém com fechamentos opacos voltados a rua. Pequenas perfurações na massa configuram janelas que iluminam os ambientes. A área de serviço conecta-se ao pavimento inferior por meio de uma escada exclusiva que dá acesso a um programa mais extenso que abrange quarto de serviços, lavanderia e quarto de costura.

Formando a outra perna do L, temos o bloco destinado ao setor íntimo. Nele encontram-se os dormitórios, reservados da rua e voltando suas aberturas ao terreno vizinho, de modo a preservar a intimidade, não interagindo diretamente com o espaço de lazer. O corredor que atende esses cômodos comunica-se diretamente com o pátio interno, também por meio de escada íntima.

Atualmente a casa é propriedade de Bariani Ortêncio, estudioso da cultura goiana. Permanece ainda com os usos originais, porém o interior foi completamente modificado. O generoso espaço social superior, antes completamente integrado, agora encontra-se compartimentado e decorado com temas clássicos. A cozinha também foi compartimentada e alterada, e na parte inferior com o aproveitamento do pilotis foi

criada uma varanda sombreada e sala de TV, ocupando espaços residuais remanescentes de uma alteração não planejada e não consentida pelo autor.

Obra	Residência Eurípedes Ferreira
Arquiteto	Eurico Calixto de Godoy
Local	Rua 82, 565, Setor Central
Ano do Projeto	1961
Proprietário	Eurípedes Ferreira
Profissão	Empresário do ramo imobiliário
Contato	Mesmo meio social
Composição Familiar	1 casal e 2 filhos
Estrutura	Eurico Calixto de Godoy
Instalações	Eurico Calixto de Godoy
Construção	Paulo de Bastos
Período Construção	1961-1962

Área Terreno	1143,00m ²
Área Ocupada	393,22m ²
% Ocupação	34,40
Área Construída	515,56m ²



SATÉLITE

1.2500

Fig.75. Autor: Google Earth ©2009.
In: Google Earth ©2009, Google, ©2009 MapLink/TeleAtlas, coordenadas: 16°40'56.08"S 49°15'28.10"O, acessado 26/09/2009.

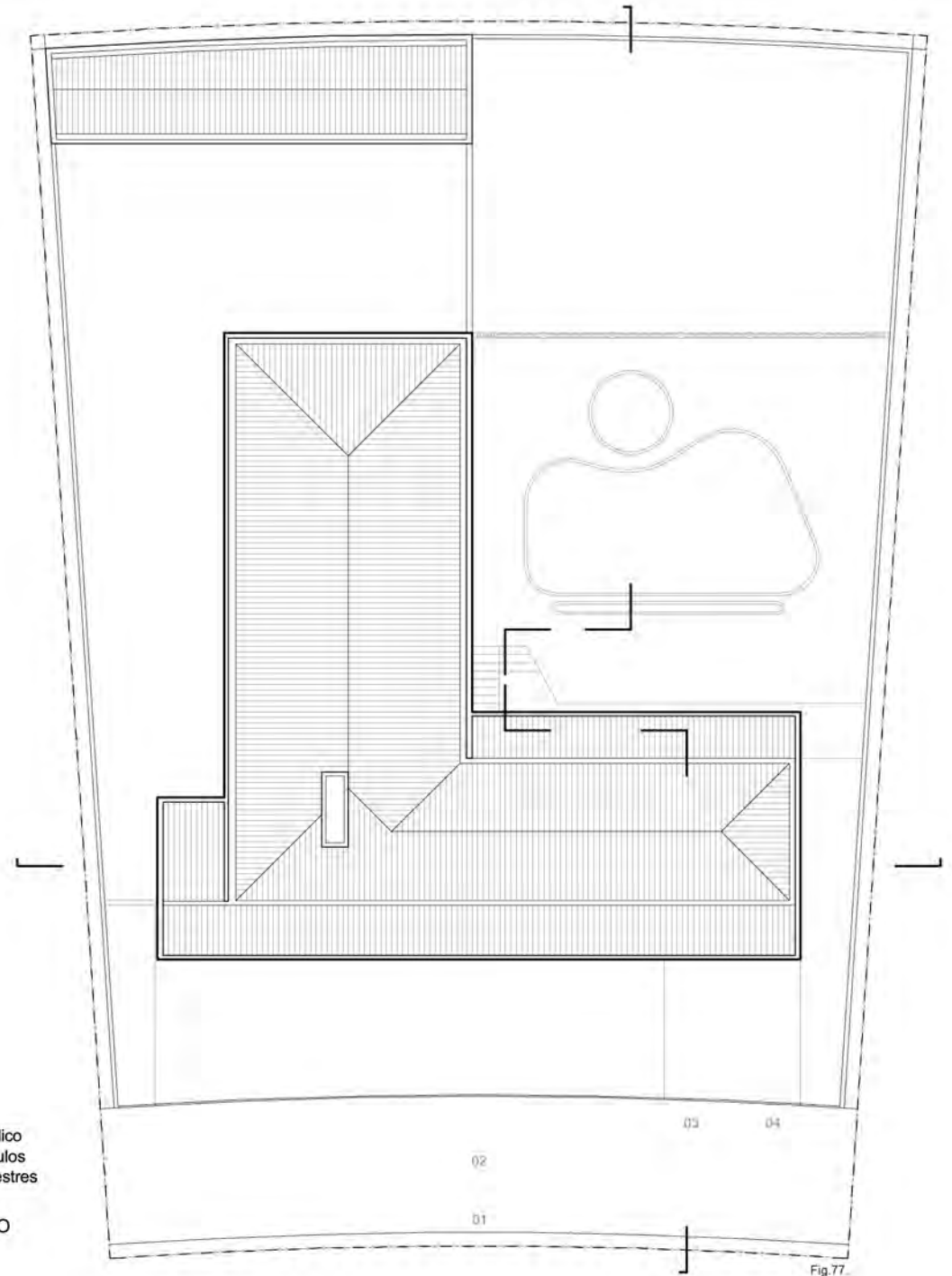
Programa	Componentes	Área	% área construída
Social	Bar 2 Vestiários Vestíbulo Estar Jantar	108,99m ²	21,15
Serviço	Depósito Lavanderia Quarto Serviço Banho Serviço Quarto Costura Copa Cozinha	108,87m ²	21,12
Íntimo	4 Quartos 3 Banhos	162,44m ²	31,50
Externo	Garagem Piscina Terraço	135,26m ²	26,23
Orientação			
Quartos	Sudeste		
Sala	Nordeste		



SITUAÇÃO

1:2500

Fig. 76.

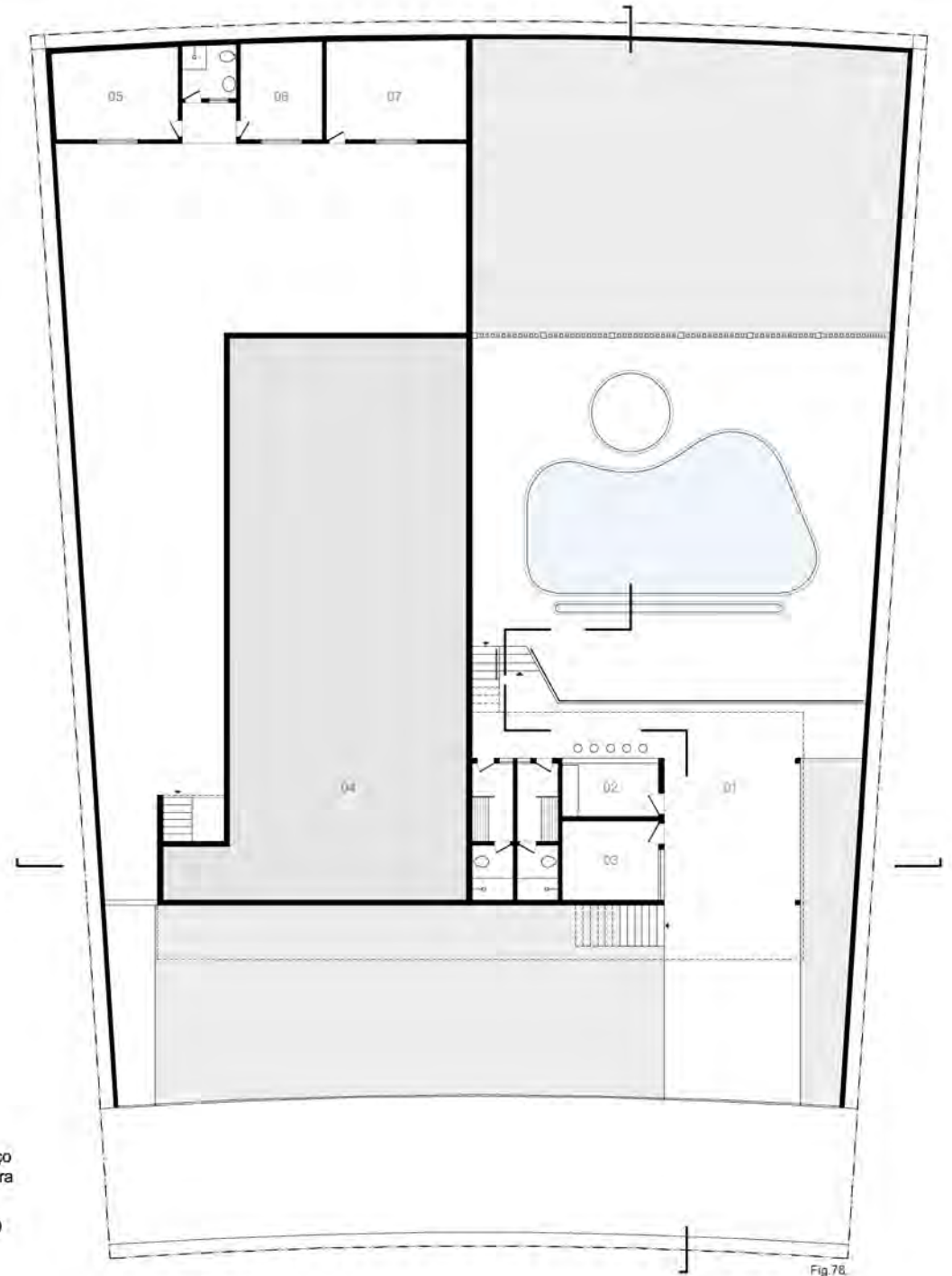


- 01. rua 82
- 02. passeio público
- 03. acesso veículos
- 04. acesso pedestres

IMPLANTAÇÃO

1:250

Fig.77



- 01. garagem
- 02. bar
- 03. depósito
- 04. aterro
- 05. lavanderia
- 06. quarto serviço
- 07. quarto costura

PAV. TÉRREO

1/25

Fig. 78.

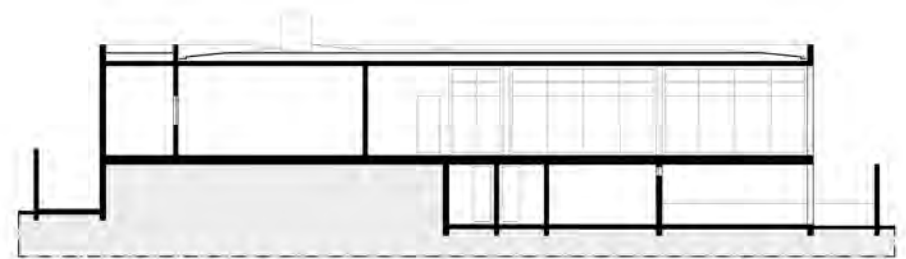


- 01. vestibulo
- 02. estar
- 03. jantar
- 04. copa
- 05. cozinha
- 06. quarto

PAV. SUPERIOR

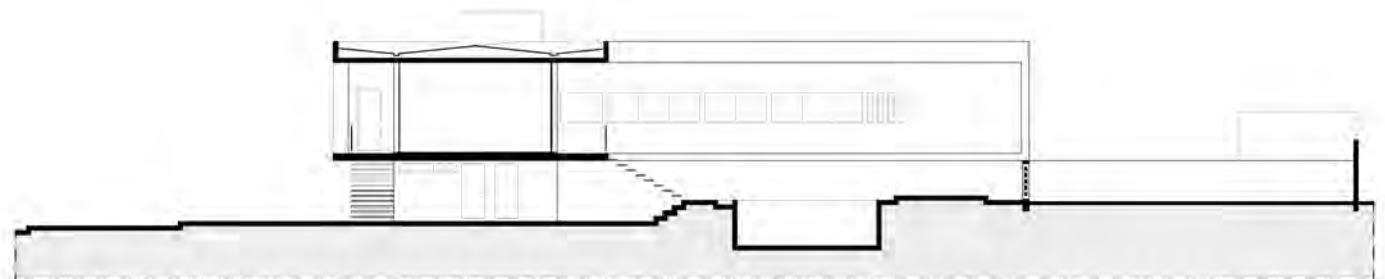
1/250

Fig. 79.



CORTE TRANSVERSAL
1:250

Fig.80.



CORTE LONGITUDINAL
1:250

Fig.81.



ELEVAÇÃO RUA 82
1:200

Fig.82.



Piscina

Fig.83. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Elevação Rua 82

Fig.84. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Elevação Rua 82

Fig.85. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Detalhe

Fig.86. Autor: Maria Heloisa Lima Moraes.
In: MORAES, 1993, p.41.



Elevação Rua Dona Gercina

Fig.87. Autor: Lucy de Paula Toledo.
In: TOLEDO, 1991. Anexos.

Esse exemplar está situado junto a Praça Cívica, em um terreno de esquina, de dimensões não muito generosas. A casa acontece em dois volumes distintos, marcadamente introspectivos, uma solução comum as propostas situadas em zonas centrais de intenso movimento. Nesse exemplo temos uma situação ainda pior, já que em um volume de quatro lados, dois deles estão voltados as vias movimentadas.

Apesar de uma composição elementar, um bloco sobre outro, o arquiteto trata os volumes e superfícies com bastante distinção. Esses tratamentos diferenciados transformam a volumetria da obra, ressaltando cheios e vazios, trabalhando contrastes que implicam em uma leitura mais forte das diferentes superfícies. Pó de pedra, revestimento cerâmico, painel de cobogós, composição de claros e escuros, uma correta justaposição de elementos que demonstram e imprimem a força volumétrica do edifício.

No térreo encontramos toda a parte social e de serviços. Aqui é possível perceber um dos grandes elementos diferenciadores desse projeto, o alpendre. Típico da cultura goiana, o alpendre é o ambiente utilizado no final da tarde, o descanso observando os passantes na rua, esse espaço foi solicitação explícita do cliente. Um espaço antigo, que o arquiteto resolve por meio de soluções contemporâneas. Ao adotar o cobogó, ele mantém todas as características de visibilidade, comunicabilidade e aeração, porém preservando uma estética condizente com sua época. O profissional encaixa perfeitamente um cômodo de grandes proporções na parte frontal do edifício, sem perder suas características volumétricas e enriquecendo seus valores espaciais.

Sala de estar e jantar conformam um espaço nobre de recepção, voltados a rua, com o alpendre fazendo a transição entre público e privado. O setor de serviços está completamente voltado para a parte cega do térreo, cozinha, área de serviços e depósitos são resguardados da rua e acessados de forma independente dos outros cômodos da casa. No andar superior encontra-se toda a área íntima. O corredor de acesso aos quartos tem sua dimensão diminuída pelo terraço jardim a ele conectado, um espaço aberto, de contemplação, uma sala íntima ao ar livre.

Obra	Residência Carlos Cunha Filho
Arquitetos	Silas Varizo Rodrigues e Armando Nornan
Local	Rua 82 c/ Rua Dona Gercina,
Ano do Projeto	1963
Proprietário	Carlos Cunha Filho e Anásia Antonio Cunha
Profissão	Fazendeiro
Contato	O filho era amigo do arquiteto
Composição Familiar	1 casal e 7 filhos
Estrutura	Silas Varizo Rodrigues
Instalações	Silas Varizo Rodrigues
Construção	Clóvis Jollming
Período Construção	1963-1964

Área Terreno	668,29m ²
Área Ocupada	332,77m ²
% Ocupação	49,79
Área Construída	494,93m ²

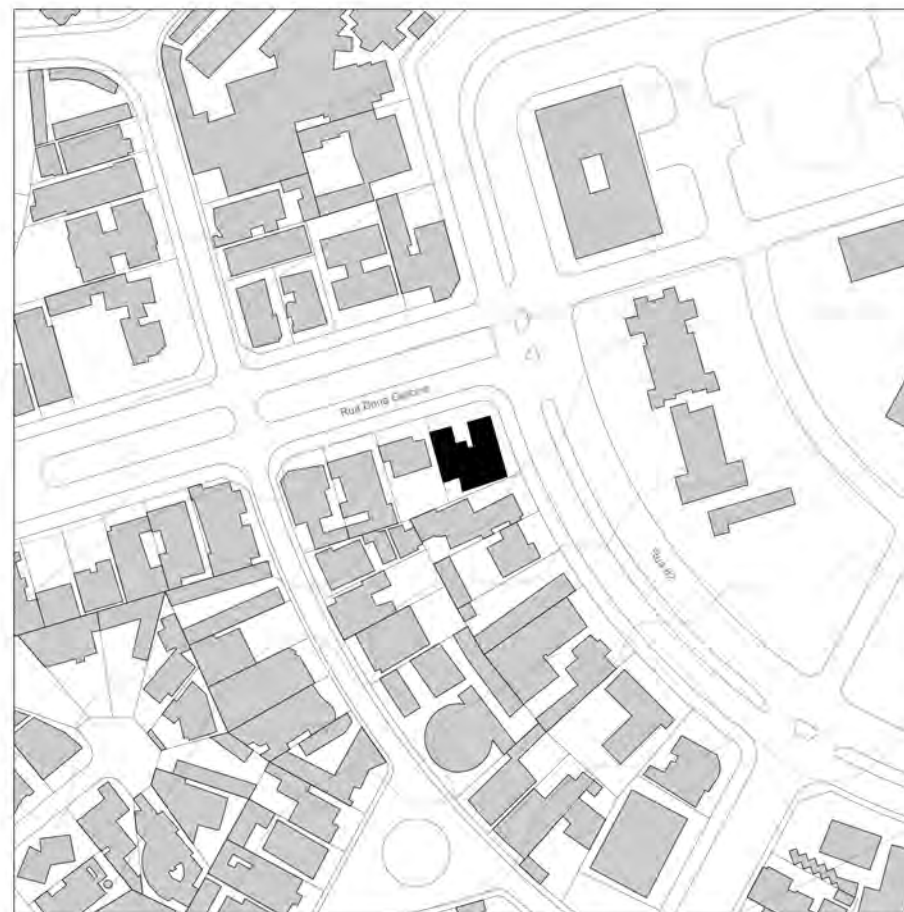


SATÉLITE

1.2500

Fig.88. Autor: Google Earth ©2009.
In: Google Earth ©2009, Google, ©2009 MapLink/TeleAtlas, coordenadas: 16°40'53.34"S 49°15'29.94"O, acessado 26/09/2009.

Programa	Componentes	Área	% área construída
Social	Estar Jantar Escritório Lavabo	79,75m ²	16,12
Serviço	Copa Cozinha Depósito Área de Serviço Lavanderia Quarto Serviço Banho Serviço	99,70m ²	20,15
Íntimo	5 Quartos 3 Banhos Atelier Escada	188,11m ²	38,00
Externo	Garagem Terraço	127,37m ²	25,73
Orientação			
Quartos	Leste		
Sala	Norte		



SITUAÇÃO

1:2500

Fig. 89.

- 01. rua Dona Gercina
- 02. rua 82
- 03. passeio público
- 04. acesso veículos
- 05. acesso pedestres

IMPLANTAÇÃO
1:250

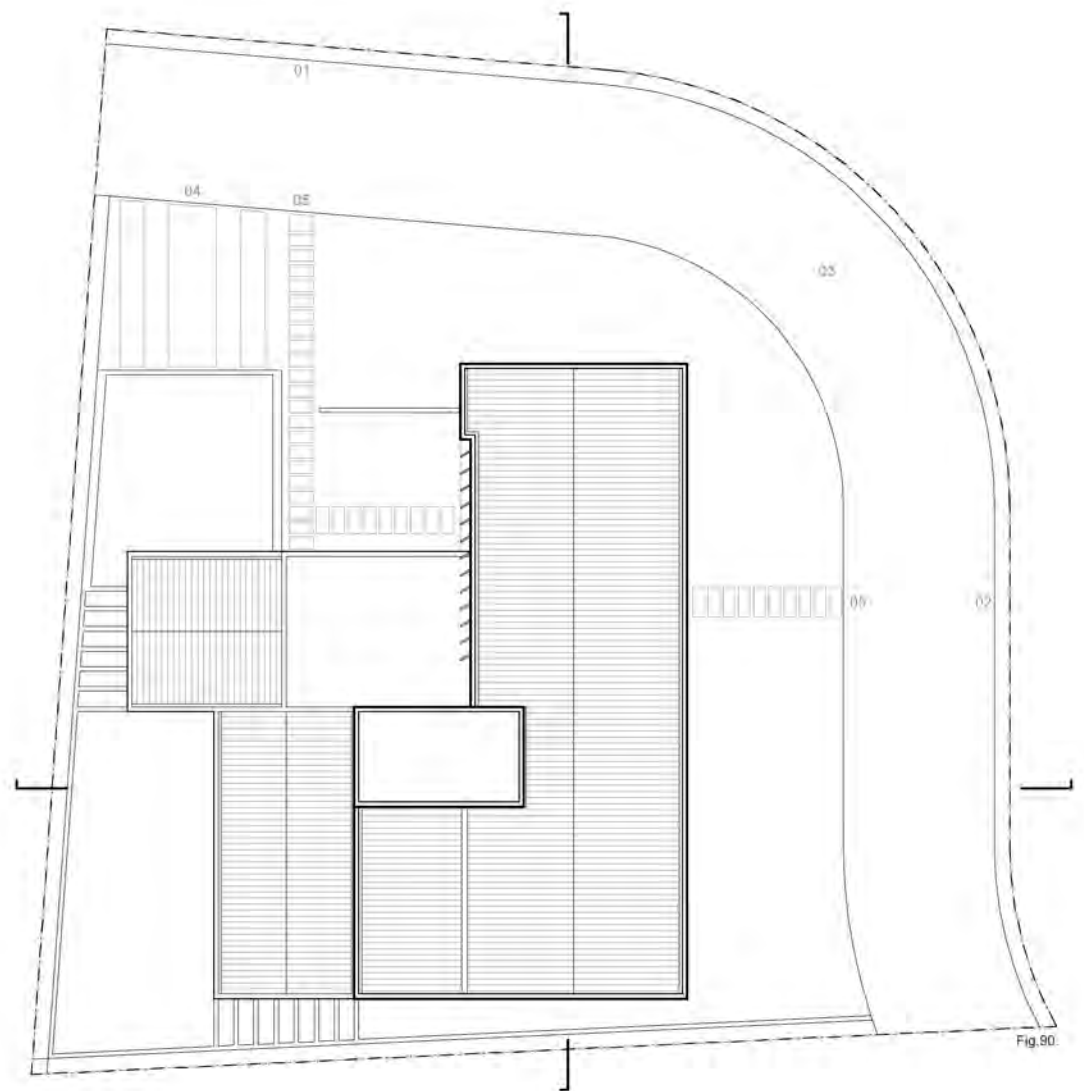


Fig. 80

- 01. garagem
- 02. alpendre
- 03. estar
- 04. jantar
- 05. copa
- 06. cozinha
- 07. área de serviço
- 08. depósito
- 09. lavanderia
- 10. escritório
- 11. quarto
- 12. quarto serviços

PAV. TÉRREO

1:250

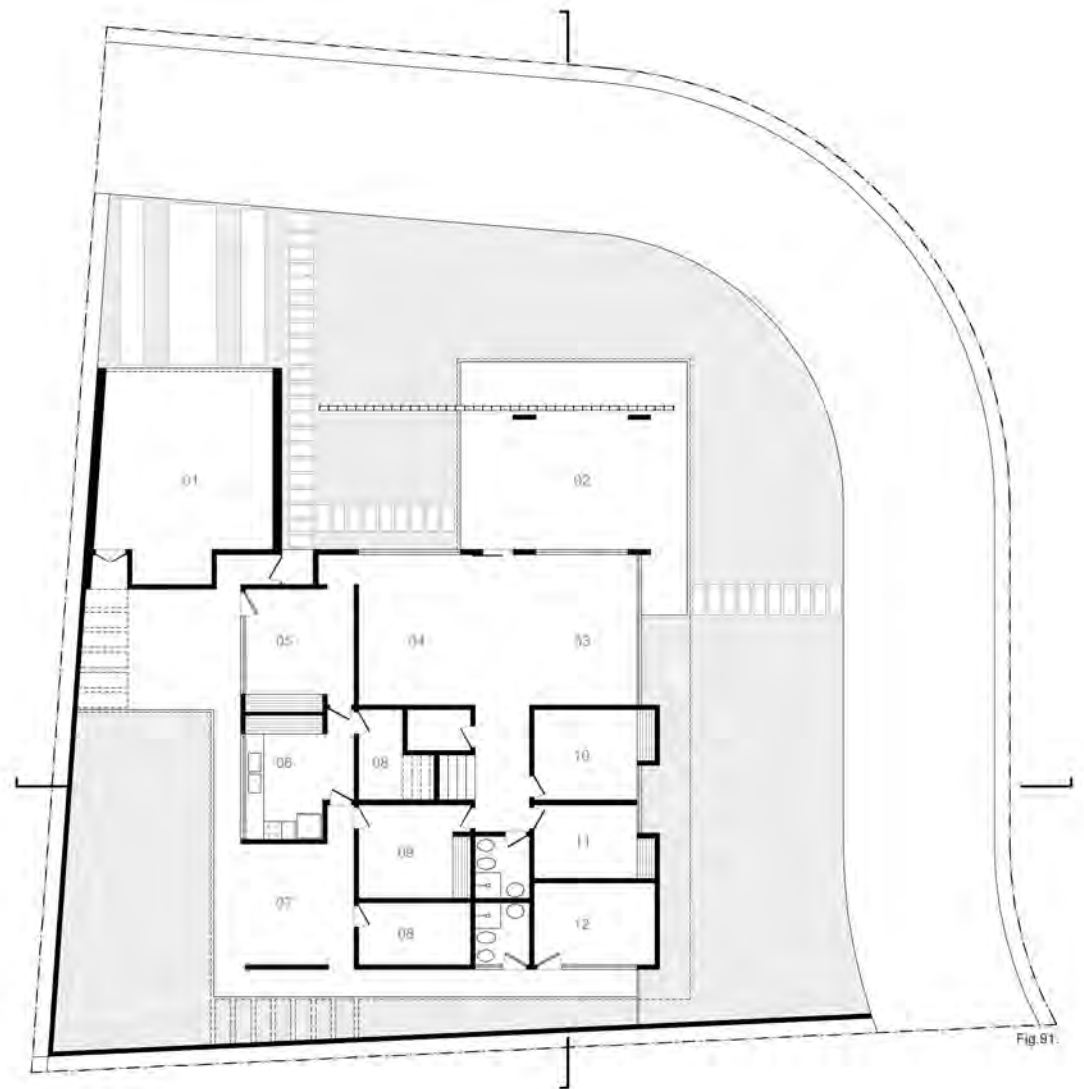
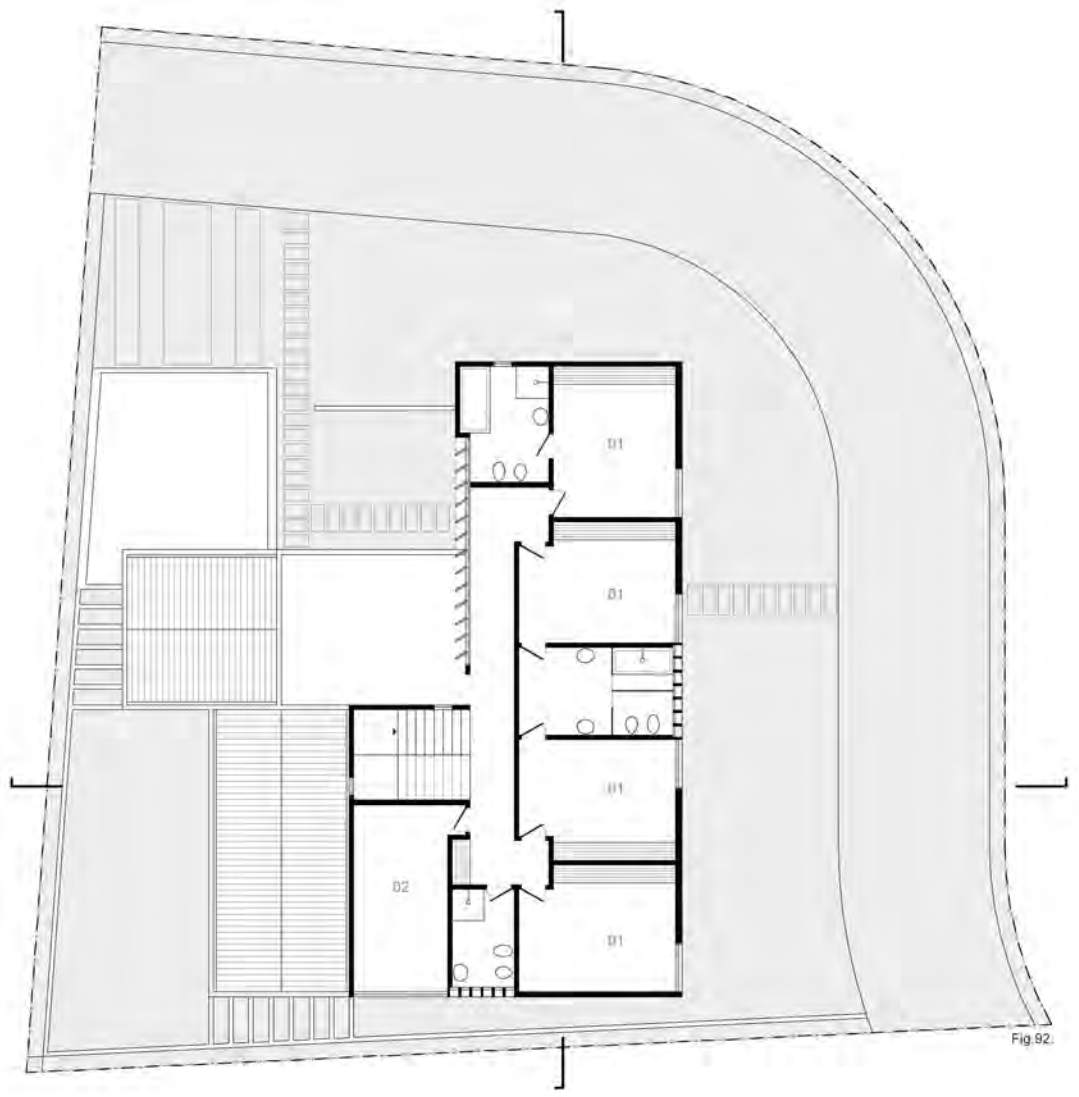


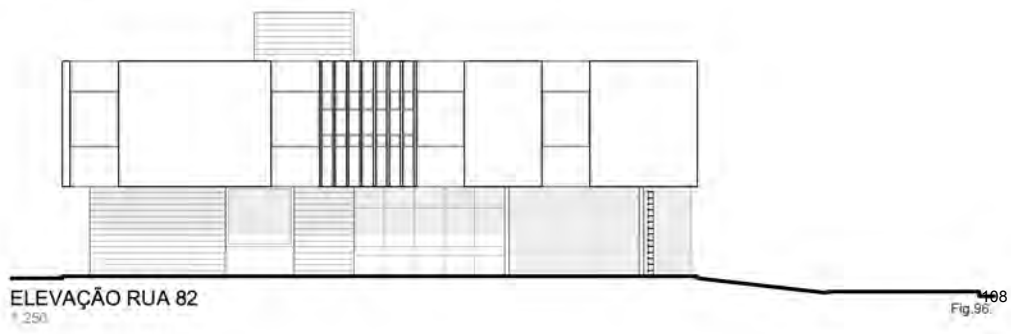
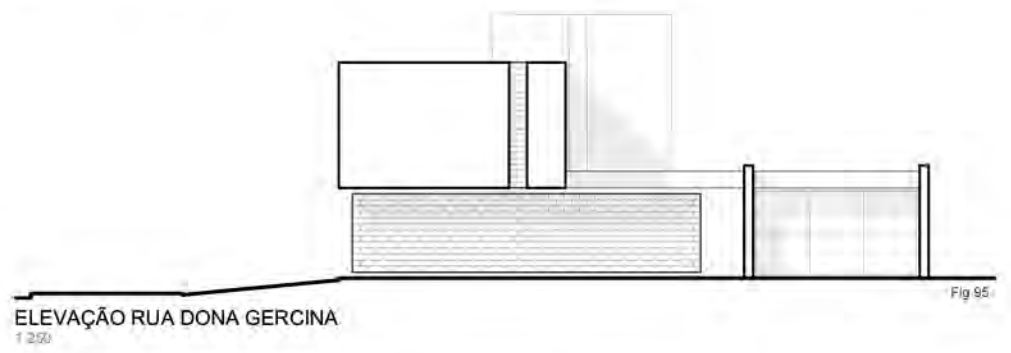
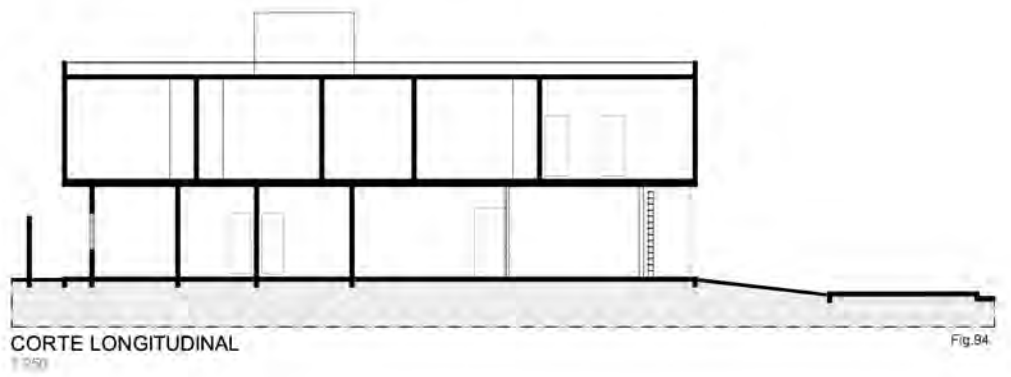
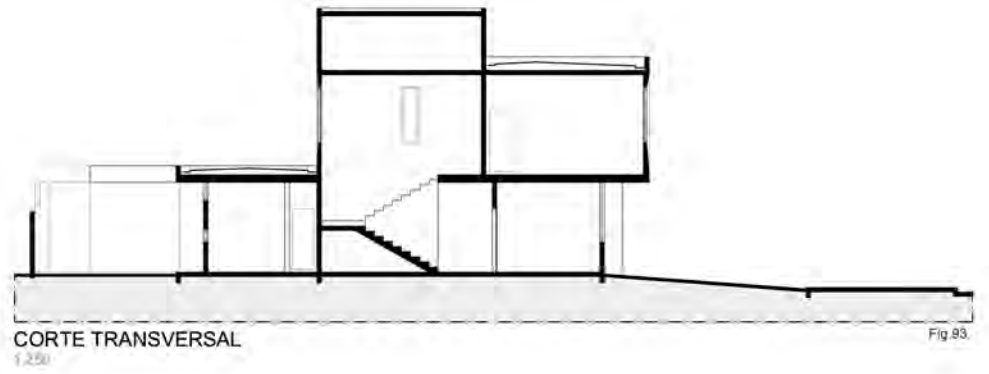
Fig. 81.



01. quarto
02. atelier

PAV. SUPERIOR
1:250

Fig. 92.





Acesso Rua 82

Fig.97. Autor: Lucy de Paula Toledo.
In: TOLEDO, 1991. Anexos.



Varanda

Fig.98. Autor: Lucy de Paula Toledo.
In: TOLEDO, 1991. Anexos.



Estar

Fig.99. Autor: Lucy de Paula Toledo.
In: TOLEDO, 1991. Anexos.



Painel vazado

Fig.100. Autor: Lucy de Paula Toledo.
In: TOLEDO, 1991. Anexos.



Acesso Fig.101. Autor: Lucy de Paula Toledo.
In: TOLEDO, 1991. Anexos.



Elevação Rua 82

Fig.102. Autor: Maria Heloisa Lima Moraes.
In: MORAES, 1993. p.39.



Elevação Rua Dona Gercina

Fig.103. Autor: Maria Heloisa Lima Moraes.
In: MORAES, 1993. p.39.



Elevação Rua 84

Fig.104. Autor: Monise Campos
In: Arquivo pessoal do autor.

Terceira e última casa projetada por Libeskind em Goiânia, essa obra encontra-se no terreno vizinho ao da residência Haji Ascar, projeto também de sua autoria. Na residência de Abdala Abraão o arquiteto cria dois espaços distintos em sua implantação, o da edificação e o da área verde que a atende. São espaços equivalentes em área que se complementam. A exuberante área verde trabalha como amenizador da escala do edifício, uma casa com extenso programa, de espaços generosos, porém em uma escala que a torna discreta em um espaço urbano conturbado.

Seus cômodos estão todos voltados para o interior do lote, não possuindo nenhuma abertura voltada para a rua. Isso não quer dizer que o arquiteto nega o espaço público. Ao contrario, ele o valoriza, porém de forma diferente. Libeskind abre mão de uma parte do seu terreno, oferecendo a via publica uma área verde, mudando a relação de espaço aberto com o edificado. Ao distanciar o muro do passeio Libeskind cria transições mais suaves entre as escalas do pedestre, muro e casa.

O volume da casa é simples, em dois pavimentos, tem a maioria da superfície pintadas de branco, principalmente no pavimento superior. O pavimento inferior, mais pesado, e revestido em pedra, azulejos e panos de vidro, compondo uma base que sustenta não só estrutural como visualmente o pavimento superior. A cobertura de laje contorna em balanço todo o perímetro do obra, avançado sobre os volumes cheios, criando zonas de sombra e o arremate da composição.

No pavimento térreo temos dois blocos edificados, o primeiro, que engloba todo o programa social, como salas de estar, jantar, vestíbulos e varandas, conformando o volume principal da casa. O segundo é perimetral, uma barra junto aos limites do terreno que abriga os setor de serviços, como quarto de empregadas, lavanderia e depósitos, acessados de forma completamente independente do restante da casa.

No segundo pavimento encontra-se o setor íntimo. Resume-se aos quartos, ocupando uma pequena área já que grandes ambientes como o vestíbulo e salas de estar e jantar ocupam pé direito duplo. Atualmente

a casa encontra-se pouco alterada. Hoje é sede do Iphan, mas ainda é propriedade dos donos originais. Alguns usos foram alterados, mas nada que interfira diretamente na concepção do autor.

Obra Residência Abdala Abrão
Arquiteto David Libeskind
Local Rua 84, 60, Setor Sul
Ano do Projeto 1966
Proprietário Abdala Abrão e Rita Gonçalves Abrão
Profissão Empresário
Contato Gostou da casa vizinha, projeto de Libeskind
Composição Familiar 1 casal e 3 filhos
Período Construção 1966-1967

Área Terreno 2222,89m²
Área Ocupada 756,10m²
% Ocupação 34,01
Área Construída 1000,48m²

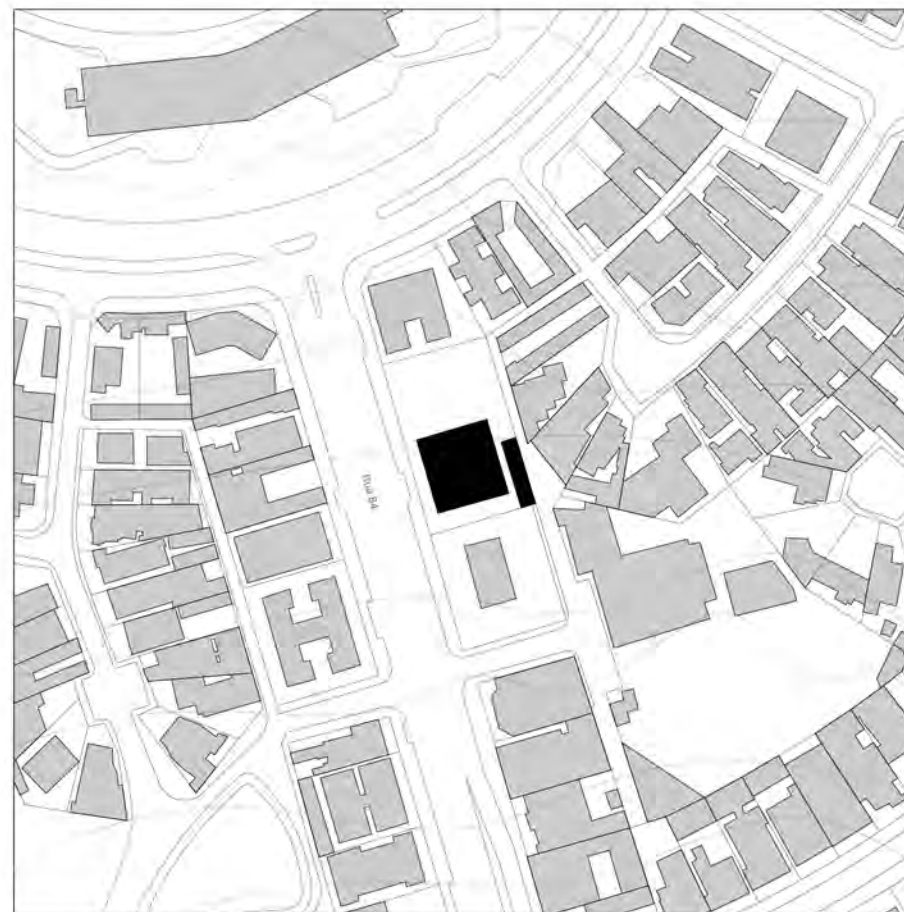


SATÉLITE

1.2500

Fig.105. Autor: Google Earth ©2009
In: Google Earth ©2009, Google, ©2009 MapLink/TeleAtlas, coordenadas: 16°40'58.74"S 49°15'18.32"O, acessado 11/04/2010.

Programa	Componentes	Área	% área construída
Social	Vestíbulo Escritório Estar Jantar	211,96m ²	21,18
Serviço	Copa Cozinha Máquinas 2 Vestiários Depósito Área de Serviço 2 Quartos Serviço 2 Banhos Serviço	199,20m ²	19,92
Íntimo	4 Quartos 3 Banhos Sala Íntima	241,39m ²	24,13
Externo	Garagem Terraço Piscina	347,93m ²	34,77
Orientação			
Quartos	Norte		
Sala	Sul		



SITUAÇÃO

1:2500

Fig.106.

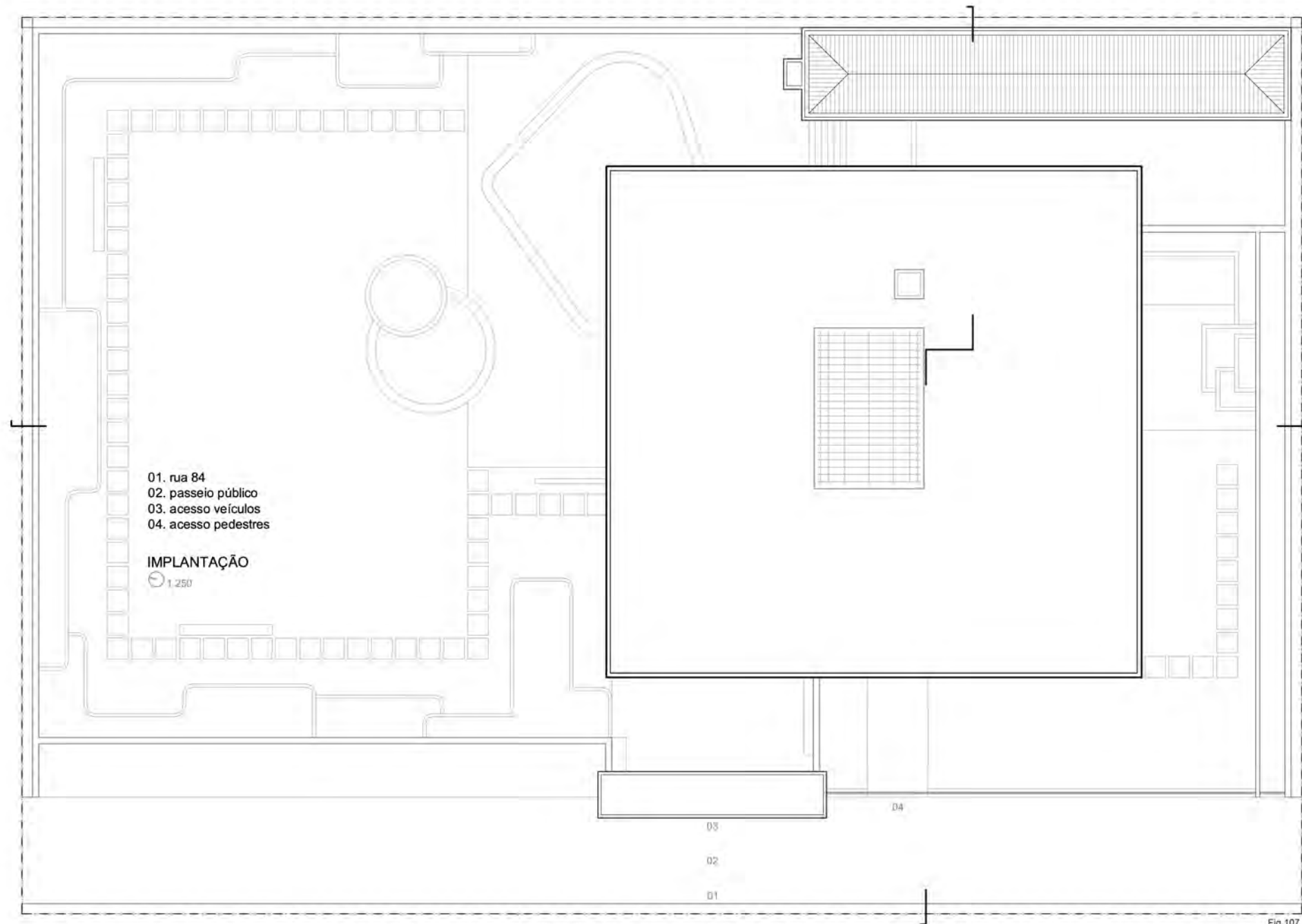


Fig.107.

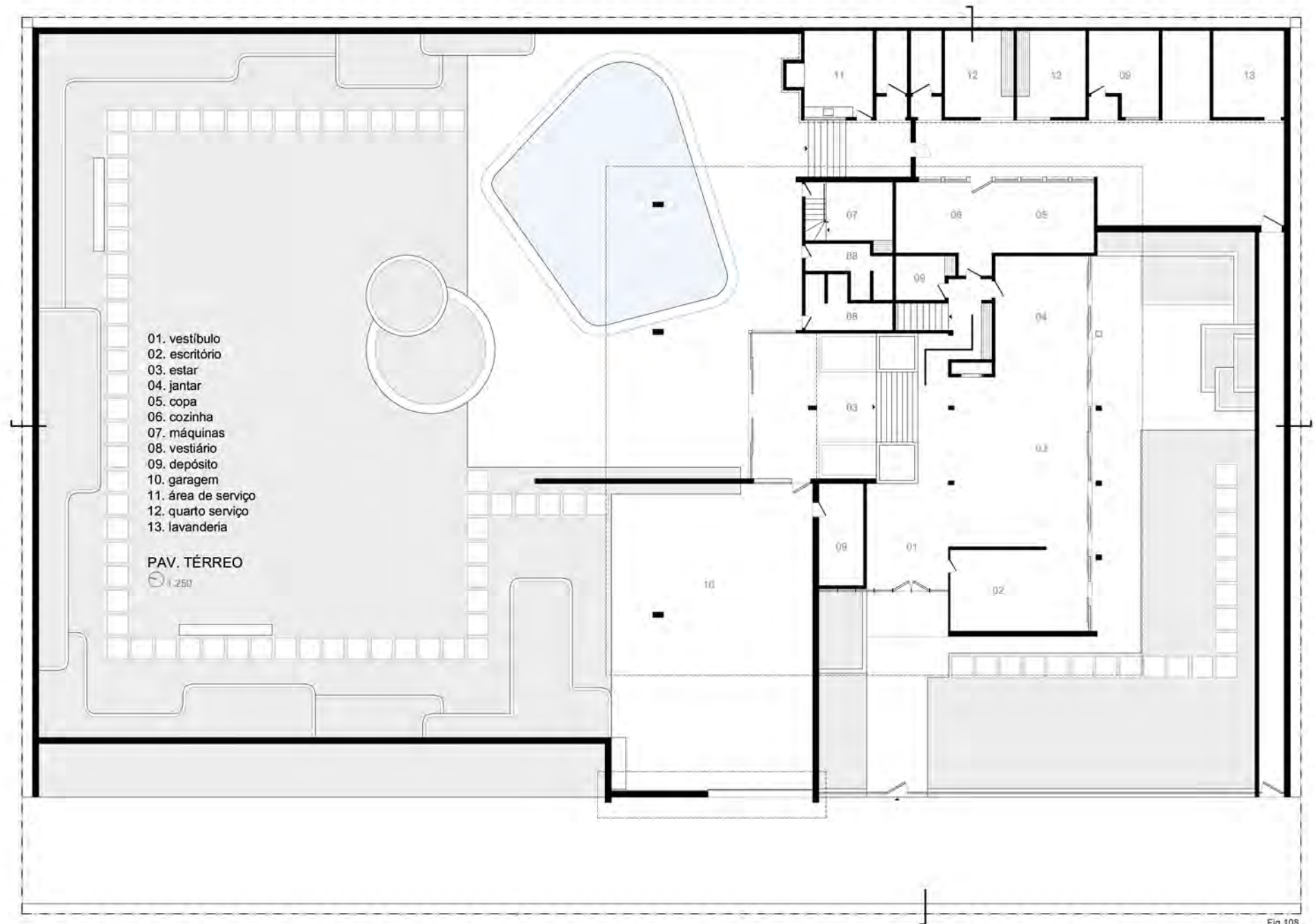


Fig. 108

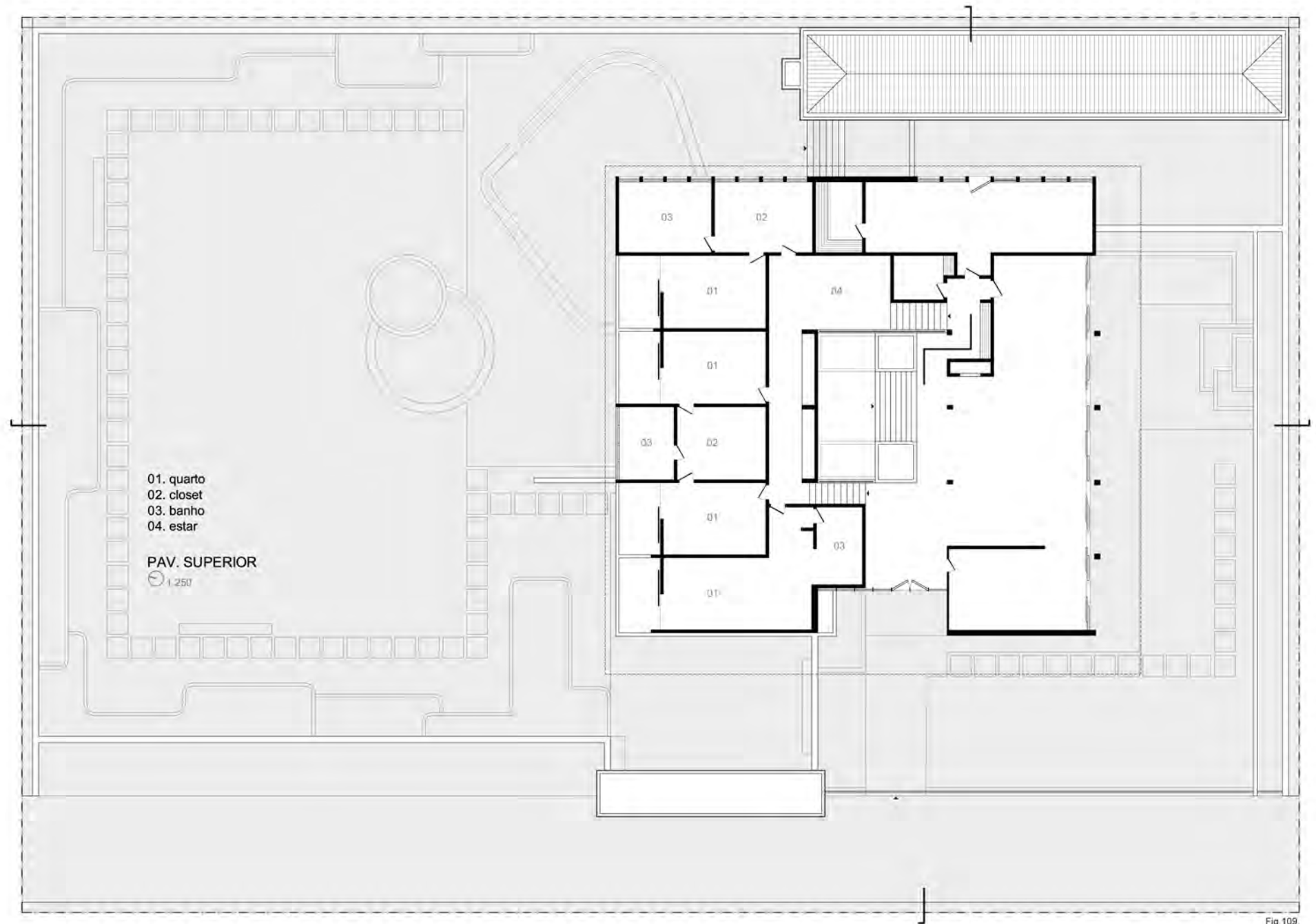
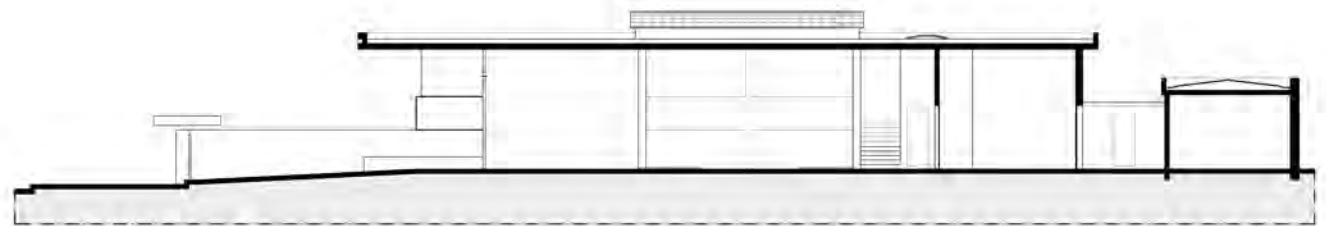
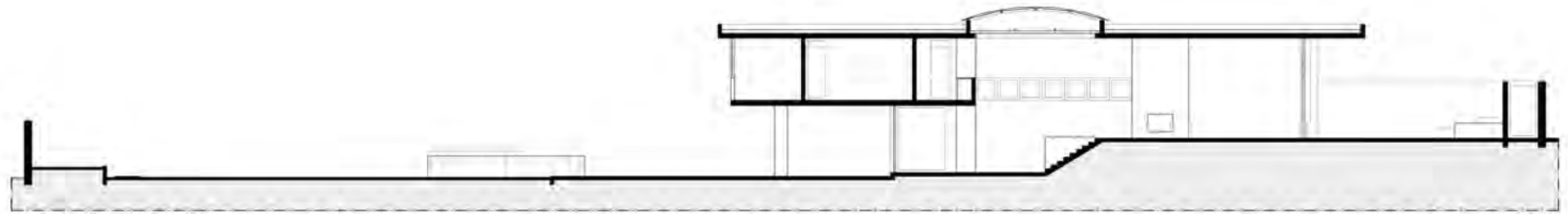


Fig. 109.



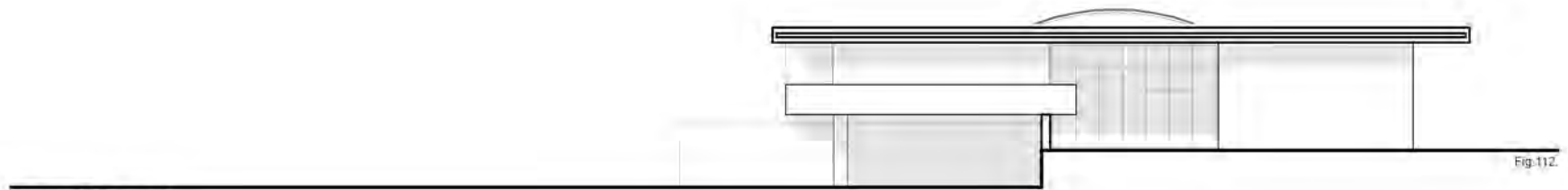
CORTE TRANSVERSAL
1:250

Fig.110



CORTE LONGITUDINAL
1:250

Fig.111



ELEVAÇÃO RUA 84
1:250

Fig.112



Elevação Rua 84

Fig.113. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Estar

Fig.114. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Estar íntimo

Fig.115. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Acesso social

Fig.116. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Estar

Fig.117. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Estar íntimo

Fig.118. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Garagem

Fig.119. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Piscina

Fig.120. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Varanda

Fig.121. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Elevação Rua 92-B

Fig.122. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.

A residência, térrea, nasce do remembramento de três terrenos. Localizada em um bairro residencial, dificilmente conseguimos perceber a volumetria da obra a partir da rua; sua maior interação acontece por meio dos muros completamente revestidos por vegetação que escondem toda a obra. Aqui encontramos dois acessos, um efetuado por meio de cul-de-sac e outro pela via convencional, o primeiro acesso social e o segundo de serviços.

Após os muros que a escondem, encontramos uma obra que trabalha somente com o essencial. Uma casa térrea, coberta por uma laje de duas águas apoiadas sobre alvenaria estrutural e alguns pilares em seus maiores vãos. Temos aqui um pavilhão livre no qual resolvem-se os ambientes no espaço por ele delimitado. Na laje não encontramos nenhuma viga e os pilares apóiam-se diretamente na laje sem nenhuma estrutura de transição de forças. Trata-se de uma abordagem radical, na qual tenta-se extrair o máximo de expressividade da técnica.

Nesse pavilhão, podemos ler de forma bem clara todos os setores da casa, formando uma barra que atende social e íntimo e uma segunda paralela a essa que acomoda amplo programa de serviços. A partir do vestíbulo, todos os fluxos são distribuídos de forma independente, os três setores são acessados de forma rápida e intuitiva, porém implantados precisamente, em um equilíbrio contínuo de privacidade e facilidade de acesso. O vestíbulo e a pequena copa são espaços de transição entre todos os setores, o coração da casa que permite a circulação em todas as áreas mantendo a singularidade e a formalidade de cada uma delas.

A alvenaria estrutural e aparente, de tijolos assentados em dupla, permite o tratamento como superfície lisa no interior da residência e aparente no exterior. Os caixilhos são todos em chapa de ferro, desenhados pelo arquiteto, porém os trilhos das portas são em alumínio, permitindo a integridade das peças até os dias atuais. Sobre a impermeabilização da cobertura temos uma camada de vermiculita, instalada posteriormente, e sobre ela a telha de amianto que diminui o trabalho da estrutura devido ao calor. A casa sofreu duas reformas nas quais foram acrescentadas área de lazer, piscinas e depósitos (projetos do

próprio arquiteto), além de contemplar algumas correções como o aumento de caixa d'água, infiltrações nos pés das paredes e rachaduras na laje devido a grande superfície coletora de calor. Conceitualmente e materialmente permanece intacta.

Obra Residência Leo de Queiroz Barreto
Arquiteto Raul Naves Filó
Local Rua 92-B, Lotes 9, 11 e 13, Setor Sul
Ano do Projeto 1972
Proprietário Leo de Queiroz Barreto e Eleusa de Souza Godoy Barreto
Profissão Advogado
Contato Sócios
Composição Familiar 1 casal e 4 filhos
Estrutura Marcelo Morais
Instalações SPII Ltda
Construção Arquiteto e Mestre Francisco Xavier
Período Construção 1972-1974

Área Terreno 1331,83m²
Área Ocupada 498,80m²
% Ocupação 37,45
Área Construída 388,79m²



SATÉLITE

1.2500

Fig. 123. Autor: Google Earth ©2009.
In: Google Earth ©2009, Google, ©2009 MapLink/TeleAtlas, coordenadas: 16°40'58.56" S 49°15'02.41" O, acessado 04/05/2010.

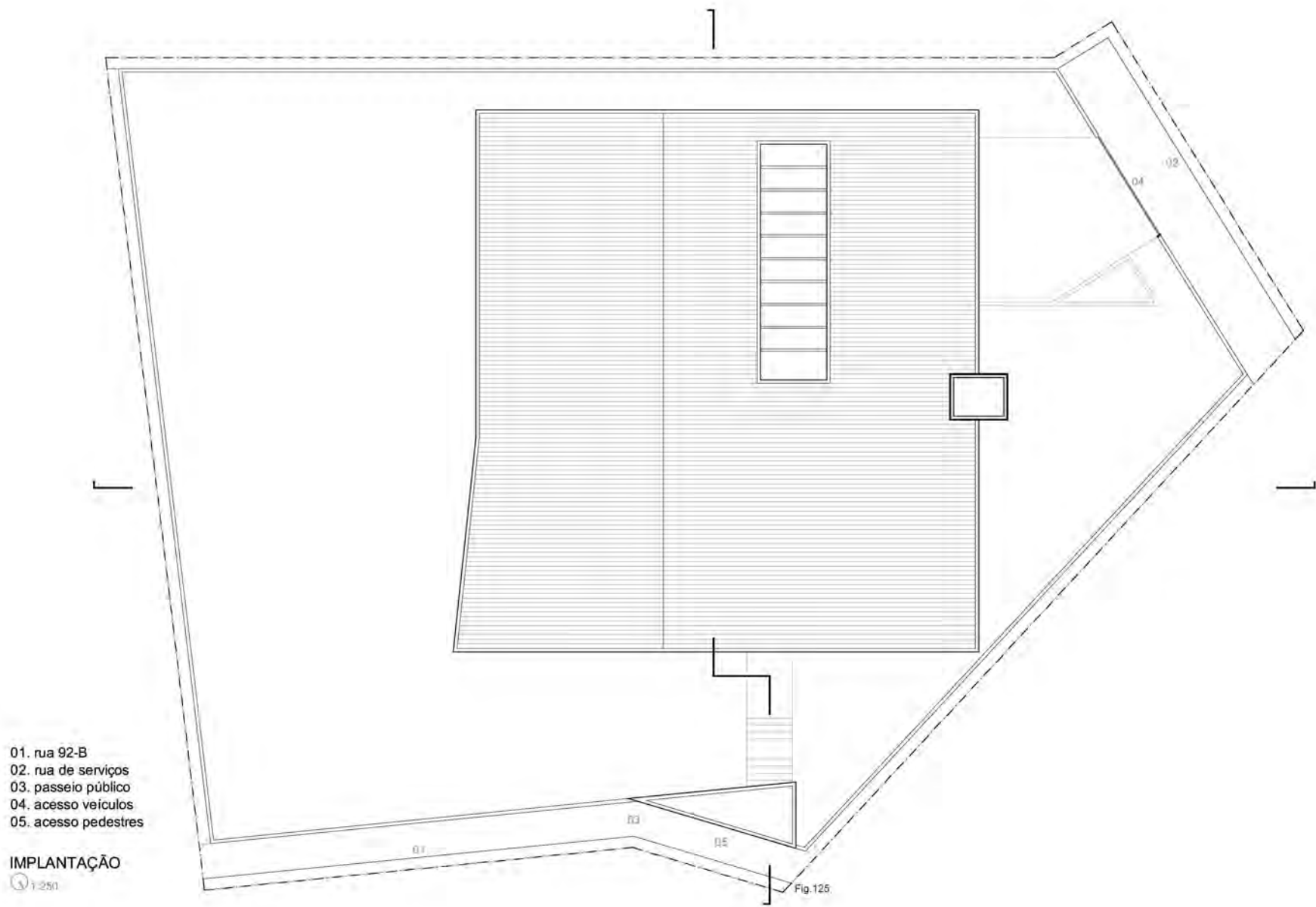
Programa	Componentes	Área	% área construída
Social	Vestíbulo Escritório Lavabo Estar	113,41m ²	29,17
Serviço	Cozinha Copa Depósito Área de Serviço Quarto Serviço Banho Serviço	88,75m ²	22,83
Íntimo	4 Quartos 2 Banhos TV	138,75m ²	35,69
Externo	Garagem	47,88m ²	12,31
Orientação			
Quartos	Sudeste		
Sala	Sudeste		



SITUAÇÃO

1:2500

Fig.124.



- 01. vestibulo
- 02. estar
- 03. copa
- 04. tv
- 05. quarto
- 06. garagem
- 07. quarto serviço
- 08. depósito
- 09. cozinha
- 10. área de serviço
- 11. escritório

PAV. TÉRREO

1:250

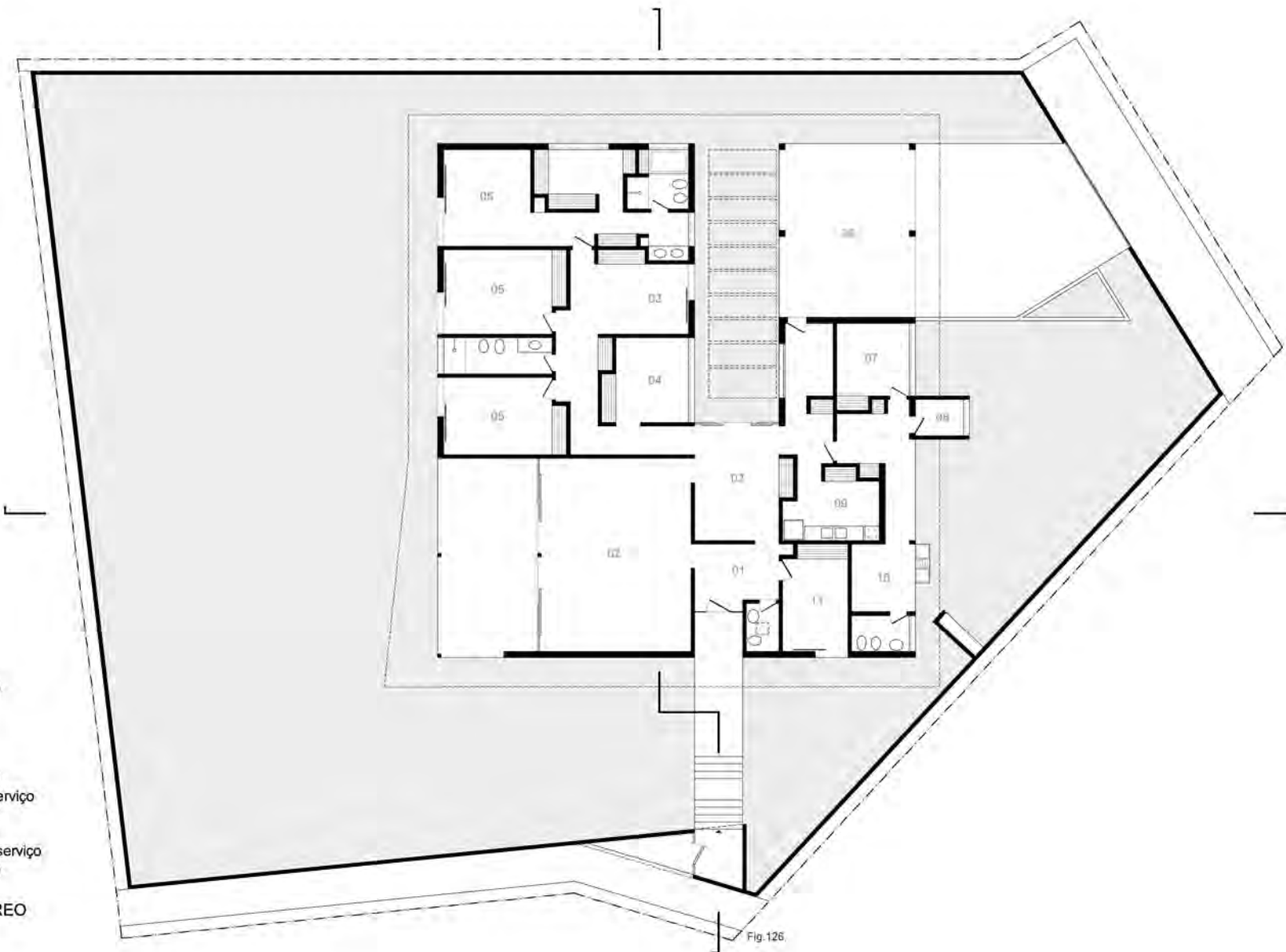
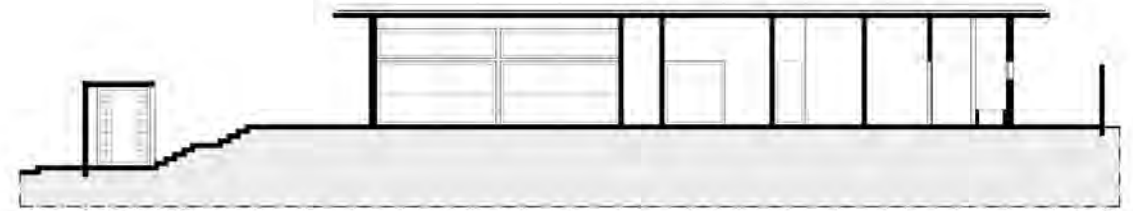
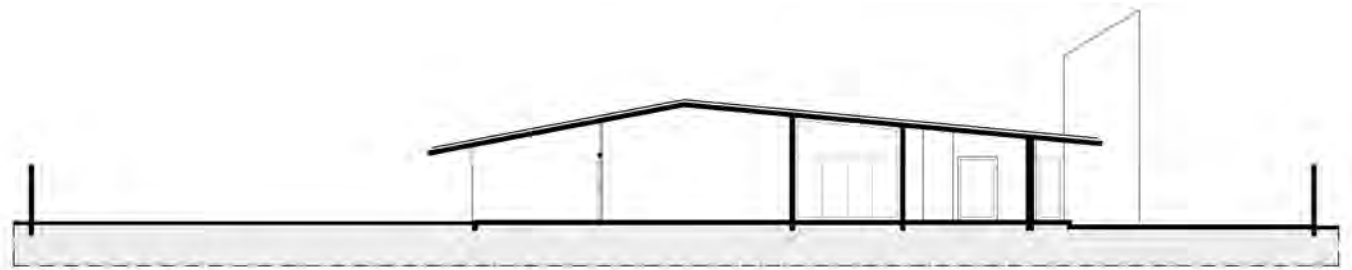


Fig. 126



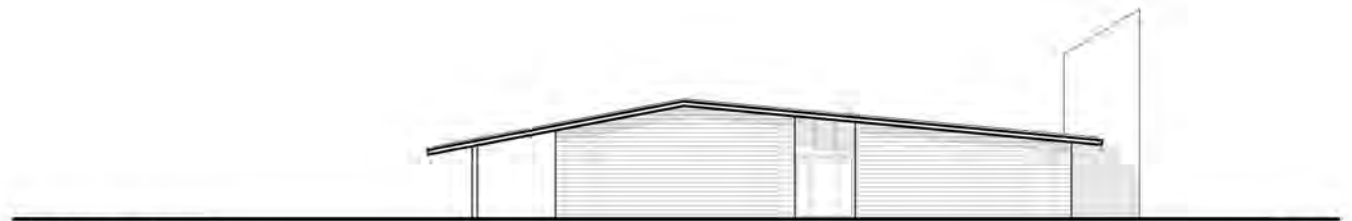
CORTE TRANSVERSAL
1:200

Fig. 127.



CORTE LONGITUDINAL
1:200

Fig. 128.



ELEVAÇÃO RUA 92-B
1:250

Fig. 129.



Acesso social

Fig.130. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Vestíbulo

Fig.131. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Elevação Rua 92-B

Fig.132. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Varanda

Fig.133. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Estar

Fig.134. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Estar

Fig.135. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Copa

Fig.136. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Estar

Fig.137. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Jantar

Fig.138. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Elevação Rua 10

Fig.139. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.

Implantada em um setor de uso misto, a residência encontra-se em uma rígida malha de lotes urbanos bem definidos, retangulares, militares. A época de sua construção, os usos vizinhos ainda eram residenciais, e hoje a maioria se presta a atividades comerciais. Seu uso acaba por se tornar uma exceção em meio ao crescimento imobiliário. A obra já recebeu ofertas de compra algumas dezenas de vezes, porém os proprietários permanecem impávidos ante as propostas.

Situada logo em frente a principal praça do bairro, local movimentado devido as feiras de final de semana e as antigas corridas de carro que ocorriam nas ruas contiguas, a casa acontece no espaço urbano de forma generosa e realmente integra-se aos acontecimentos e espaços da rua. Não possui muros, sua porta de acesso principal abre-se diretamente a área pública, em um largo privado, porem espacialmente coletivo. Trata-se de uma referência na cidade, a imposição do concreto aparente e a clareira meio a muros lhe confere características de marco urbano.

Volumetricamente, temos uma barra retangular inferior que apóia um volume superior de planta quadrada. No volume retangular estão resolvidos os setores de serviço e social; na área coberta formada pelo quadrado, configura-se a varanda e a garagem. O volume superior encerra as atividades íntimas. Os setores são bem definidos, e os fluxos separados de forma a minimizar os cruzamentos, porém o acesso único aos andares não permite sua completa independência.

Originalmente a residência seria toda em concreto aparente, porém devido a revisão do projeto, levando em conta problemas climáticos, as paredes externas foram substituídas por alvenaria, acarretando em problemas de vedação. O trabalho diferenciado do concreto e da alvenaria formaram vincos entre alvenaria e estrutura que deixaram a casa vulnerável as infiltrações.

Houveram duas grandes alterações com relação ao projeto original. A primeira foi a substituição das vedações de concreto por alvenaria e a segunda foi o acréscimo de um cômodo no pavimento superior, ocupando o que era a cobertura da sala de jantar e quarto de estudos. Os proprietários permanecem os mesmos, e qualquer alteração na casa é sempre submetida ao autor do projeto.

Obra	Residência Ruffo de Freitas
Arquiteto	Antônio Lúcio
Local	Rua 10, Lote 52, Setor Oeste
Ano do Projeto	1972
Proprietário	Ruffo de Freitas e Iraides Duarte Cunha Freitas
Profissão	Médico
Contato	Amigos em comum
Composição Familiar	1 casal e 4 filhos
Estrutura	Geraldo Passos
Instalações	Geraldo Passos
Construção	Arquiteto e Mestre Pedro Teixeira
Período Construção	1972-1974

Área Terreno	561,00m ²
Área Ocupada	307,37m ²
% Ocupação	54,78
Área Construída	493,52m ²



SATÉLITE

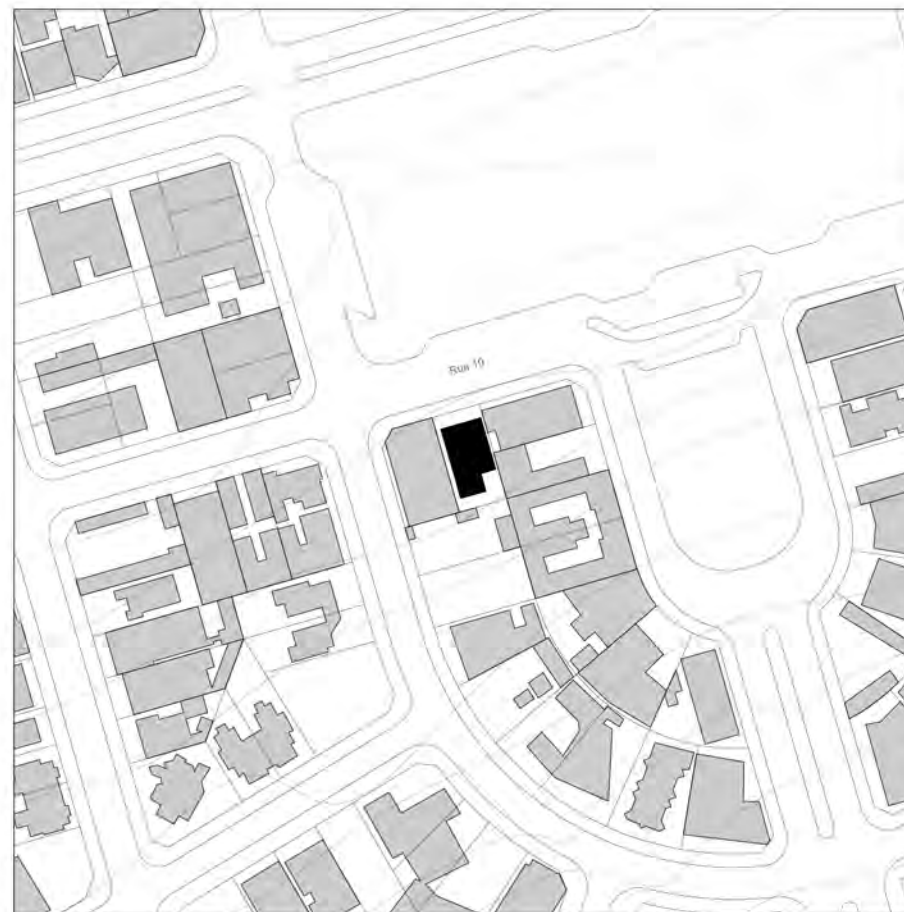
1.2500

Fig.140. Autor: Google Earth ©2009.
In: Google Earth ©2009, Google, ©2009 MapLink/TeleAtlas, coordenadas: 16°41'11.78"S 49°15'65.48"O, acessado 06/05/2010.

Programa	Componentes	Área	% área construída
Social	Vestíbulo	117,95m ²	23,90
	Estar		
	Lavabo		
	Estudos		
	Jantar		
Serviço	Cozinha	52,48m ²	10,64
	Depósitos		
	Área de Serviço		
	Quarto Serviço		
	Banho Serviço		
Íntimo	5 Quartos	227,40m ²	46,08
	4 Banhos		
	Estar Íntimo		
Externo	Garagem	95,69m ²	19,38
	Terraço		

Orientação

Quartos	Noroeste
Sala	Nordeste



SITUAÇÃO

1:2500

Fig.141.

- 01. rua 10
- 02. passeio público
- 03. acesso veículos
- 04. acesso pedestres

IMPLANTAÇÃO

1:250

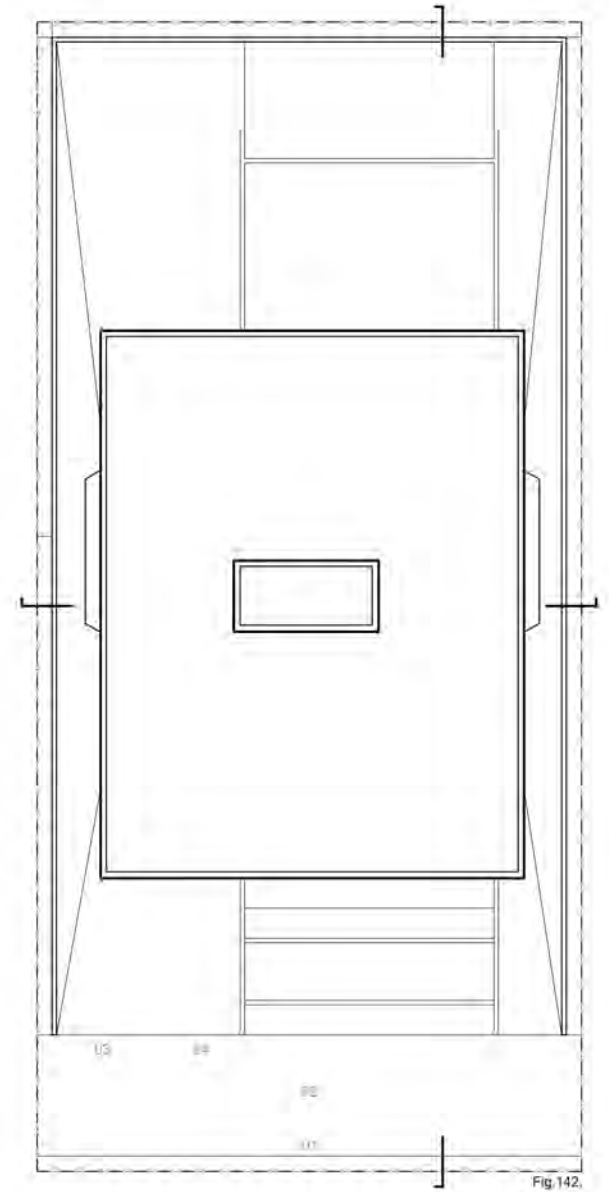
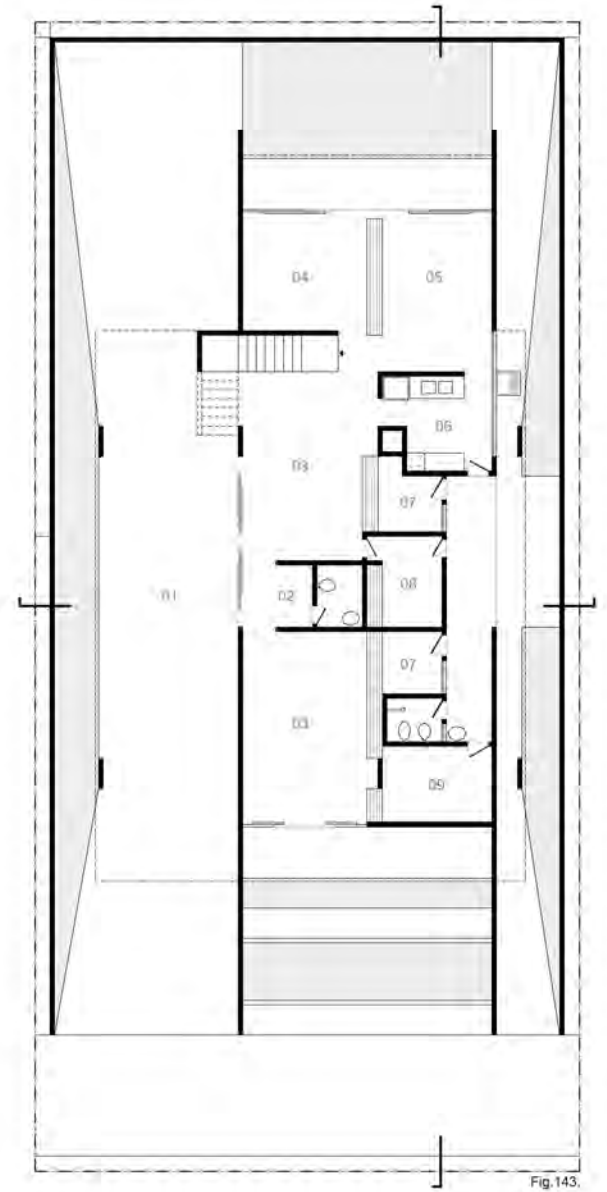


Fig.142.

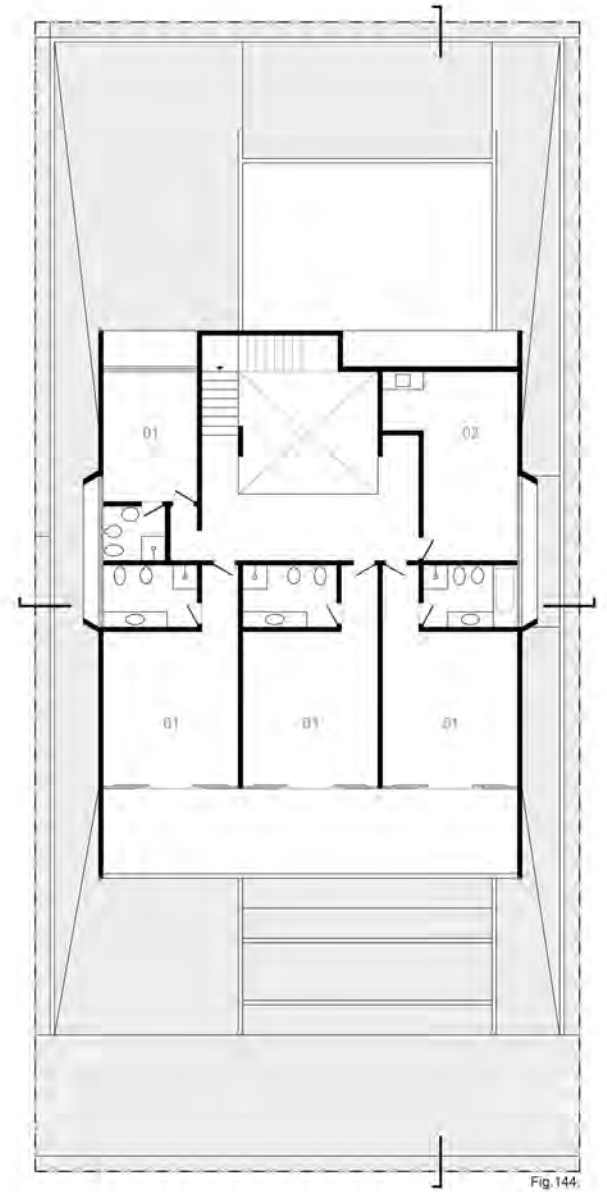


- 01. garagem
- 02. vestibulo
- 03. estar
- 04. estudos
- 05. jantar
- 06. cozinha
- 07. depósito
- 08. quarto
- 09. quarto serviço

PAV. TÉRREO

1:250

Fig.143.

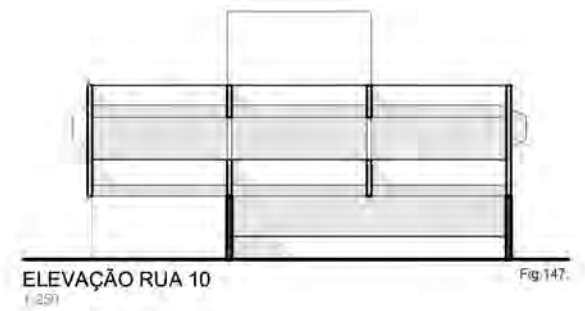
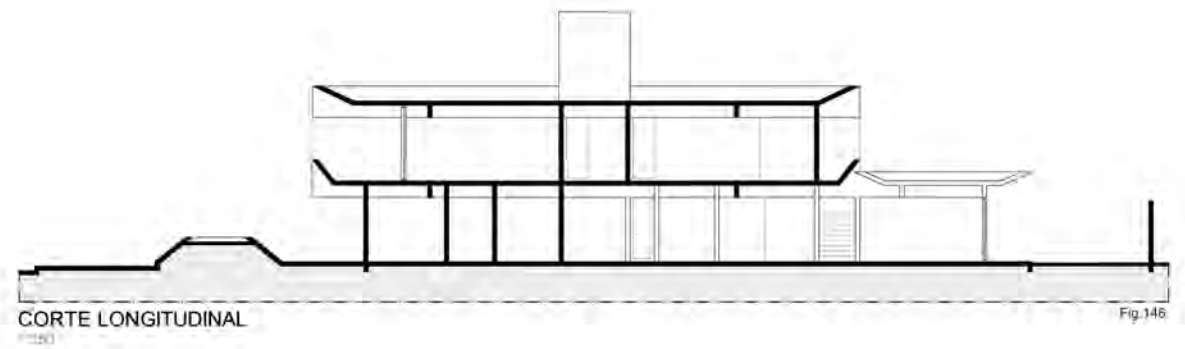
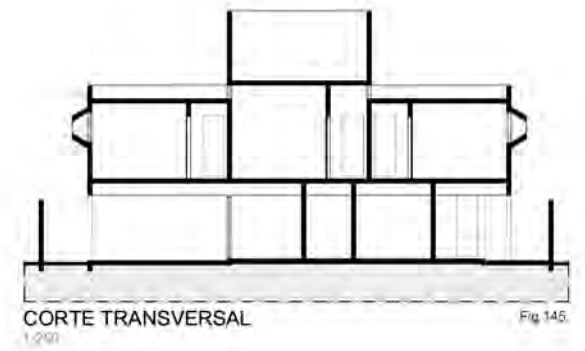


01. quarto
02. estar

PAV. SUPERIOR

1/250

Fig.144.





Elevação Rua 10

Fig.148. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Elevação lateral

Fig.149. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Acesso íntimo

Fig.150. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Estar

Fig.151. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Social

Fig.152. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Estar

Fig.153. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Estar íntimo

Fig.154. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Varanda quartos

Fig.155. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Elevação Rua 1129

Fig.156. Autor: Mustafá Bucar.
In: BUCAR, 1985, p.1-5.

A primeira vista a casa impressiona a quem passa pela calçada a sua frente. O volume superior avança em um balanço com mais de três metros. A implantação acontece em forma de cruz, com o volume inferior fechando toda a testada do lote, permitindo a transição entre público e privado sem fazer uso de muro segregador. Esse volume de transição interno/externo, uma barreira de pedras, mantém o material natural e afasta-se dos limites da calçada, oferecendo uma área verde a cidade.

A obra esta implantada em um bairro residencial, os terrenos adjacentes são de uso exclusivamente residencial, de baixa altura. A casa destaca-se pela volumetria, em uma vizinhança marcada pelas linhas do neocolonial. O entorno calmo, sem grandes movimentos, não representa implicações negativas na locação e implantação da casa. A forma de ocupação do terreno e completamente diferenciada da ocupação escolhida pelos vizinhos. Os dois lotes lembrados proporcionaram um terreno praticamente quadrado, o que possibilitou grandes dimensões tanto longitudinais quanto transversais. A ocupação dos vizinhos resume-se as barras que desenvolvem-se em profundidade nos terrenos.

No térreo foram instalados os setores de serviços e social. Ali desenvolvem-se garagens, salas de estar/jantar, cozinhas e depósitos. Tudo foi resolvido sob uma única barra. O social é disposto na porção esquerda do volume e os serviços na porção direita, sob todos os aspectos as duas partes estão completamente divididas. Acessos, volumetria e espaços estão muito bem definidos e independentes entre si. O funcionamento das partes ocorre de forma autônoma uma das outras.

Na barra superior, temos resolvida a área íntima: dois quartos simples, duas suítes conjugadas e a suíte principal. São acessados por meio de duas escadas. A primeira, circular, escultórica, misulada em balanço, acontece como uma escultura surgindo meio a sala de estar chegando ao segundo pavimento emoldurada pelo pé direito duplo. O segundo acesso acontece pelos fundos, por uma escada de serviços que liga diretamente o setor de serviços ao setor íntimo. A cobertura do bloco inferior transforma-se em terraço jardim onde cultivam-se espécies tropicais, e a sala íntima, ao qual a escada principal dá acesso, volta-se ao jardim protegida pelo brise em concreto que controla a luminosidade do cômodo. Hoje a

residência não encontra-se com os donos originais e foi parcialmente alterada. As mais agressivas alterações foram as grades colocadas a frente, juntamente com o telhado instalado no volume superior e a edícula construída sobre o terraço jardim da garagem.

Obra	Residência Georthon Philocreon
Arquiteto	Paulo Mendonça
Local	Rua 1129, Quadra 237, Setor Marista
Ano do Projeto	1974
Proprietário	Georthon Philocreon
Profissão	Médico
Contato	Amigo da família
Construção	Alexandre Ubelino
Período Construção	1974-1975

Área Terreno	973,27m ²
Área Ocupada	449,27m ²
% Ocupação	46,16
Área Construída	573,00m ²

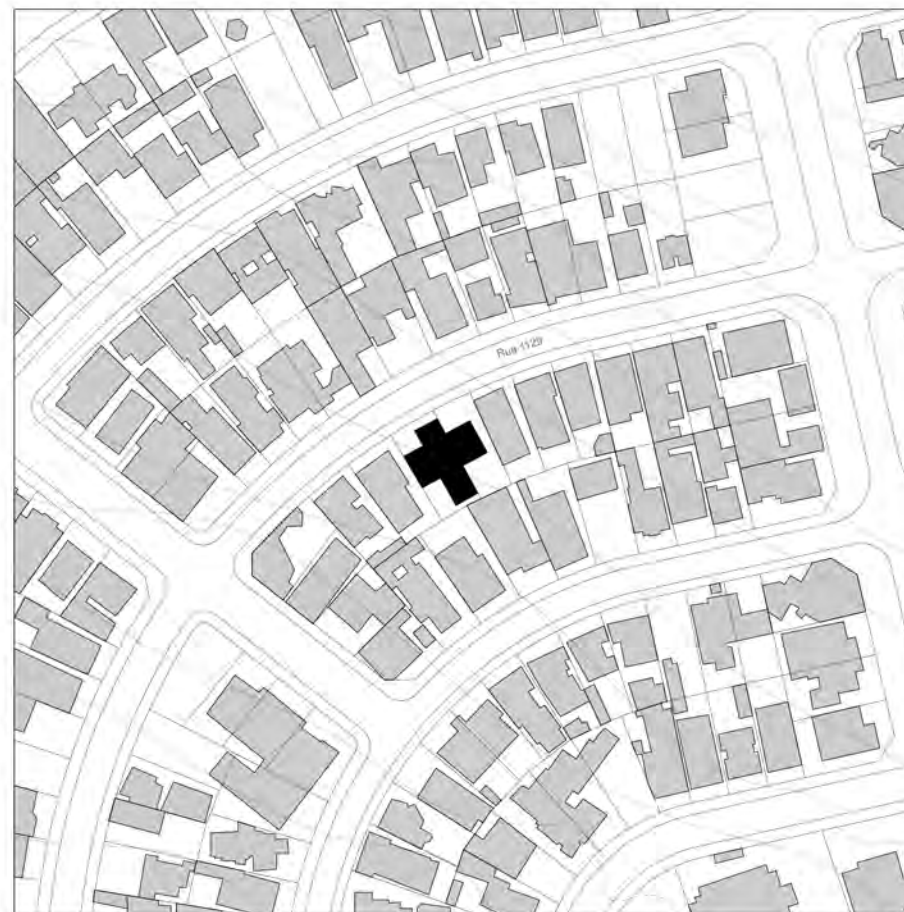


SATÉLITE

1.2500

Fig.157. Autor: Google Earth ©2009.
In: Google Earth ©2009, Google, ©2009 MapLink/TeleAtlas, coordenadas: 16°42'02.28"S 49°15'40.75"O, acessado 26/04/2010.

Programa	Componentes	Área	% área construída
Social	Vestibulo	155,65m ²	27,17
	Jardim de Inverno		
	Estar		
	Jantar		
	Escritório		
Serviço	Copa	108,51m ²	18,94
	Cozinha		
	Área de Serviço		
	2 Quartos Serviço		
	Banho Serviço		
	Depósito		
Íntimo	5 Quartos	211,30m ²	36,87
	3 Banhos		
	Estar Íntimo		
Externo	Garagem	97,54m ²	17,02
	Terraço		
Orientação			
Quartos	Nordeste		
Sala	Sudeste		



SITUAÇÃO

1:2500

Fig.158.

- 01. rua 1129
- 02. passeio público
- 03. acesso veículos
- 04. acesso pedestres

IMPLANTAÇÃO

1/250

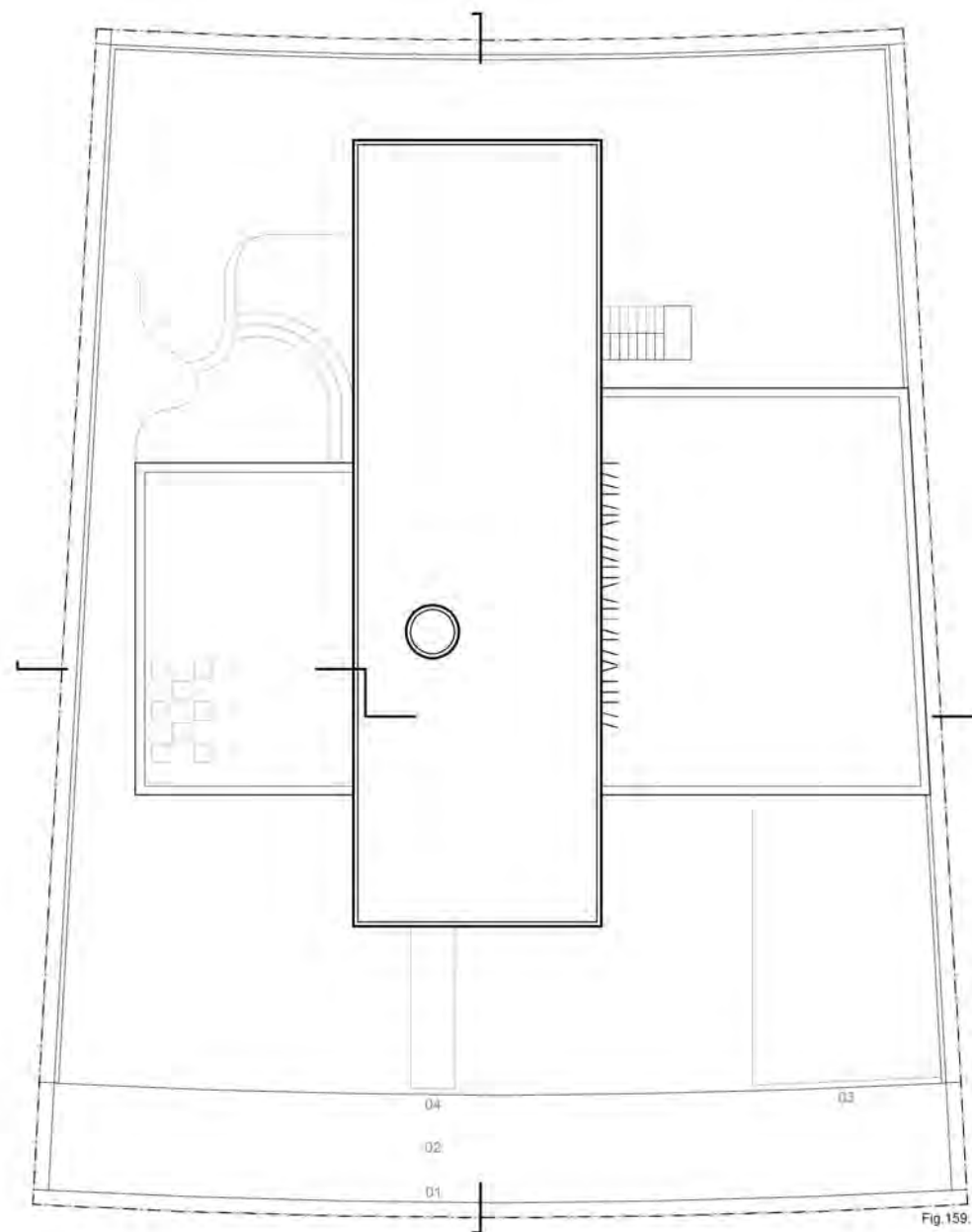
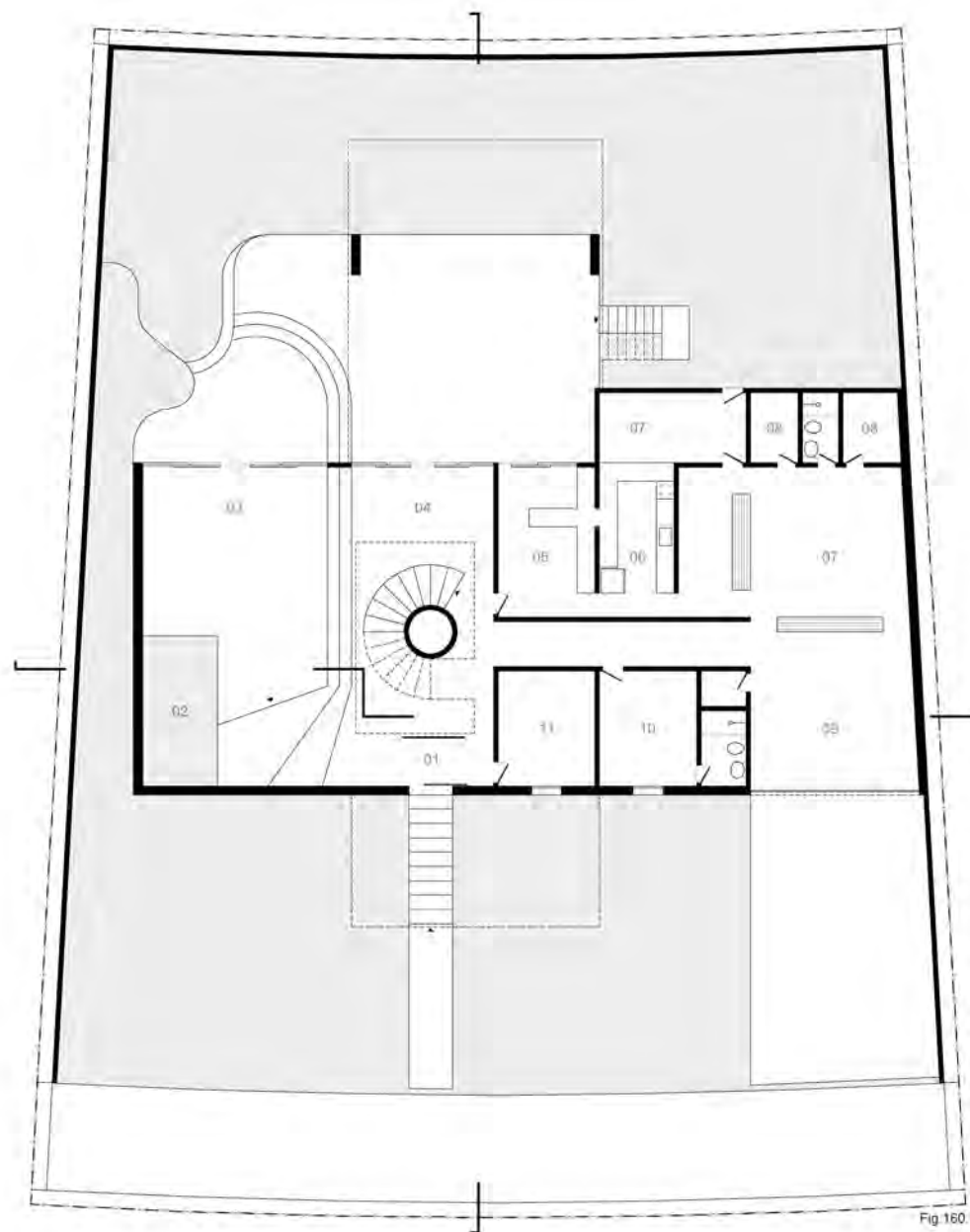


Fig. 159.

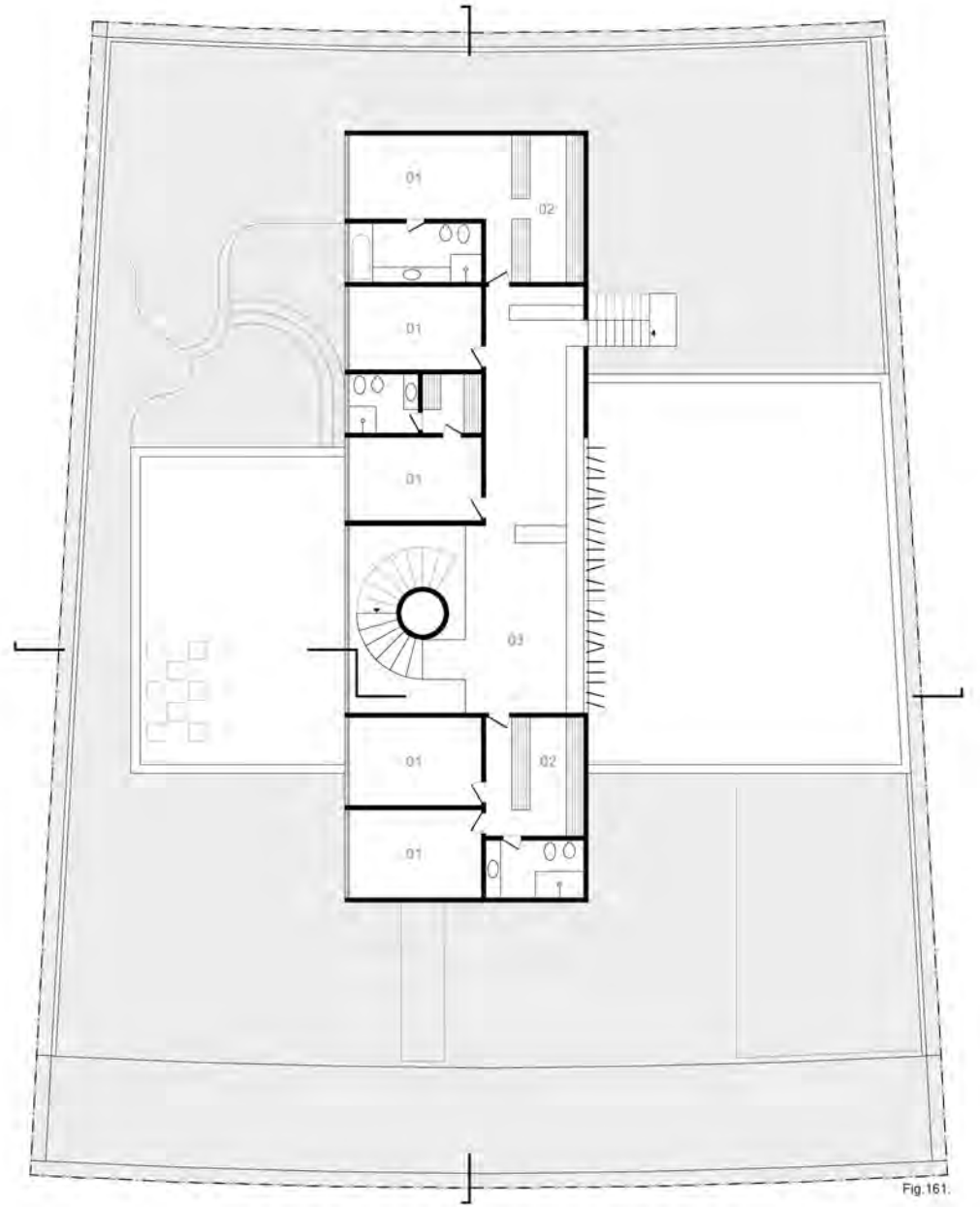


- 01. vestíbulo
- 02. pátio interno
- 03. estar
- 04. jantar
- 05. copa
- 06. cozinha
- 07. área de serviço
- 08. quarto serviço
- 09. garagem
- 10. quarto
- 11. escritório

PAV. TÉRREO

1:200

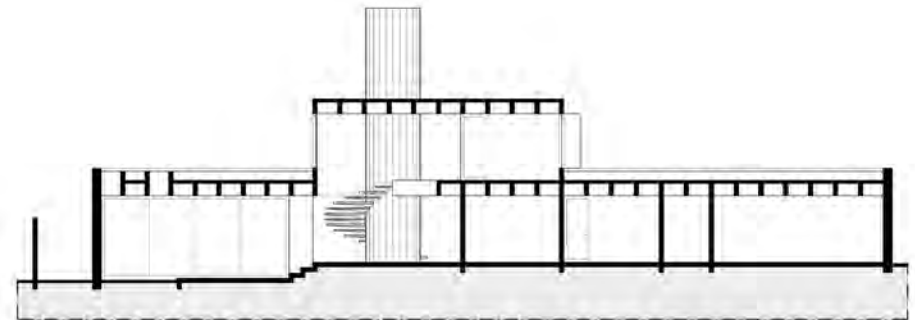
Fig 160



- 01. quarto
- 02. closet
- 03. estar

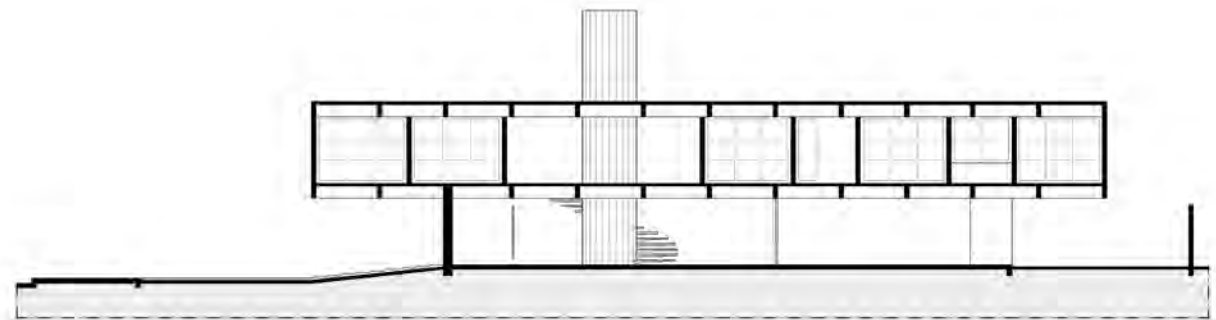
PAV. SUPERIOR
 1/250

Fig.161.



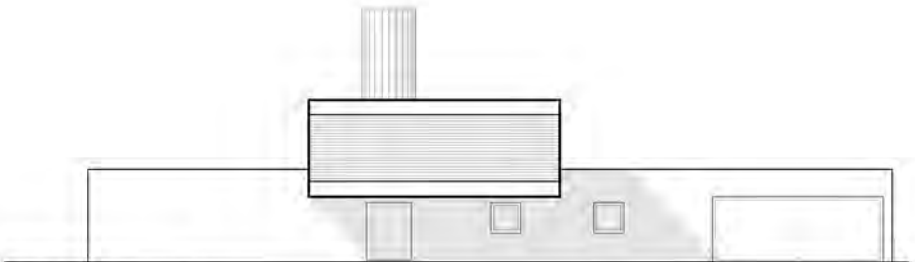
CORTE TRANSVERSAL
1:200

Fig. 162.



CORTE LONGITUDINAL
1:250

Fig. 163.



ELEVAÇÃO RUA 1129
1:250

Fig. 164.



Acesso social

Fig.165. Autor: Mustafá Bucar.
In: BUCAR, 1985, p.1-5.



Elevação Rua 1129

Fig.166. Autor: Mustafá Bucar.
In: BUCAR, 1985, p.1-5.



Acesso serviços

Fig.167. Autor: Mustafá Bucar.
In: BUCAR, 1985, p.1-5.



Elevação interior

Fig.168. Autor: Mustafá Bucar.
In: BUCAR, 1985, p.1-5.



Escada acesso íntimo

Fig.170. Autor: Mustafá Bucar.
In: BUCAR, 1985, p.1-5.



Terraço

Fig.169. Autor: Mustafá Bucar.
In: BUCAR, 1985, p.1-5.



Estar

Fig.171. Autor: Mustafá Bucar.
In: BUCAR, 1985, p.1-5.



Elevação Rua 38

Fig.172. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.

A edificação, em concreto armado aparente, é de desenho rigoroso e conciso que, assim como grande parte das obras da escola paulista, está praticamente finalizada ao término da execução da estrutura. O módulo foi construído para funcionar como um laboratório. Situada na Rua 38 do Setor Marista, a casa provocou polêmica antes mesmo de ser iniciada a sua construção. A administração municipal não possuía parâmetros para avaliar as aberturas, o pano de vidro estava fora dos padrões usuais de comparação.

O terreno encontra-se em setor predominantemente residencial, em lote central a quadra, com vizinho dos três lados. Hoje em dia, a casa fica um tanto escondida meio a densidade de edificações do local, mas a época em que foi edificada tratava-se de um dos raros elementos verticais da paisagem. Seu muro frontal, de tela metálica, prolonga o espaço da rua e da calçada para dentro da área privada. Elevada sobre pilotis, a massa edificada se solta do terreno liberando o térreo para o uso, favorecendo e ampliando o espaço publicamente visível para quem transita em frente.

No nível do solo o arquiteto optou pela implantação de seu escritório, área de serviços da casa e área de lazer. A frente, há um jardim e garagem voltados para rua e vedados pelo muro semitransparente. O restante do terreno é fechado por elementos vazados que iluminam e propiciam aeração da piscina e áreas de serviço. É mínima a interferência do volume semi-enterrado que configura o escritório.

O módulo habitacional encontra-se elevado do solo por um pilar central oco e quatro pilares perimetrais em forma de L com 1 metro de lado. Esses são responsáveis pela sustentação das quatro vigas inferiores e quatro vigas superiores que possuem 1 metro de altura por 17 metros de comprimento. O pilar central de 1,20x1,20 metros configura o shaft das instalações e caixa d'água, sustentando a escada misulada de concreto. A estrutura se resume a cinco pilares, oito vigas e duas lajes, propiciando melhor compreensão e execução do projeto, economia de desenhos e fôrmas.

A parte superior também enfoca a questão da abertura para o público. A caixa quadrada fechada por vidro em suas quatro faces permite a transparência dos ambientes internos, porém controlável por elementos de correr que regulam a luz. A ventilação cruza o conjunto de ambientes. Todo o pano de vidro tem 25% de

sua área composta por elementos móveis, permitindo a renovação interna do ar. A casa pode ser cruzada por ventos provenientes de qualquer um dos lados. Seu pilar central, que sustenta a escada, permite a entrada do ar através da perfuração da laje, ampliando assim a ação dos ventos.

O pavimento superior, de aproximadamente 176 metros quadrados livres abriga os ambientes íntimos. As divisões entre cômodos ocorrem por meio de dois elementos: divisórias eucatex e armários, materiais leves que permitem o fácil remanejamento do layout. Ocupando um dos lados da planta quadrada, a cozinha encontra-se limitada pelos pilares laterais e por divisórias a sua frente, e é iluminada e ventilada através do vazio central, do mesmo modo que o banheiro. No banheiro, temos a divisão de três espaços distintos: sanitário, lavatório e chuveiro, independentes e dispostos um ao lado do outro. Permite-se dessa forma a utilização simultânea dos três componentes e resolve a necessidade de mais peças sanitárias dentro da casa.

A obra é configurada por basicamente três elementos. O concreto da estrutura, o vidro de fechamento e a lona para controle luminoso. Todas as instalações são aparentes, dutos elétricos, hidráulicos e sanitários estão todos a vista e concentram sua descida no pilar central. O piso consiste em materiais simples, facilmente instalados, sem a necessidade de execução de grandes acabamentos prévios. O Paviflex é a opção nas áreas molhadas e carpetes nos quartos e salas.

Nos mais de trinta anos de uso, poucas foram as modificações que, por sinal, não influenciaram na leitura do seu conceito inicial. Alguns usos foram acrescentados, volumes no térreo surgiram. Mas ao contrário de modificar o conceito, reforça-o, mostrando que a parte livre para trabalhar as necessidades individuais, o térreo, funciona como o planejado. O layout do pavimento superior foi revisto inúmeras vezes e as cores da lona, variadas de acordo com o humor do proprietário. Ao artista coube idealizar o espaço livre, ao técnico proporcionar os meios para a construção do ambiente a ser ocupado de acordo com a necessidade dos que dele usufruem.

Obra	Residência Antônio Lúcio
Arquiteto	Antônio Lúcio
Local	Rua 38, 720, Setor Marista
Ano do Projeto	1974
Proprietário	Antônio Lúcio
Profissão	Arquiteto
Composição Familiar	1 casal e 4 filhos
Estrutura	Mário Metran
Instalações	Antônio Lúcio
Construção	Antônio Lúcio
Período Construção	1974-1975

Área Terreno	544,36m ²
Área Ocupada	215,99m ²
% Ocupação	39,67
Área Construída	388,66m ²



SATÉLITE

1,2500

Fig. 173. Autor: Google Earth ©2009.
In: Google Earth ©2009, Google, ©2009 MapLink/TeleAtlas, coordenadas: 16°41'51.89"S 49°16'04.81"O, acessado 03/06/2009.

Programa	Componentes	Área	% área construída
Social	Vestíbulo	142,30m ²	36,62
	Escritório		
	Lavabo		
	Estar		
	Jantar		
	Atelier		
Serviço	Área de Serviço	21,75m ²	5,60
	Banho Serviço		
	Cozinha		
Íntimo	4 Quartos	73,44m ²	18,89
	Banho		
Externo	Garagem	151,17m ²	38,89
	Terraço		
	Piscina		

Orientação

Quartos Noroeste

Sala Sudeste



SITUAÇÃO

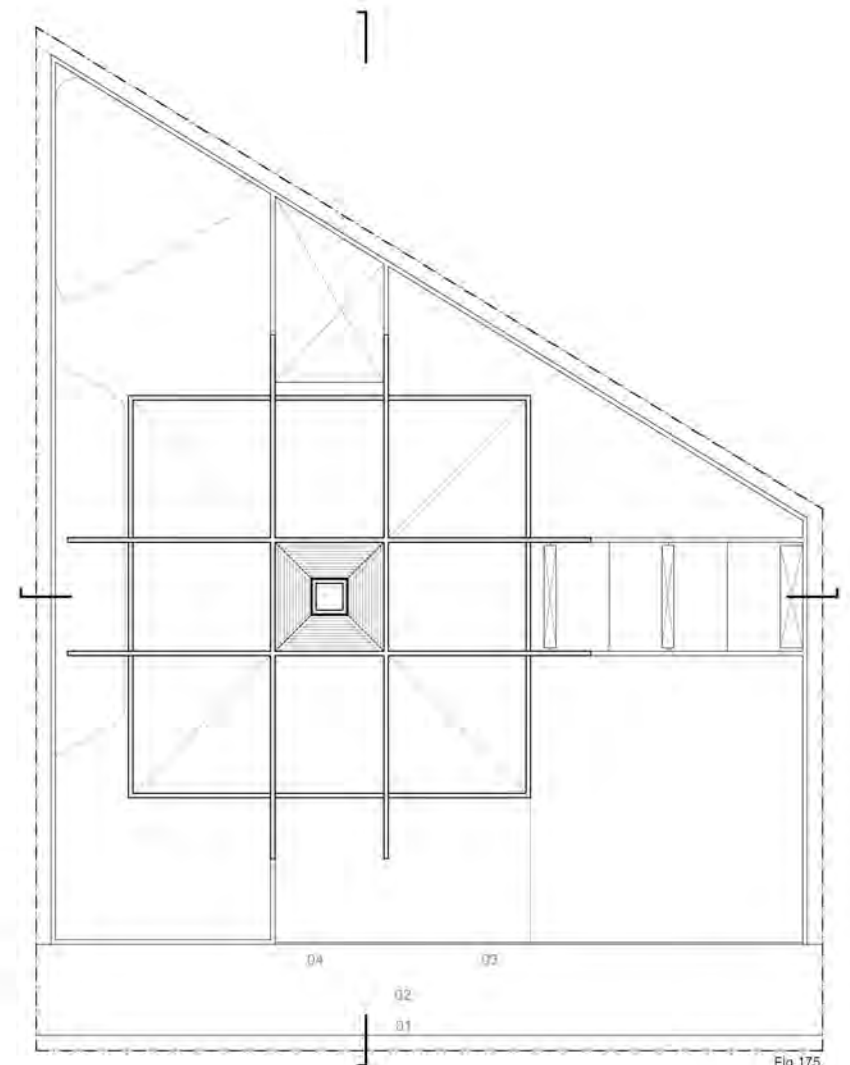
1:2500

Fig.174.

- 01. rua 38
- 02. passeio público
- 03. acesso veículos
- 04. acesso pedestres

IMPLANTAÇÃO

1/250



- 01. garagem
- 02. vestibulo
- 03. depósito
- 04. escritório
- 05. área de serviço

PAV. TÉRREO

1/250

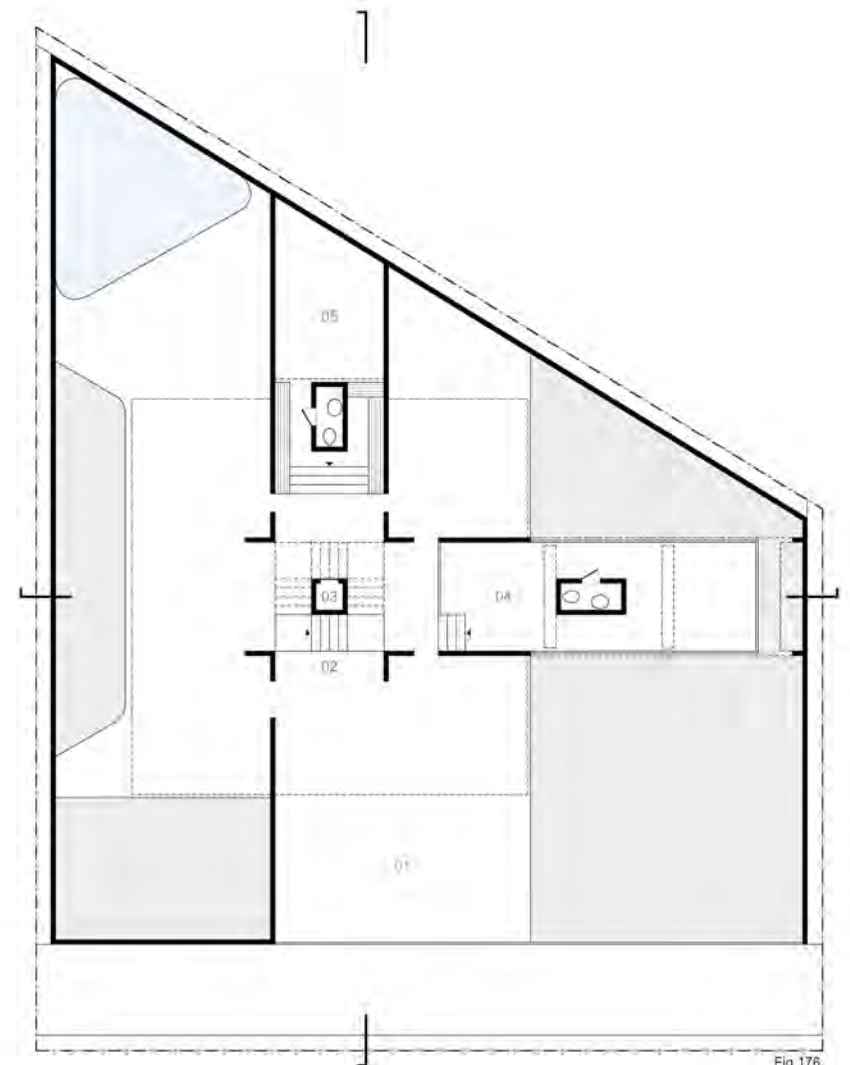
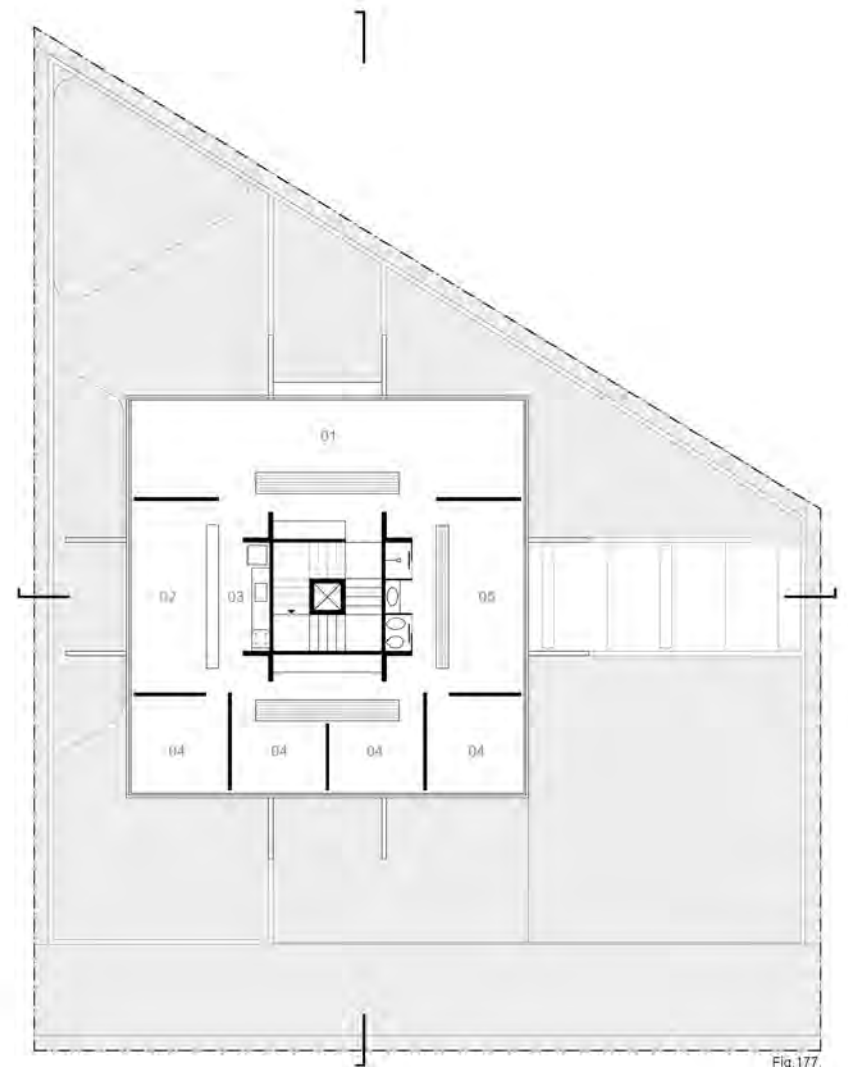


Fig.176

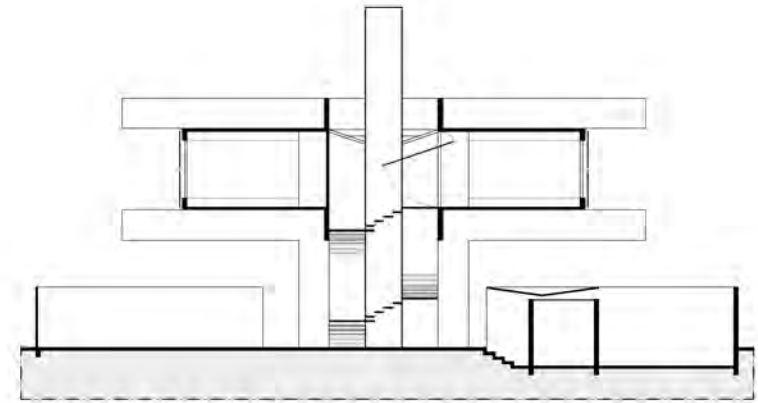


- 01. estar
- 02. jantar
- 03. cozinha
- 04. quarto
- 05. atelier

PAV. SUPERIOR

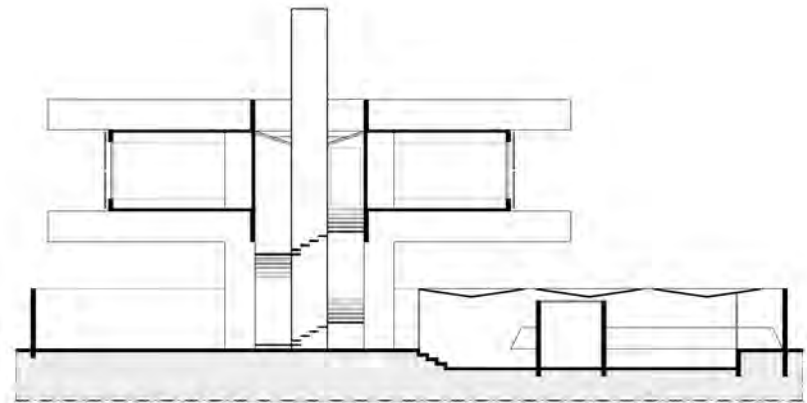
1/250

Fig.177



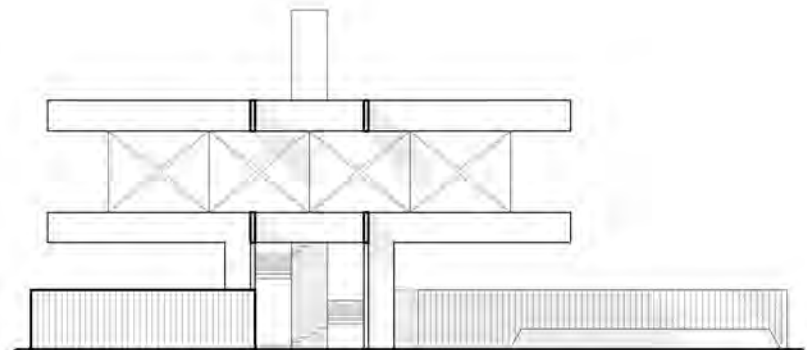
CORTE TRANSVERSAL
1:250

Fig. 178



CORTE LONGITUDINAL
1:250

Fig. 179



ELEVAÇÃO RUA 38
1:250

Fig. 180



Estar

Fig.182. Autor: Valéria Rodrigues Andrade.
In: ANDRADE, 1986, p.1 e 3.



Elevação Rua 38

Fig.181. Autor: Valéria Rodrigues Andrade.
In: ANDRADE, 1986, p.1 e 3.



Elevação lateral

Fig.183. Autor: António Lúcio.
In: LIMA, 1984, p.1.



Acesso social

Fig.184. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Elevação posterior

Fig.185. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Estar

Fig.186. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Quartos

Fig.187. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.



Escritório

Fig.188. Autor: Monise Campos.
In: Arquivo pessoal do Autor.

7. Conclusão

A pesquisa apresentada inspirou-se especialmente em dois trabalhos: o artigo de Maria Diva e Maria Heloisa, "A experiência moderna no cerrado Goiano", publicado no caderno *Arquitextos* (2006) do portal *Vitrúvius*; e *Residências em São Paulo*, de Marlene Acayaba (1984). O primeiro desperta o interesse pelo modernismo na capital goiana e o outro o olhar mais minucioso das residências. São eles que lançam a semente da busca por um maior aprofundamento a respeito dessa temática e período da arquitetura produzida em Goiânia, bem como mostram os primeiros rumos a serem percorridos.

Ao examinar arquitetos e arquiteturas distintas, muitas foram as informações encontradas durante as investigações. Uma série de nomes e endereços surgiram: arquitetos, artistas, ídolos e influências. Ao entrevistar filhos, mães e irmãos, fica possível perceber as inspirações e paixões desses artífices locais. Tento iluminar biografias ainda obscuras, acredito que agora um pouco mais nítidas, já evidenciando caminhos, revelando nomes e possibilitando possíveis desdobramentos.

Em momento algum houve a pretensão de realizar uma dissertação que esgotasse o estudo da produção modernista em Goiânia. Numerosos são os prédios institucionais, comerciais e de apartamentos com substancial valor arquitetônico que estão presentes no acervo da cidade, além de outras residências de valor que ficaram fora do trabalho. Razões para os cortes não faltam: inexistência de documentos, incompreensão dos proprietários, falta de qualquer informação documental ou obras demolidas que só existem nos relatos daqueles que usufruíam dos espaços por elas providos. A tentativa foi a de mostrar um momento distinto da arquitetura na cidade por meio de alguns importantes exemplares.

Mostrar como ele aconteceu, o que implicou, como se deu a produção dessa arquitetura, e tentar perceber sua evolução interna, local. Como foi o início do processo, que caminhos trilharam seus autores, onde chegaram e o que sinalizavam. Colocar de modo mais sistematizado essa evolução, uma linha do tempo da arquitetura residencial em Goiânia nessas três décadas de trabalho. Um panorama com possibilidades de ser ampliado, detalhado, reduzido, ou recortado. O esforço foi o de propor um trabalho mais direto, que pudesse mostrar esse desenvolvimento de maneira graficamente inteligível.

Outra questão norteadora da pesquisa foi a de buscar a biografia dos autores das obras apresentadas. Alguns dados não foram encontrados, merecendo ainda maiores aprofundamentos. Porém foi possível perceber como esses arquitetos atuavam na sociedade, quais suas origens, influências, como e porque se instalaram em Goiânia. Apesar de não oferecer informações completas sobre cada um deles, é possível perceber algumas diretrizes para a busca de dados mais específicos.

A formação, a origem e principais obras são abordados, mas faltam maiores aprofundamentos a respeito das atuações secundárias, outras obras realizadas não só em Goiânia, estrutura operacional, forma de trabalho, clientela e demais conexões do meio intelectual. Novamente reforço que a intenção foi a de montar um panorama inicial, evidenciando e investigando as questões macro da produção e influências desses arquitetos e as possíveis repercussões dessa formação.

Uma busca com o intuito de ver e comprovar a associação desses arquitetos com a produção nacional, não somente do ponto de vista formal, mas também conceitual. Já que esses profissionais estudaram nos principais centros de ensino do país, tendo contato com os grandes nomes nacionais, compreendendo e se envolvendo com afinco junto aos preceitos modernistas, aprofundando-se na obra e no discurso do mestres internacionais.

Esta foi a razão para desenvolver tal pesquisa. Organizar as obras de maneira cronológica, analisar a biografia dos que produziram essa nova arquitetura e comprovar a inserção do movimento no cenário nacional. Ver como as experimentações que aconteciam no Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte também influenciavam as obras daqui, e mostrar a evolução do raciocínio que primeiramente parte do racionalismo carioca e vai moldando-se, fundindo-se, ensaiando até chegar as concepções brutalistas.

Assim, nas residências aqui analisadas podemos claramente perceber três momentos. O primeiro marcado pela influência do racionalismo carioca, em que predomina a busca pela volumetria pura e uma planta funcional e racional, tudo em branco, uma ode ao purismo corbusiano. O segundo, um período de transição, promovendo maior afirmação dos materiais, mas mantendo a mesma resolução de planta e volumetria. Volumes ainda puros, mas experimentando texturas, revestimentos e cores.

Por fim um terceiro momento caracterizado pela adoção da expressão brutalista. Na qual ainda persiste uma certa preocupação com os volumes, mas ganha em importância a estrutura. Agora o foco não é mais o plástico, mas sim o arrojado estrutural, o grande balanço. Um momento no qual os materiais em sua aparência bruta, o super dimensionamento de vigas e pilares, a exposição das instalações e a expressão plástica dessas verdades trazem a tona os anseios e influências da escola paulista de arquitetura.

Essas três fases não ocorrem rigidamente em sequência. Alguns exemplares são tardios, outros acontecem mais cedo na linha do tempo local. São exemplos que vão se sobrepondo em espaços de transição dos conceitos, no qual a adoção dos preceitos das diferentes escolas podem ocorrer até mesmo simultaneamente.

Pela distância das grandes capitais e pela própria idade da cidade, seus arquitetos findaram por se formar em outros centros, só então levando para Goiânia a que neles era corrente. Dessa forma temos aqui uma adoção tardia desses conceitos, o que justifica essa mistura não tão rígida das formas de se pensar a arquitetura.

A primeira casa modernista projetada por um arquiteto em Goiânia (1953), pode ser diretamente vinculada a escola carioca. Aqui estão presentes alguns elementos como a cobertura em V, a forma trapezoidal e o tratamento do volume branco. Isso possibilita compará-los as características presentes na residência Juscelino Kubitschek (1943, fig.30), de Oscar Niemeyer e também na residência Carmen Portinho (1950, fig.31), de Afonso Reidy. Trata-se de uma influência direta, mas que não se apegava apenas aos aspectos formais.

O autor, Eurico Godoy, graduou-se no Rio de Janeiro em uma época em que o ensino era ainda induzido pelos grandes nomes do modernismo nacional como Afonso Reidy, Irmãos Roberto e Oscar Niemeyer. Ele vivenciou essa época e estava presente no momento de produção das obras clássicas. A sua produção mostra clara influência dos mestres nacionais, não só ligada aos aspectos volumétricos, mas também ao agenciamento de uma planta simples que contém espaços abertos e generosos, ou na



Fig.30 . Residência Juscelino Kubitschek.
Autor: Não Informado. In: NIEMEYER, 2004. p.360.



Fig.31 . Residência Carmen Portinho.
Autor: Michel Aertsens. In: MINDLIN, 2000. p.77.



Fig.32 . Residência Couto e Silva.
Autor: Arquivo Carmen Portinho. In: XAVIER, 1991. p.56.

escolha das espécies a serem plantadas no jardim. Ele nos mostra uma preocupação conceitual própria, não sendo um mero repetidor de soluções correntes.

Em suas outras duas residências, aqui estudadas, é possível ainda perceber a influência do Rio de Janeiro, mas agora as casas ganham riqueza de materiais. O arquiteto experimenta pedras, pastilhas e pinturas diferentes para definir os volumes do edifício. A alternativa de tratar os planos da fachada com revestimento de pedras ou pastilhas, como na residência José Parrode (1962), também é utilizada com maestria por Affonso Reidy na residência Couto e Silva (1953, fig.32).

A escada de acesso ao pavimento superior e a setorização interna da residência Eurípedes Ferreira (1962), faz clara alusão a casa de campo de Guilherme Brandi (1952, fig.33), obra de Sergio Bernardes. Além disso, o pátio interno e o volume prismático superior mais fechado em contraposição aos espaços abertos, fazem parte de um repertório comumente utilizado em inúmeros exemplares de edifícios representativos do Movimento Moderno.

As casas de David Libeskind, respectivamente de José Félix (1953), de Haji Ascar (1957), e de Abdala Abraão (1967), nos mostram uma preocupação com o purismo da forma, reduzindo e transformando os planos de paredes em superfícies ornamentadas, fisicamente soltas entre si, definindo espaços ventilados e bem iluminados. Nas duas primeiras casas citadas, essas características são mais marcantes, ligando-se ao purismo carioca, mas voltando-se a referências californianas, como Richard Neutra na residência David Sorkol (1948, fig.34), ou as propostas das Case Study Houses, numa demonstração de sua atualização.

Formas puras e de fácil leitura, porém trabalhadas com diferentes materiais e texturas, experimentando elementos em variadas composições, ligando a arte dos azulejos as ruas, aquecendo ambientes ou aumentando a inércia térmica de superfícies que recebem insolação direta. Essas características ainda estão presentes em sua última casa edificada na capital goiana. Porém agora o volume já não é tão simples, concentrado sua atenção em valores espaciais internos, uma influencia dos jardins pergolados de



Fig.33 . Casa de campo de Guilherme Brandi.
Autor: Michel Aertsens. In: MINDLIN, 2000. p.72.



Fig.34 . Residência David Sorkol.
Autor: Julius Shulman. In: TODTMANN, 1950. p.67.



Fig.35 . Residência Castor Delgado.
Autor: José Moscardi. In: ACAYABA, 1984. p.113.

Rino Levi na residência Castor Delgado (1959, fig.35). Talvez por já estar instigado pela cultura arquitetônica paulista depois de lá ter se estabelecido.

Na residência Benedito Umbelino (1962), projetada por Luis Osório, temos um exemplar de formas límpidas, porém explorando as possibilidades dos materiais tanto nas áreas externas quanto internas. No exterior, encontramos revestimentos em cerâmica, madeiras e lajotas ornamentadas pré-fabricadas; no interior o arquiteto cria ambientações com paredes revestidas em madeira e espaços iluminados por vitrais. Aqui a maior evidência de suas influências fica por conta do espaço interno, no qual encontramos a rampa, o coração da casa, que faz a conexão entre os diferentes níveis e setores.

Essa rampa, com as mesmas características funcionais e plásticas, pode ser encontrada na residência Taques Bittencourt (1959, fig.36), de Vilanova Artigas. Um elemento escultórico, mas ao mesmo tempo primordial para o funcionamento da edificação. Trata-se de uma inspiração justificável, já que o arquiteto formou-se na Universidade Mackenzie, e tinha na época como uma de suas principais referências o próprio Vilanova Artigas, como relata sua esposa.

Silas Varizo, de formação carioca, trouxe para Goiânia alguma de suas referências quando estudante. Na residência Carlos Cunha (1964), podemos perceber que a proteção do alpendre, em painéis vazados, teria sido conceitualmente utilizada nas residências Osmar Gonçalves (1951, fig.37), de Oswaldo Gonçalves, e Walther Moreira Salles (1951, fig.38), de Olavo Reidig.

Na residência Leo Barreto (1974), a composição ainda permanece mais leve, porém é possível perceber as influências da escola paulista na formação de Raul Filó. A resolução da casa como um pavilhão, coberto por uma única laje que acomoda todos os ambientes já nos evidencia uma exaltação a estrutura, mesmo que ainda não esteja super-dimensionada e em concreto sem revestimento, trata-se da técnica levada a um extremo para suportar a concepção espacial proposta.

As paredes em tijolo aparente são a exposição do arcabouço em sua forma bruta, já que esses planos são estruturais e não existem pilares escondidos. As passagens e portas possuem vãos do piso ao teto



Fig.36 . Residência Taques Bittencourt.
Autor: Nelson Kon. In: KAMITA, 2000. p.72.



Fig.37 . Residência Osmar Gonçalves.
Autor: Leon Liberman. In: MINDLIN, 2000. p.68.

permitindo uma clara leitura dos elementos de sustentação, evidenciando que a laje não possui vigas em seu perímetro ou interior. Solução uniforme e esbelta, parecida com aquela utilizada por Lina Bo Bardi em sua residência (1951, fig.39).

Na obra de Paulo Mendonça, como a residência Georhton Philocreon (1975), as referências são mais esparsas, pois trata-se de arquiteto mais jovem que os demais. É por esta razão que as informações e influências já não são mais pontuais de uma escola ou outra, tem uma formação mais global, permitida pelo acesso bem mais facilitado ao que vinha sendo produzido. Contudo, fica clara a influência do grupo paulista, um início de ruptura com o racionalismo carioca. Aqui é possível perceber a exposição da estrutura em sua forma bruta e a valorização dessas soluções.

As lajes estão todas aparentes, vigas não são escondidas por forros, a escada se transforma em escultura solta no espaço e os brises em concreto aparente controlam a incidência solar. O volume superior, avançando sobre o muro de pedras em dimensões não usuais, nos evidencia a força da estrutura na composição volumétrica. São elementos comumente presentes nas obras dos arquitetos paulistas, como a residência Fernando Millan (1971, fig.40), de Paulo Mendes da Rocha, com a escada em espiral dominando o estar, ou o volume que avança sobre o embasamento, como concebe Ruy Othake na residência Nadir Zacharias (1971, fig.41).

Por final temos as experimentações de Antônio Lúcio, na residência Ruffo de Freitas, (1974), e em sua própria casa (1975), nas quais percebemos uma aplicação mais pura das características do brutalismo. Nesses exemplares, percebemos as vigas dimensionadas para suportar maiores vãos e balanços. Toda a sustentação mantém-se aparente e o resultado volumétrico parte essencialmente de uma resolução estrutural do espaço, tal qual alguns clássicos exemplares do brutalismo, como a residência Ivo Vitorito (1964, fig.42), de Vilanova Artigas, ou a residência de Paulo Mendes da Rocha (1966, fig.43).

Em sua própria residência estrutura é o elemento principal, configurando os ambientes e ditando características plásticas finais. Na residência Ruffo de Freitas estão presentes o concreto aparente e a valorização dos elementos estruturais, porém os mesmos não dominam a composição externa e interna.



Fig.38 . Residência Walther Moreira Salles.
Autor: Marcel Gautherot. In: MINDLIN, 2000. p.69.



Fig.39 . Residência Lina Bo Bardi.
Autor: Jorge Hirata. In: ACAYABA, 1994. p.43.

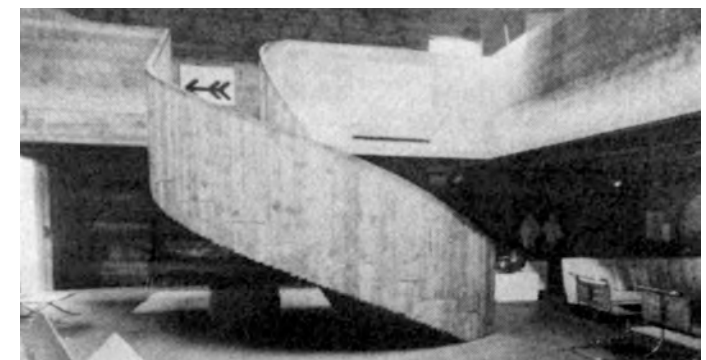


Fig.40 . Residência Fernando Millan.
Autor: José Moscardi. In: XAVIER, 1983. p.133.

Por modificações do projeto, a concepção inicial que previa uma obra toda em concreto, teve que sofrer alterações.

Apesar de uma certa defasagem, podemos perceber que essas residências realizadas em Goiânia encaixam-se a perfeição na produção modernista que vinha sendo edificada pelo Brasil. Ela é formalmente, espacialmente e teoricamente compatível com toda essa tradição e vincula-se as grandes obras e aos grandes mestres sob todos os aspectos.

Os arquitetos que as produziram vieram dos centros universitários cujo o ensino já sofria influência da nova arquitetura, e aqui, em Goiânia, puderam aplicar o que aprenderam com os mestres brasileiros, com os quais, estagiaram, trabalharam e conversaram. Influenciados, porém acrescentando seus traços próprios, todos eles fazem parte de um excepcional momento da arquitetura brasileira.

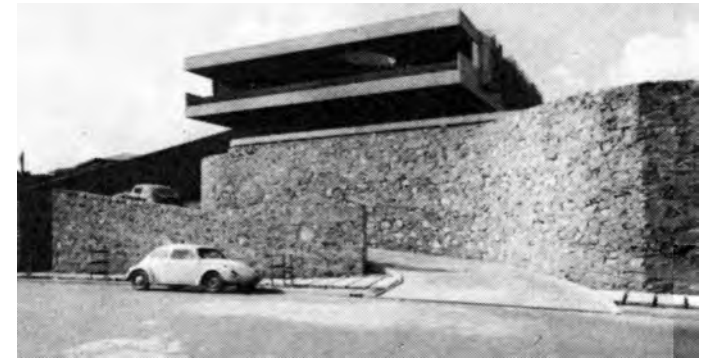


Fig.41 . Residência Nadir Zacharia.
Autor: José Moscardi. In: XAVIER, 1983. p.125.



Fig.42 . Residência Ivo Vitorito.
Autor: Jorge Hirata. In: ACAYABA, 1984. p.189.



Fig.43 . Residência Paulo Mendes da Rocha.
Autor: Jorge Hirata. In: ACAYABA, 1984. p.212.

8. Créditos

FIGURA 3

Autor: Desenho técnico de Eurípedes Neto a partir das fontes citadas.

Fonte: Google Earth ©2009, Google, ©2009 MapLink/TeleAtlas, coordenadas: 16°40'44.66"S 49°15'00.49"O, acessado 26/09/2009.

Plantas cadastrais do Município de Goiânia. Prefeitura de Goiânia. SEPLAM. DVMR.

FIGURAS 4, 5, 6, 7, 8 E 9

Autor: Desenho técnico de Eurípedes Neto a partir das fontes citadas.

Fonte: FONSECA, 1992. p.3.; NETO, 2008.

FIGURA 17

Autor: Desenho técnico de Eurípedes Neto a partir das fontes citadas.

Fonte: Google Earth ©2009 Google, ©2009 MapLink/TeleAtlas, coordenadas: 16°40'18.50"S 49°15'39.75"O, acessado 04/04/2009.

Plantas cadastrais do Município de Goiânia. Prefeitura de Goiânia. SEPLAM. DVMR.

FIGURAS 18, 19, 20, 21, 22 E 23

Autor: Desenho técnico de Eurípedes Neto a partir das fontes citadas.

Fonte: ACRÓPOLE, 1957. p366-369.; L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI, n.73. p.71.

FIGURA 32 .

Autor: Desenho técnico de Eurípedes Neto a partir das fontes citadas.

Fonte: Google Earth ©2009 Google, ©2009 MapLink/TeleAtlas, coordenadas: 16°40'58.74"S 49°15'31.72"O, acessado 11/04/2010.

Plantas cadastrais do Município de Goiânia. Prefeitura de Goiânia. SEPLAM. DVMR.

FIGURAS 33, 34, 35, 36, 37 E 38

Autor: Desenho técnico de Eurípedes Neto a partir das fontes citadas.

Fonte: Arquivo pessoal de Lucina Tombi Brasil, gentilmente cedido ao Autor.

FIGURA 49

Autor: Desenho técnico de Eurípedes Neto a partir das fontes citadas.

Fonte: Google Earth ©2009, Google, ©2009 MapLink/TeleAtlas, coordenadas: 16°40'44.09"S 49°16'03.07"O, acessado 04/05/2010.

Plantas cadastrais do Município de Goiânia. Prefeitura de Goiânia. SEPLAM. DVMR.

FIGURAS 50, 51, 52, 53, 54, 55 E 56

Autor: Desenho técnico de Eurípedes Neto a partir das fontes citadas.

Fonte: Levantamento físico planimétrico realizado pelo Autor.

FIGURA 59

Autor: Sulamita Suilank Simão Vieira Borges.

Fonte: BORGES, 1990. p.51.

FIGURA 62

Autor: Desenho técnico de Eurípedes Neto a partir das fontes citadas.

Fonte: Google Earth ©2009, Google, ©2009 MapLink/TeleAtlas, coordenadas: 16°40'35.84"S 49°15'02.17"O, acessado 26/09/2009.

Plantas cadastrais do Município de Goiânia. Prefeitura de Goiânia. SEPLAM. DVMR.

FIGURAS 63, 63, 65, 66, 67, 68 E 69

Autor: Desenho técnico de Eurípedes Neto a partir das fontes citadas.

Fonte: LONGHI, 1999. p.27-29.; Levantamento físico planimétrico realizado pelo Autor.

FIGURA 76

Autor: Desenho técnico de Eurípedes Neto a partir das fontes citadas.

Fonte: Google Earth ©2009, Google, ©2009 MapLink/TeleAtlas, coordenadas: 16°40'56.08"S 49°15'28.10"O, acessado 26/09/2009.

Plantas cadastrais do Município de Goiânia. Prefeitura de Goiânia. SEPLAM. DVMR.

FIGURAS 77, 78, 79, 80, 81 E 82

Autor: Desenho técnico de Eurípedes Neto a partir das fontes citadas.

Fonte: Projeto legal aprovado em 09/05/1961. Pranchas s/n. Arquivo do proprietário.

FIGURA 89

Autor: Desenho técnico de Eurípedes Neto a partir das fontes citadas.

Fonte: Google Earth ©2009, Google, ©2009 MapLink/TeleAtlas, coordenadas: 16°40'53.34"S 49°15'29.94"O, acessado 26/09/2009.

Plantas cadastrais do Município de Goiânia. Prefeitura de Goiânia. SEPLAM. DVMR.

FIGURAS 90, 91, 92, 93, 94, 95 E 96

Autor: Desenho técnico de Eurípedes Neto a partir das fontes citadas.

Fonte: TOLEDO, 1991, p.60-61.; Levantamento físico planimétrico realizado pelo Autor.

FIGURA 106

Autor: Desenho técnico de Eurípedes Neto a partir das fontes citadas.

Fonte: Google Earth ©2009, Google, ©2009 MapLink/TeleAtlas, coordenadas: 16°40'58.74"S 49°15'18.32"O, acessado 11/04/2010.

Plantas cadastrais do Município de Goiânia. Prefeitura de Goiânia. SEPLAM. DVMR.

FIGURAS 107, 108, 109, 110, 111 E 112

Autor: Desenho técnico de Eurípedes Neto a partir das fontes citadas.

Fonte: Levantamento realizado pela 14ª Superintendência Regional do IPHAN baseado nas plantas aprovadas. Levantamento físico planimétrico realizado pelo Autor.

FIGURA 124

Autor: Desenho técnico de Eurípedes Neto a partir das fontes citadas.

Fonte: Google Earth ©2009, Google, ©2009 MapLink/TeleAtlas, coordenadas: 16°40'58.56"S 49°15'02.41"O, acessado 04/05/2010.

Plantas cadastrais do Município de Goiânia. Prefeitura de Goiânia. SEPLAM. DVMR.

FIGURAS 125, 126, 127, 128 E 129

Autor: Desenho técnico de Eurípedes Neto a partir das fontes citadas.

Fonte: Projeto legal aprovado em 04/01/1973. Pranchas 01 a 06. Arquivo do proprietário.

FIGURA 141

Autor: Desenho técnico de Eurípedes Neto a partir das fontes citadas.

Fonte: Google Earth ©2009, Google, ©2009 MapLink/TeleAtlas, coordenadas: 16°41'11.78"S 49°15'65.48"O, acessado 06/05/2010.

Plantas cadastrais do Município de Goiânia. Prefeitura de Goiânia. SEPLAM. DVMR.

FIGURAS 142, 143, 144, 145, 146, 147

Autor: Desenho técnico de Eurípedes Neto a partir das fontes citadas.

Fonte: Projeto legal aprovado em 11/12/1973. Pranchas 01 a 04. Arquivo do proprietário.

FIGURA 158

Autor: Desenho técnico de Eurípedes Neto a partir das fontes citadas.

Fonte: Google Earth ©2009, Google, ©2009 MapLink/TeleAtlas, coordenadas: 16°42'02.28"S 49°15'40.75"O, acessado 11/04/2010.

Plantas cadastrais do Município de Goiânia. Prefeitura de Goiânia. SEPLAM. DVMR.

FIGURAS 159, 160, 161, 162, 163, 164

Autor: Desenho técnico de Eurípedes Neto a partir das fontes citadas.

Fonte: BUCAR, 1985. p.1-5.

FIGURA 174

Autor: Desenho técnico de Eurípedes Neto a partir das fontes citadas.

Fonte: Google Earth ©2009, Google, ©2009 MapLink/TeleAtlas, coordenadas: 16°41'51.89"S 49°16'04.81"O, acessado 03/06/2009.

Plantas cadastrais do Município de Goiânia. Prefeitura de Goiânia. SEPLAM. DVMR.

FIGURAS 175, 176, 177, 178, 179 E 180

Autor: Desenho técnico de Eurípedes Neto a partir das fontes citadas.

Fonte: ANDRADE, 1986. Anexos.

9. Bibliografia

ACAYABA, Marlene Milan. "Residências em São Paulo 1947-1975". São Paulo: Editora Projeto, 1984.

ACRÓPOLE. "IV Bienal". São Paulo. n.226 set.1957.

ANDRADE, Valéria Rodrigues. "Rua 38, 720". Trabalho apresentado na disciplina Teoria e História VI da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UCG. Goiânia, 1986. NDD-UCG, Trabalho 508, Caixa Arquivo 58.

ANELLI, Renato; GUERRA, Abílio; KON, Nelson. "Rino Levi: Arquitetura e cidade". São Paulo: Romano Guerra Editora, 2001.

ARTIGAS, Rosa (org.). "Paulo Mendes da Rocha". São Paulo: Editora Cosac & Naify, 2002.

AUXILIADORA, Maria. "Monumento aos Mortos da FEB na Segunda Guerra Mundial". Rio de Janeiro: FEB, Retorno, 2010. Disponível em: <<http://segundaguerra.org/monumento-aos-mortos-da-feb-na-segunda-guerra-mundial>> Acesso em: 02 julho 2010.

BARBOSA, Eduardo Simões. "Entrevista 22/02/2010: Arquiteto que atuou em Goiânia". Brasília, 22 fevereiro 2010. Entrevista concedida a Eurípedes Afonso da Silva Neto.

BARRETO, Amanda. "Art déco: Depoimentos e imagens". Goiânia: R&F Editora, 2007.

BARRETO, Leo Queiroz. "Entrevista 28/11/2009: Cliente de Raul Filó". Goiânia, 28 novembro 2009. Entrevista concedida a Eurípedes Afonso da Silva Neto.

BLUMENSCHNEIN, Marilda. "O art déco em Goiânia". Goiânia: Cegraf/UFG, 2004.

BOAVENTRUA, Deusa Maria Rodrigues. "Igreja Nossa Senhora de Fátima". Trabalho apresentado na disciplina Teoria e História VI da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UCG. Goiânia, 1978. NDD-UCG, Trabalho 497, Caixa Arquivo 57.

BORGES, Gilson. "Teatro Goiânia: histórias e estórias". Goiânia: Editora da UVG, 2007.

BORGES, Sulamita Suilank Simão Vieira. "Arquitetura Moderna em Goiânia nos anos 50." Trabalho apresentado na disciplina Teoria e História da Arquitetura IX da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UCG. Goiânia, 1990. NDD-UCG, Trabalho 651, Caixa Arquivo 77.

BOTELHO, Tarcísio Rodrigues (Org.). "Goiânia: Cidade pensada". Goiânia: Editora da UFG, 2002.

BRASIL, Luciana Tombi. "David Libeskind". São Paulo: Romano Guerra Editora/Edusp, 2007.

BRUAND, Yves. "Arquitetura contemporânea no Brasil". São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

BUCAR, Mustafá. "Residência". Trabalho apresentado na disciplina Teoria e História VI da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UCG. Goiânia, 1985. NDD-UCG, Trabalho 500, Caixa Arquivo 57.

CARVALHO, Manoel Balbino de. "Entrevista 07/12/2008: Arquiteto Local". Goiânia, 07 dezembro 2008. Entrevista concedida a Eurípedes Afonso da Silva Neto.

COELHO, Gustavo Neiva. "A modernidade do art déco na construção de Goiânia". Goiânia: Edição do Autor, 1997.

COELHO, Gustavo Neiva. "Goiás, uma reflexão sobre a formação do espaço urbano". Goiânia: Editora da UCG, 1998.

COELHO, Gustavo Neiva; VALVA, Milena D'Ayala. "Patrimônio cultural edificado". Goiânia: Editora da UCG, 2001.

CORBUSIER, Le. "Por uma arquitetura". São Paulo: Perspectiva, 2004.

COSTA, Teresa Cristina. "Um pouco da história da engenharia e do planejamento administrativo em Goiás". Goiânia: Memória - Professor Irineu Borges do Nascimento, 2006. Disponível em: <<http://www.adufg.org.br/noticias.php?idmateria=978&idlink=3>> Acesso em: 23 junho 2010.

CUNHA, Sáida. "Entrevista 07/11/2009: Artista Plástica, cliente de Silas Varizo". Goiânia, 07 novembro 2009. Entrevista concedida a Eurípedes Afonso da Silva Neto.

DAHER, Tânia. "Goiânia – Uma utopia européia no Brasil". Goiânia: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2003.

ELIADE, Mircea. "O sagrado e o profano". São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERRARI, Antônio Lúcio. "Dados pessoais formação profissional". Prancha de apresentação. Arquivo pessoal do arquiteto. Goiânia, 1984 A.

FERRARI, Antônio Lúcio. "Edifício de Apartamentos, Goiânia, GO, 1977". Prancha de apresentação. Arquivo pessoal do arquiteto. Goiânia, 1984 B.

FERRARI, Antônio Lúcio. "Palácio Maçônico, Goiânia, GO, 1975". Prancha de apresentação. Arquivo pessoal do arquiteto. Goiânia, 1984 C.

FERRARI, Antônio Lúcio. Entrevista concedida a Maria de Fátima Gomes. Goiânia, 27 out. 1986. In: GOMES, Maria de Fátima. "Metodologia de Projeto". Trabalho apresentado na disciplina Teoria e História da Arquitetura IX da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UCG. Goiânia, 1986. NDD-UCG, Trabalho 116, Caixa Arquivo 15.

FERRARI, Antônio Lúcio. "Entrevista 09/08/2008: Arquiteto Local". Goiânia, 09 agosto 2008. Entrevista concedida a Eurípedes Afonso da Silva Neto.

FIGUEIREDO, Aline. "Artes Plásticas no Centro-Oeste". Cuiabá: Museu de Arte e de Cultura Popular/UFMT, 1979.

FILHO, Manuel Ferreira Lima; MACHADO, Laís Aparecida (Orgs.). "Formas e tempos da cidade". Goiânia: Editora da UCG, 2007.

FONSECA, Fabio C. "Residência Unifamiliar". Trabalho apresentado na disciplina Teoria e História da Arquitetura I da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UCG. Goiânia, 1992. NDD-UCG, Trabalho 708, Caixa Arquivo 86.

FROTA, Filomena Pires. "Entrevista 21/11/2009: Cliente de Antônio Lúcio". Goiânia, 21 novembro 2009. Entrevista concedida a Eurípedes Afonso da Silva Neto.

GONÇALVES, Alexandre Ribeiro. "A construção do espaço urbano de Goiânia (1933-1968)". Goiânia, 2002. Dissertação (Mestrado história) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás.

GONÇALVES, Alexandre Ribeiro. "Goiânia: Uma modernidade possível". Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2003.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. "O palacete paulistano". São Paulo: Martins Fontes, 1996.

IBGE. Conselho Nacional de Geografia. "Goiânia". Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1942.

IBGE. "Goiânia". Rio de Janeiro: Banco de Dados Cidades, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em: 03 fevereiro 2010.

KAMITA, João Masao. "Vilanova Artigas". São Paulo: Cosac & Naify, 2000.

L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI. "Jeunes architectes dans le monde". Paris. n.73.

LEMOS, Carlos A. C.. "História da casa brasileira". São Paulo: Contexto, 1996.

LIMA, Elani de Souza Lima. "Fachadas". Trabalho apresentado na disciplina Teoria e História VI da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UCG. Goiânia, 1984. NDD-UCG, Trabalho 489, Caixa Arquivo 56.

LONGHI, Fabiana. “Casa Moderna”. Trabalho apresentado na disciplina Teoria e História da Arquitetura IV da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UCG. Goiânia, 1999. NDD-UCG, Trabalho 2074, Caixa Arquivo 316.

LUSCHER, Juliana. “Identificação de uma obra, em Goiânia, com características Modernas”. Trabalho apresentado na disciplina Teoria e História da Arquitetura IV da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UCG. Goiânia, 1999. NDD-UCG, Trabalho 2081, Caixa Arquivo 316.

MAHLER, Christine Ramos. “O Brutalismo – (Historia e evolução na arquitetura brasileira)”. Trabalho apresentado na disciplina Teoria e História da Arquitetura IX da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UCG. Goiânia, 1988. NDD-UCG, Trabalho 87, Caixa Arquivo 11.

MANSO, Celina Fernandes Almeida. “Goiânia. Um certo olhar”. Goiânia: Edição do Autor, 2001.

MANSO, Celina Fernandes Almeida. “Goiânia art déco: acervo arquitetônico e urbanístico. Dossiê de tombamento”. Goiânia: Seplan, 2004.

MENDONÇA, Lúcia de Barros. “Entrevista 21/11/2009: Irmã de Paulo Mendonça”. Goiânia, 21 novembro 2009. Entrevista concedida a Eurípedes Afonso da Silva Neto.

METRAN, Márcia. “Moderno e modernismo”. São Paulo, 1996. Dissertação (Mestrado arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

METRAN, Márcia. “Goiânia: Cidade de pedras e de palavras.” Goiânia: Ed. Da UFG, 2006.

MINDLIN, Henrique. “Arquitetura moderna no Brasil”. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. “Como nasceu Goiânia”. São Paulo: Empresa Gráfica Revista dos Tribunais, 1938.

MORAES, Maria Heloísa Lima. “A composição das fachadas nos edifícios residenciais em Goiânia na década de 60”. Trabalho apresentado na disciplina Teoria e História da Arquitetura X da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UCG. Goiânia, 1993. NDD-UCG, Trabalho 797, Caixa Arquivo 101.

MORAES, Maria Vanilda Rodrigues de. “Caixa Econômica Federal”. Trabalho apresentado na disciplina Teoria e História VI da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UCG. Goiânia, 1984. NDD-UCG, Trabalho 452, Caixa Arquivo 54.

MORAES, Sérgio. "O Empreendedor imobiliário e o estado: O processo de expansão de Goiânia em direção sul (1975-1985)". Brasília, 1991. Dissertação (Mestrado arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília.

MOURA, Ana Amélia de Paula. "Arquitetura residencial moderna em Goiânia: delineando um cenário". Trabalho de Conclusão do Programa de Especialização em Patrimônio PEP – IPHAN. Goiânia: 2009. 14º SR IPHAN GO.

MOYSÉS, Aristides. "Goiânia: Metrópole não planejada". Goiânia: Editora da UCG, 2004.

NETTO, Pimenta. "Anais do batismo cultural de Goiânia". Goiânia: Editora Luzes, 1993.

NIEMEYER, Oscar. "Minha arquitetura, 1937-2004". Rio de Janeiro: Revan, 2004.

OHTAKE, Ruy. "La arquitectura de Ruy Ohtake". Madrid: Celeste Ediciones, 1994.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. "História cultural de Goiânia". Goiânia: Agepel/Ueg, 2002.

OLIVEIRA, Elson Gonçalves. "O legado de Bonfim - IV". Vianópolis: 2009. Disponível em: <<http://www.elsonconsultoria.com.br/blog/?p=137>> Acesso em: 04 abril 2010.

OLIVEIRA, Maria das Mercedes. "Abadânia: Tecnologia da argamassa armada aplicada em construções rurais – Escola Transitória Rural". Trabalho apresentado na disciplina Tecnologia da Arquitetura II da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UCG. Goiânia, 1985. NDD-UCG, Trabalho 360, Caixa Arquivo 40.

OLIVEIRA, Simone Borges. "Princípios básicos da arquitetura moderna: A obra de Eurico Godói". Trabalho apresentado na disciplina Teoria e História da Arquitetura IX da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UCG. Goiânia, 1990. NDD-UCG, Trabalho 830, Caixa Arquivo 107.

PEREIRA, João Antônio. "Paróquia São José: Filiação tipológica e relação com a arquitetura moderna". Trabalho apresentado na disciplina Teoria e História X da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UCG. Goiânia, 1992. NDD-UCG, Trabalho 935, Caixa Arquivo 125.

PINI, Sandra Maria Alaga. "Arquitetura comercial e contexto, um estudo de caso: O conjunto nacional". São Paulo, 2000. Dissertação (Mestrado arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

PIÑON, Hélio. "Teoria do projeto". Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL. Assessoria Especial de Cultura. “Memória cultural: ensaios das historia de um povo.” Goiânia: Ed. Gráfica Ipiranga, 1985.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTE NOVA. “A cidade”. Ponte Nova, 2006. Disponível em: <<http://www.pontenova.mg.gov.br/home/index/paginas/cidade.asp>> Acesso em: 01 junho 2009.

ROCHA, Arliete. “Entre o clássico e o contemporâneo”. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 27 fevereiro 1991. Caderno Casa Design. p.5.

ROCHA, Hélio. “Sete décadas de Goiânia”. Goiânia: Contato Comunicação, 2003.

SABINO, Oscar (Org.). “Goiânia documentada”. São Paulo: Gráfica e Editora EDIGRAF, 1960.

SABINO, Oscar. “Goiânia global”. Goiânia: Oriente, 1980.

SEGAWA, Hugo. “Oswaldo Arthur Bratke”. São Paulo: ProEditores, 1997.

SILVA, Odair Fernandes. “Primeiros conjuntos habitacionais de Goiânia”. Trabalho apresentado na disciplina Teoria e História da Arquitetura IX da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UCG. Goiânia, 1992. NDD-UCG, Trabalho 707, Caixa Arquivo 86.

STINCO, Claudia Virginia. “David Libeskind e o conjunto nacional”. São Paulo, 2005. Dissertação (Mestrado arquitetura) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie.

TEIXEIRA, Luiz Fernando Cruvinel (Org.). “Problemas urbanos de Goiânia”. Goiânia: Editora Oriente, 1975.

TODTMANN, Gerth. “ Neutra residências/residences”. São Paulo: Museu de arte de São Paulo, 1950.

TOLEDO, Lucy de Paula. “Arquitetura Moderna em Goiânia: Obra de Silas Varizo”. Trabalho apresentado na disciplina Teoria e História da Arquitetura IX da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UCG. Goiânia, 1991. NDD-UCG, Trabalho 756, Caixa Arquivo 95.

UFG, Fotos dos Sistemas de Bibliotecas da. “Biblioteca Central 13”. Goiânia: Página I, 2008. Disponível em: <<http://www.bc.ufg.br/sophia/bc/sibi/bibliotecacentral12.html>> Acesso em: 01 julho 2010.

UNES, Wolney. “Identidade art déco de Goiânia”. Goiânia: Editora da UFG, 2001.

VARIZO, Silas Rodrigues. "Entrevista 19/09/2009: Arquiteto local". Goiânia, 19 setembro 2009. Entrevista concedida a Eurípedes Afonso da Silva Neto.

VAZ, Maria Diva; ZÁRATE, Maria Heloisa. "A casa goiana: Documentação arquitetônica". Goiânia: Editora da UCG, 2003.

VAZ, Maria Diva; ZÁRATE, Maria Heloisa. "Estudos - Arte e tecnologia V31, N11". Goiânia: Editora da UCG, 2004.

VAZ, Maria Diva; ZÁRATE, Maria Heloisa. In: 6º Seminário DOCOMOMO Brasil. Niterói, "Sobre a arquitetura moderna em Goiânia". Anais. Niterói: ArqUrb/UFF, 2005.

VAZ, Maria Diva; ZÁRATE, Maria Heloisa. "A experiência moderna no cerrado Goiano". São Paulo: Arqtextos 067, 2006. Disponível em: < <http://www.vitruvius.com.br/arqtextos/arq000/esp341.asp> > Acesso em: 13 maio 2008.

VIÉGAS, Fernando Felipe. "Conjunto nacional: A construção do espigão central". São Paulo, 2003. Dissertação (Mestrado arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos; CORONA, Eduardo. "Arquitetura moderna paulistana". São Paulo: Pini, 1983.

XAVIER, Alberto; BRITTO, Alfredo; NOBRE, Ana Luiza. "Arquitetura moderna no Rio de Janeiro". São Paulo: Pini, 1991.

WILHEIM, Jorge (Org.). "Neutra residences". São Paulo: Museu de Arte, 1950.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)